

REVISTA DA SEMANA

Nº 21 — NA CAPITAL Cr\$ 1,50 — NOS ESTADOS Cr\$ 2,00 — 25-5-1946

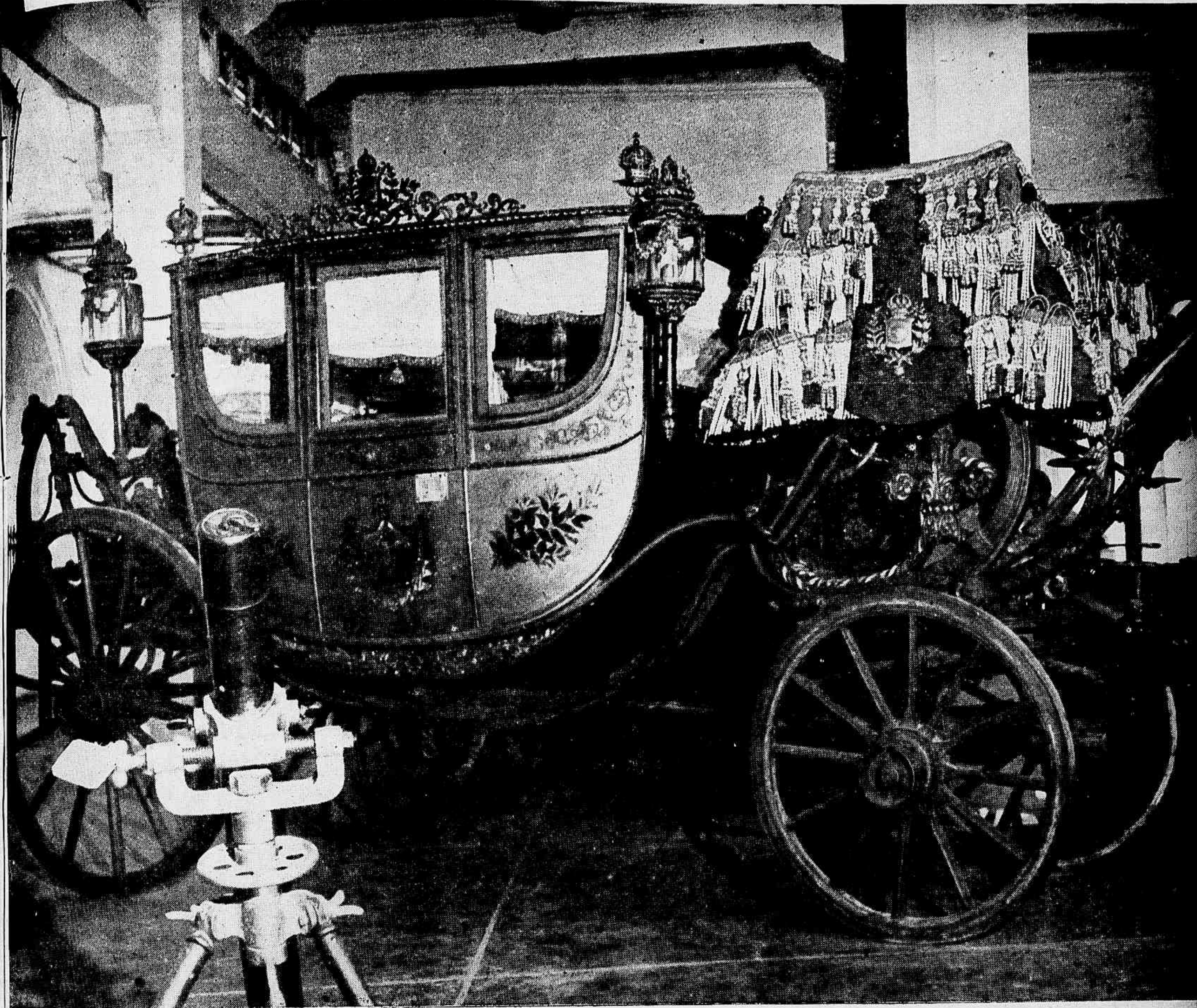




JOCKEY CLUB MUNDANO

No decorrer da reunião turfística de domingo último no Hipódromo da Gávea, a nossa reportagem fotográfica, enquanto as graciosas aficionadas do nobre esporte passeavam pela **pelouse** ou assistiam entusiasmadas aos lances emocionantes das carreiras, colheu os sugestivos flagrantes que aqui reproduzimos.





At VEM O REI... — Uma das duas riquíssimas carruagens que pertenciam ao serviço imperial no segundo reinado, recentemente restauradas pelo Museu Histórico. No interior, o espaço entre os dois assentos, um em frente ao outro, é muito reduzido e, levando-se em conta os catabios que isto deveria dar, é de crer que haja mais conforto num "coca-cola" qualquer, desses que transitam entre Mauá e Monroe. Hoje, o rei preferiria um desses moderníssimos automóveis a 12 ou 24 cilindros, com rádio, refrigeração, relógio, leito, etc. etc.

QUATRO SÉCULOS E MEIO DE HISTÓRIA

UMA VISITA RELAMPAGO AO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL — 38 SALAS DE VELHARIAS QUE VALEM PRECIOSIDADES — O CURSO DE MUSEUS — UMA BANDEIRA DO BRASIL QUE SERVIU DE TAPETE — COÇADEIRAS QUE VOLTAM À HISTÓRIA

Reportagem de
ADHEMAR NÓBREGA

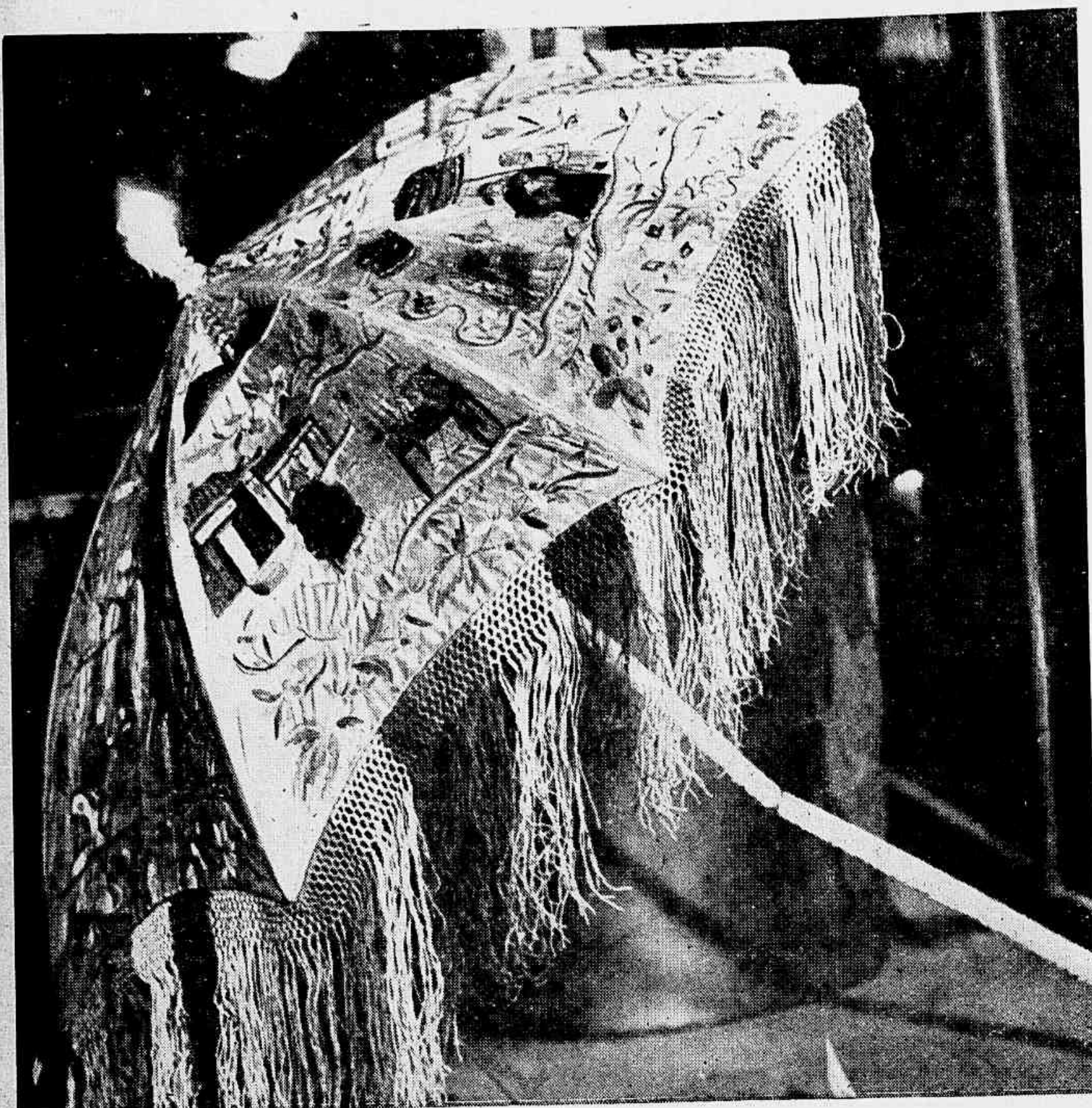
Fotos de
NEWTON VIANA

"J'ai plus de souvenirs
que si j'avais mille ans."

(BAUDELAIRE)

O verso de Baudelaire que inicia um dos poemas da série "Spleen" parece, à primeira vista, inteiramente deslocado no cabeçalho desta reportagem. Impressão, somente. Se a estrofe a que ele pertence fosse citada por completo, o leitor talvez pudesse acusar o reporter de violência contra a memória do autor de "O albatroz" por querer metê-lo à força num museu. Mas, assim isolado, ele toma um novo significado, diferente daquele primitivo sentimento de tédio enlanguescido e inexplicável que lhe deu o criador de "As flores do mal". E passe





"TOUT VA TRÈS BIEN, MADAME LA MARQUISE" — Somente a sua sombrinha, outrora confidente de suas aventuras que encheram os ouvidos e multiplicaram os cochichos das cortesãs de Pedro I, somente a sua sombrinha de cabo de marfim, ricamente bordada por dentro e por fora está aí, numa sala do Museu, acordando a curiosidade da gente. Tudo vai muito bem, Madame Marquesa de Santos, inclusive a sua sombrinha, que é um buraco de fachadura da história...

A República tem duas salas consagradas à guarda e conservação de relíquias ligadas próxima ou remotamente ao 15 de Novembro. Aqui vê-se um detalhe de uma delas, onde está guardada a espada que o Marechal Deodoro conduzia ao proclamar a República. Na página ao lado, o riquíssimo trono dourado em que D. Pedro II lia as sentenciosas falas do trono para os "augustos e digníssimos representantes da Nação". E' uma cadeira confortável, não resta dúvida. Vendo-a, muita gente ainda há de suspirar: que tempo bom!

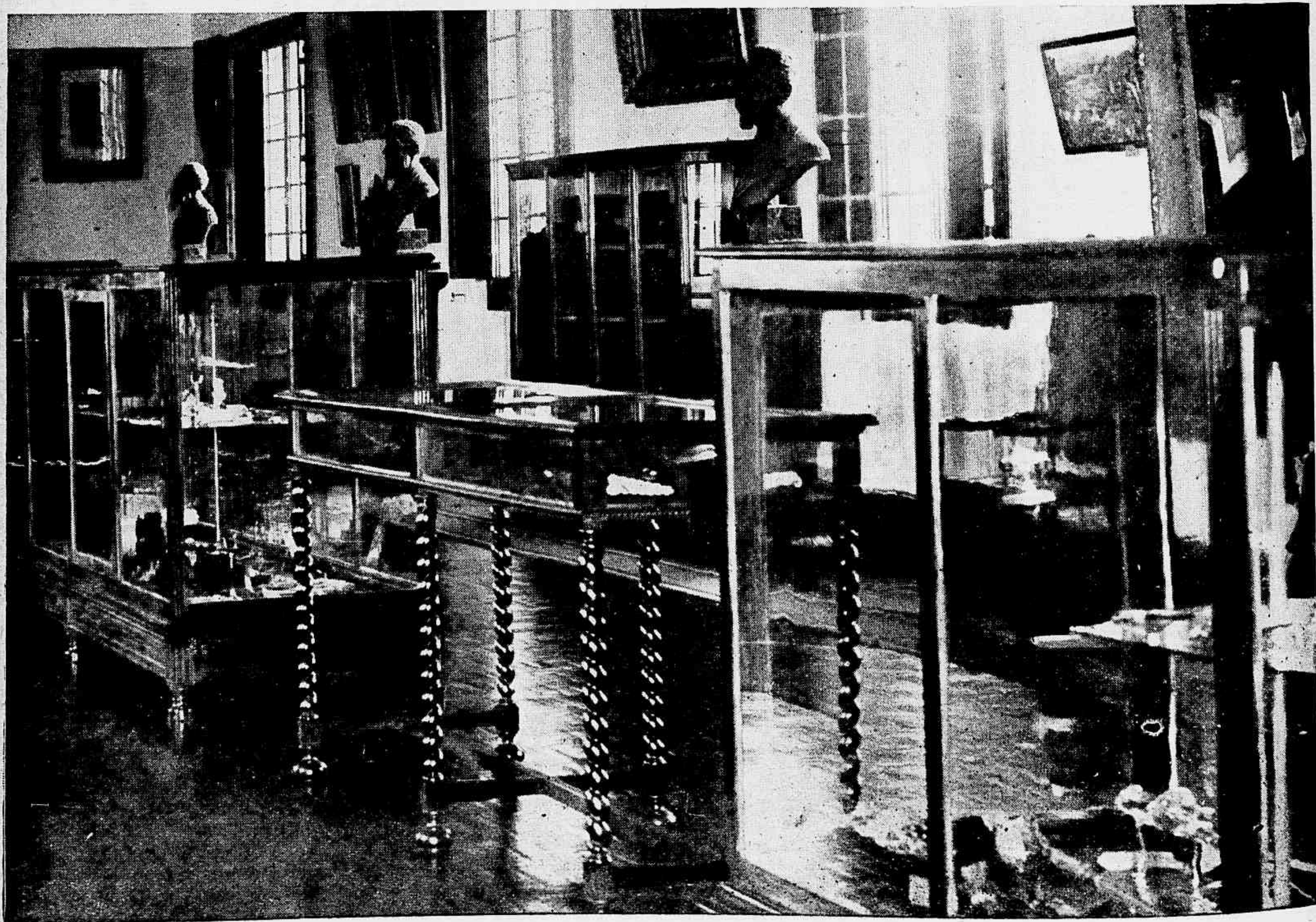
a traduzir a sensação de vizinhança com o passado que nos invade ao transpor os umbrais das salas de um museu, no caso o Museu Histórico Nacional.

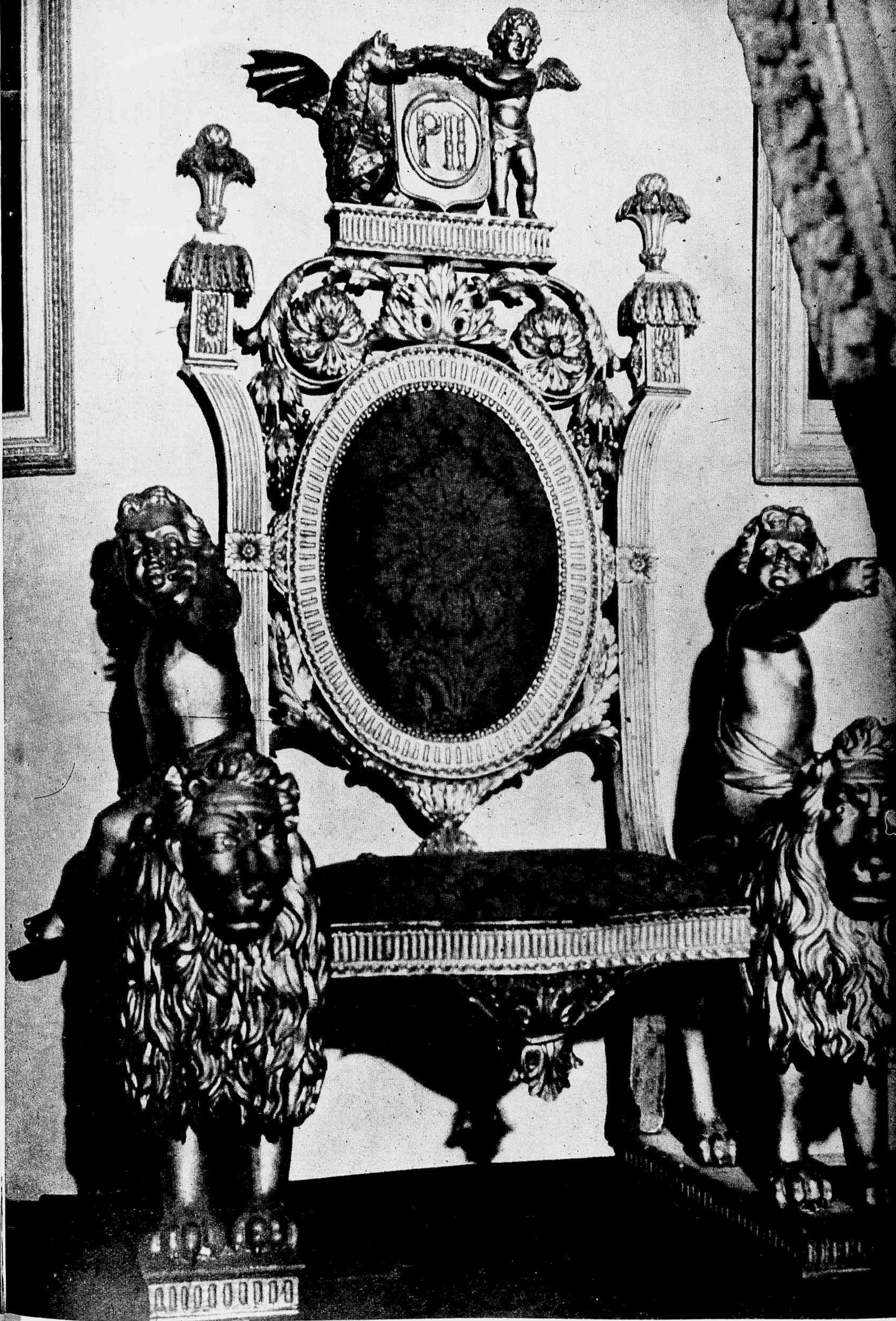
Verdadeiramente, não há nenhum método de ensino que fixe tão nitidamente em nossa memória um assunto em estudo como a presença de elementos materiais, testemunhos visíveis e palpáveis (não obstante a recomendação "é proibido tocar nos objetos") de acontecimentos e fenômenos que prenderam nossa atenção. Infelizmente, não é possível adotar-se essa prática para todos os ramos do conhecimento. Seria ingenuidade, senão ridículo, tentar ilustrar abstrações com provas materiais. Mas, sempre que o assunto possibilita, indique a oportunidade desse processo seria bom não desprezá-lo.

Assim, a História conta com um poderoso auxiliar nos museus e arquivos. Aí se encontram velharias que são sinônimos de preciosidades. Respeitáveis canhões hoje emudecidos que nos falam de sangue derramado ao fragor de batalhas cruentas, restos de um casco de navio com o galardão de impactos do inimigo, mobiliário trabalhado por mão de artista, contando-nos um estágio de evolução das artes decorativas, porcelanas que nos levam ao oriente, uma peça indiscreta de vestuário a murmurar segredos de alcova, — todas essas velharias reconstituem episódios da história dos quais as páginas dos compêndios nos deram apenas noções sumárias, relatos incompletos.

A CASA DO BRASIL

Na praça Marechal Ancora, em frente ao Mercado Municipal, há um edifício em estilo colonial, em parte construído em 1767 (a Casa da Ordem), parte em 1822 (o antigo Arsenal de Guerra) e um anexo levantado em 1835.





No local já funcionaram várias repartições públicas, inclusive a Imprensa Nacional e o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos. Hoje, todo o conjunto é ocupado pelo Museu Histórico Nacional, a Casa do Brasil, como é conhecido.

HISTÓRICO

O Museu Histórico Nacional foi criado por decreto de 2 de agosto de 1922, valendo pois o seu aparecimento como uma das comemorações do centenário da nossa independência.

O seu patrimônio foi constituído inicialmente pelas coleções do antigo Museu de Artilharia, do Arquivo Nacional e da Secção de Numismática de Biblioteca Nacional instaladas inicialmente em duas salas.

Hoje, todavia, decorridos quase 24 anos, desde a sua inauguração a 12 de outubro de 1922, o patrimônio do M. H. N. aumentou consideravelmente (durante anos ao sabor de doações particulares e ultimamente com aquisições custeadas pelo governo) ocupando agora 38 salas de exposição e tornando-se o mais importante museu da América do Sul.

Além das salas de exposição há as de conferência, Biblioteca, de aulas e de expediente.

CURSO DE MUSEUS

O Museu mantém há 14 anos um curso destinado à formação de profissionais, denominado Curso de Museus. E é o dr. Menezes de Oliva, professor de Arte Brasileira e estudioso apaixonado do assunto que nos fala com a segurança de um "connaisseur" e a amabilidade solícita de um "gentleman".

— Como é fácil de prever, um museu exige para a sua conservação e funcionamento, além de um apreciável lastro de conhecimentos e muita probidade, a técnica inerente ao assunto e conhecimentos especializados, mesmo, dentro da carreira. Não se pode esperar muito de um museu entregue a um leigo da mesma forma que eu poria dúvidas no funcionamento de uma usina elétrica sob minha direção. Daí, a necessidade que tínhamos de um curso o qual foi criado em 7 de março de 1932 e para cujo ingresso se exige dos candidatos que tenham feito, pelo menos, o curso secundário.

As matérias estão distribuídas da seguinte forma:

1.º ano — História do Brasil (período colonial), Numismática (parte geral), História da Arte Brasileira, Arqueologia (parte geral) e Técnica de Museus (1.ª parte).

2.º ano — História do Brasil (até a atualidade), Numismática e Sigilografia (parte brasileira), Técnica de Museus (2.ª parte) e Arqueologia (parte brasileira).

Convém notar, muito embora se trate de informação reservada colhida pelo reporter, que desde sua fundação até 1944, os professores desse curso lecionam sem receber vencimentos, muito embora os alunos pagassem regularmente as taxas devidas.

BENEMÉRITOS

Indagamos ao dr. Menezes de Oliva quais os principais doadores à Casa do Brasil.

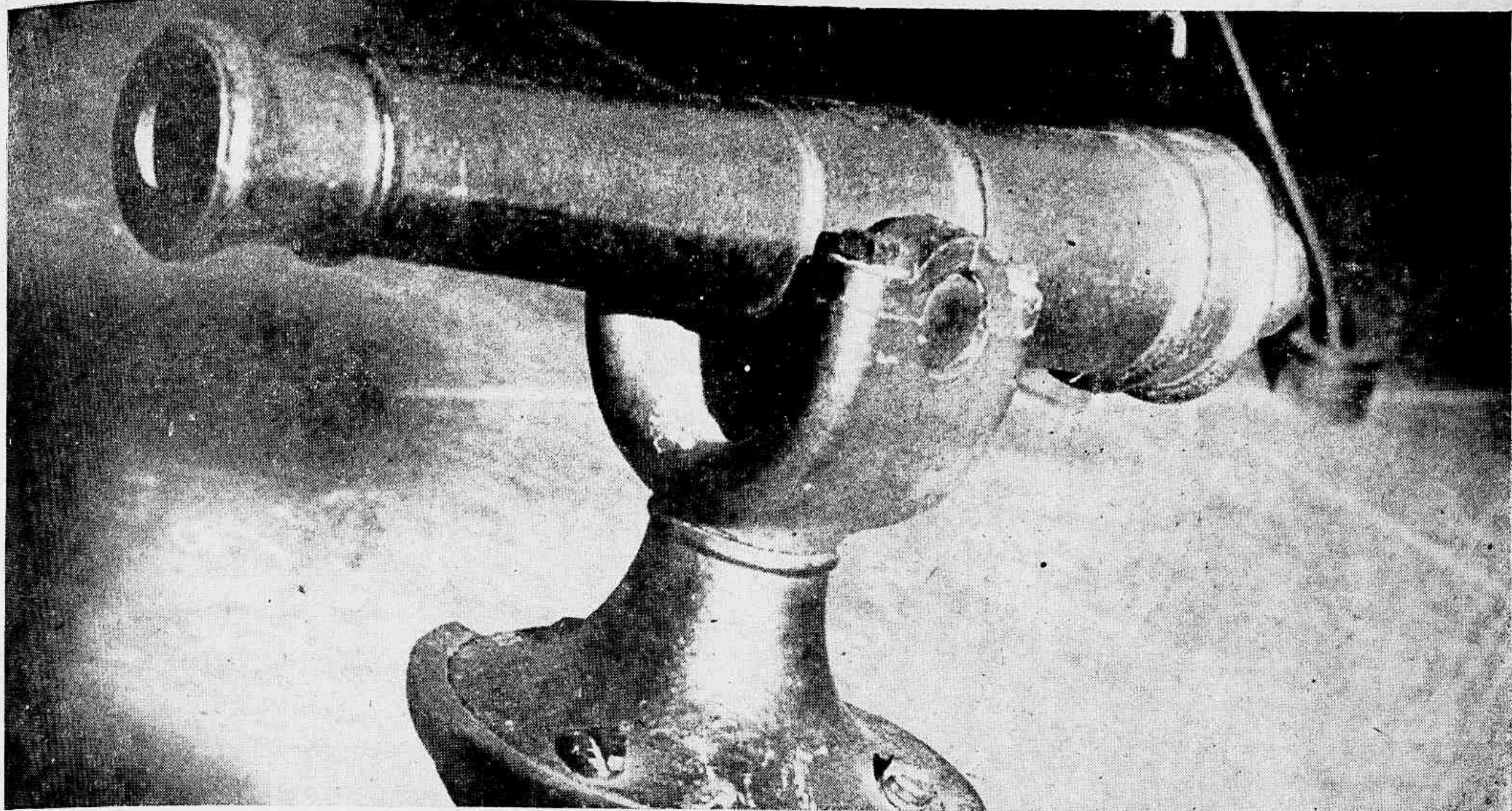
— Os Guinle, Mendes Campos, a viúva Miguel Calmon e outros. Dos primeiros vêm-se nomes por toda parte como patronos de salas de exposição, sobressaindo-se destas a Sala Guilherme Guinle, onde há cerca de 13 mil moedas brasileiras, sendo 3 mil oferecidas pelo patrono, das quais mais de mil de ouro.

A MÁQUINA DO TEMPO

O professor Menezes de Oliva leva-nos para o 2.º andar, afim de nos mostrar uma sala de sua preferência. E à medida que subimos

TORPEDOS — Além de objetos ligados diretamente à nossa história, o Museu Histórico guarda e expõe doações relacionadas com acontecimentos históricos, mesmo fora do Brasil. Exemplo disso, são esses torpedos do tipo usado na primeira grande guerra. Num deles, sem revestimento, vê-se instalado junto ao eixo e do lado esquerdo o giroscópio, aparelho de cujo funcionamento dependia a direção do terrível engenho da guerra marítima de 1914-18.





JOÃO DE BOTAS notabilizou-se na revolta das tropas brasileiras contra os portugueses chefiados pelo general Madeiro, logo após o "Independência ou Morte!". Aqui vê-se um canhão rodízio que nessa revolta funcionou instalado na proa de um dos lanchões de João de Botas. (Sala Porto Alegre do Museu Histórico Nacional)

vamos nos lembrando irremediavelmente de uma historieta de vespertino na qual uma engenhosa máquina leva os pacientes a apreciar séculos e mais séculos no passado, a viver na infância da civilização. Sim, sem dúvida aquelas escadas são a máquina do tempo e o dr. Menezes de Oliva o professor Papanatas, criador da máquina. Em 3 minutos e com o auxílio de uns 30 degraus ele nos conduz a um passado de 300 anos... (e se o leitor quiser pode continuar a progressão).

Enfim, abre-se uma porta e o professor de Arte Brasileira nos empurra no Brasil Colônia, junto aos vice-reis e ao seu luxo a lembrar a miséria que isso custava à Terra de Santa Cruz. Estamos na

SALA D. JOÃO VI,

realmente harmoniosa no seu conjunto e valiosa pelos objetos que encerra, notadamente o mobiliário colonial trabalhado em jacarandá.

Logo à direita prende-nos a atenção um banco extenso, pesado e negro, notável pela finalidade que teve 150 anos atrás: foi o banco da antiga sala nobre da Casa dos Contos, em Ouro Preto, no qual se sentaram os inconfidentes.

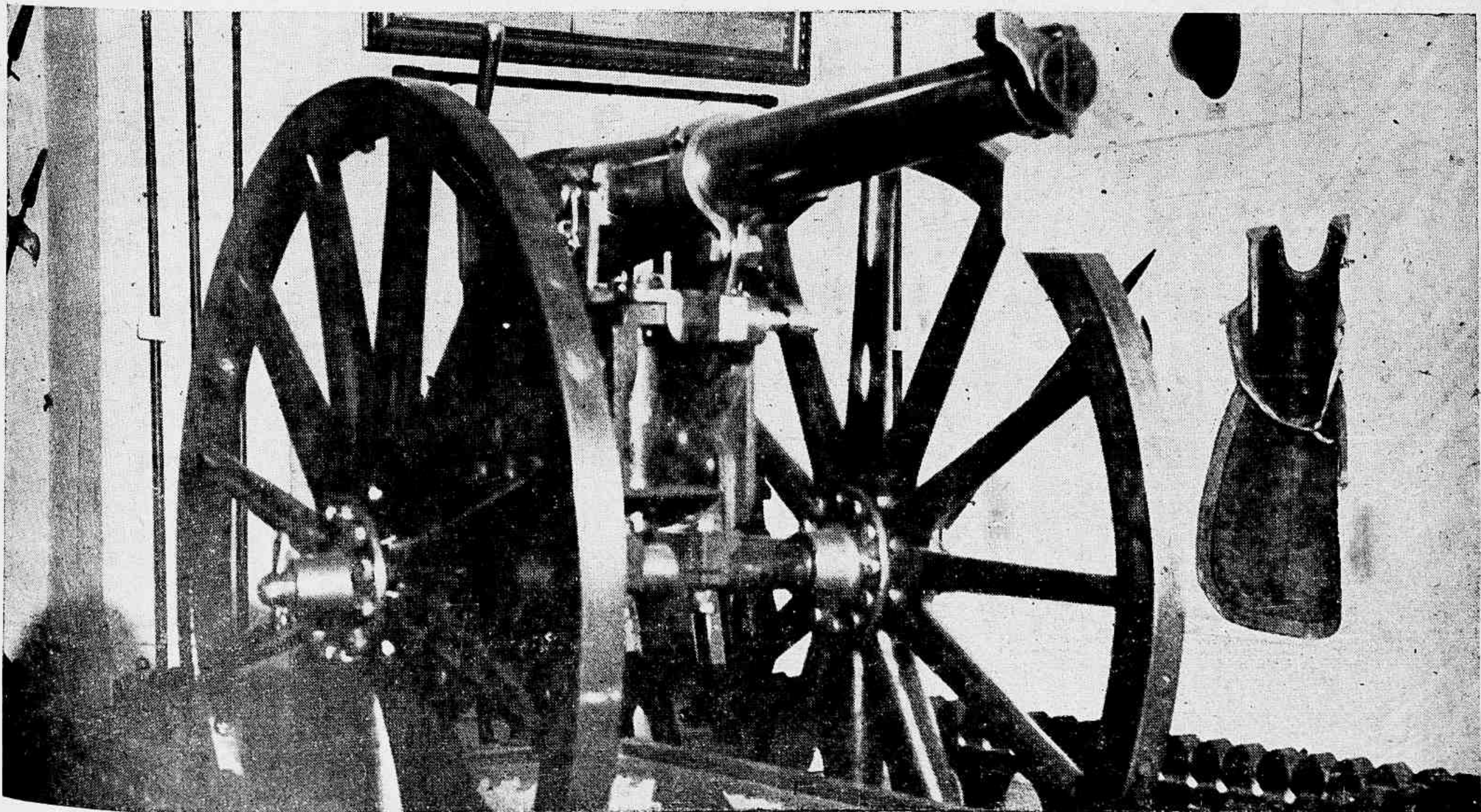
Adiante, cadeiras, armários, oratórios e outros móveis da era colonial, de uma era que passou.

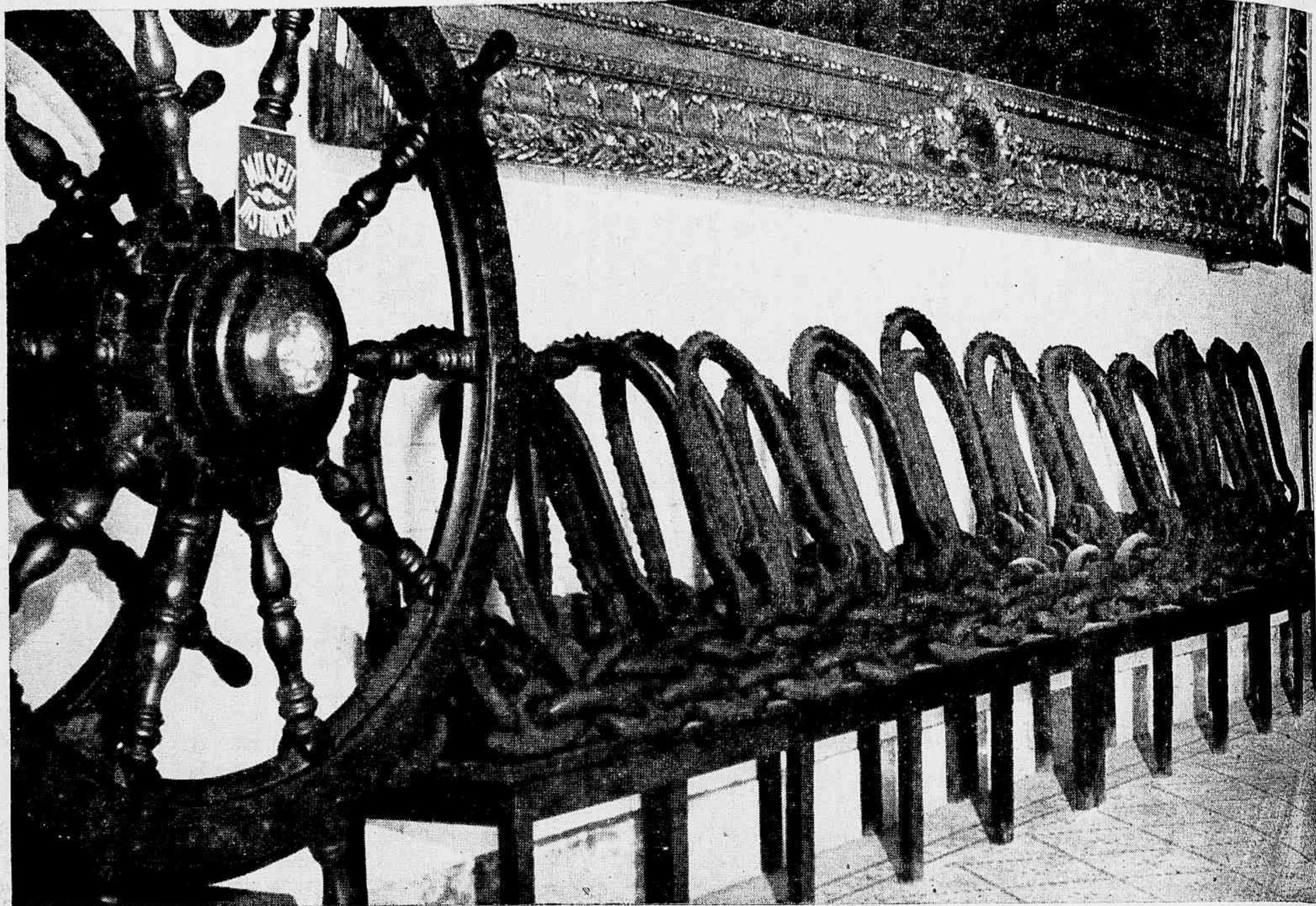
De um autor anônimo, vários quadros a

óleo nos mostram aspectos do Rio de Janeiro antigo. Um deles de magnífica oportunidade pois que retrata os Arcos e o lamaçal onde hoje se encontra a Lapa com a sentença de morte lavrada, tal é o projeto de urbanização do trecho da cidade onde fica situada a REVISTA e onde estamos nós com os nossos problemas e os nossos vales...

Um ao lado do outro, existem na sala dois autógrafos que prendem a atenção do visitante: um de Joaquim Silverio dos Reis Montenegro (o último sobrenome, ao que parece, por disfarce) e outro de Tiradentes, o símbolo, por excelência, de todas as nossas revoluções libertárias hoje surpreendentemente transformado em patrono da Polícia.

DE KRUPP A FLORIANO — As atitudes enérgicas e arbitrarias do Marechal de Ferro de certo impressionavam os alemães, amigos tradicionais da razão pela força. E talvez, como símbolo bastante significativo dessa consideração, as usinas Krupp deram de presente a Floriano este canhão revólver, ainda em condições de perfeito funcionamento.



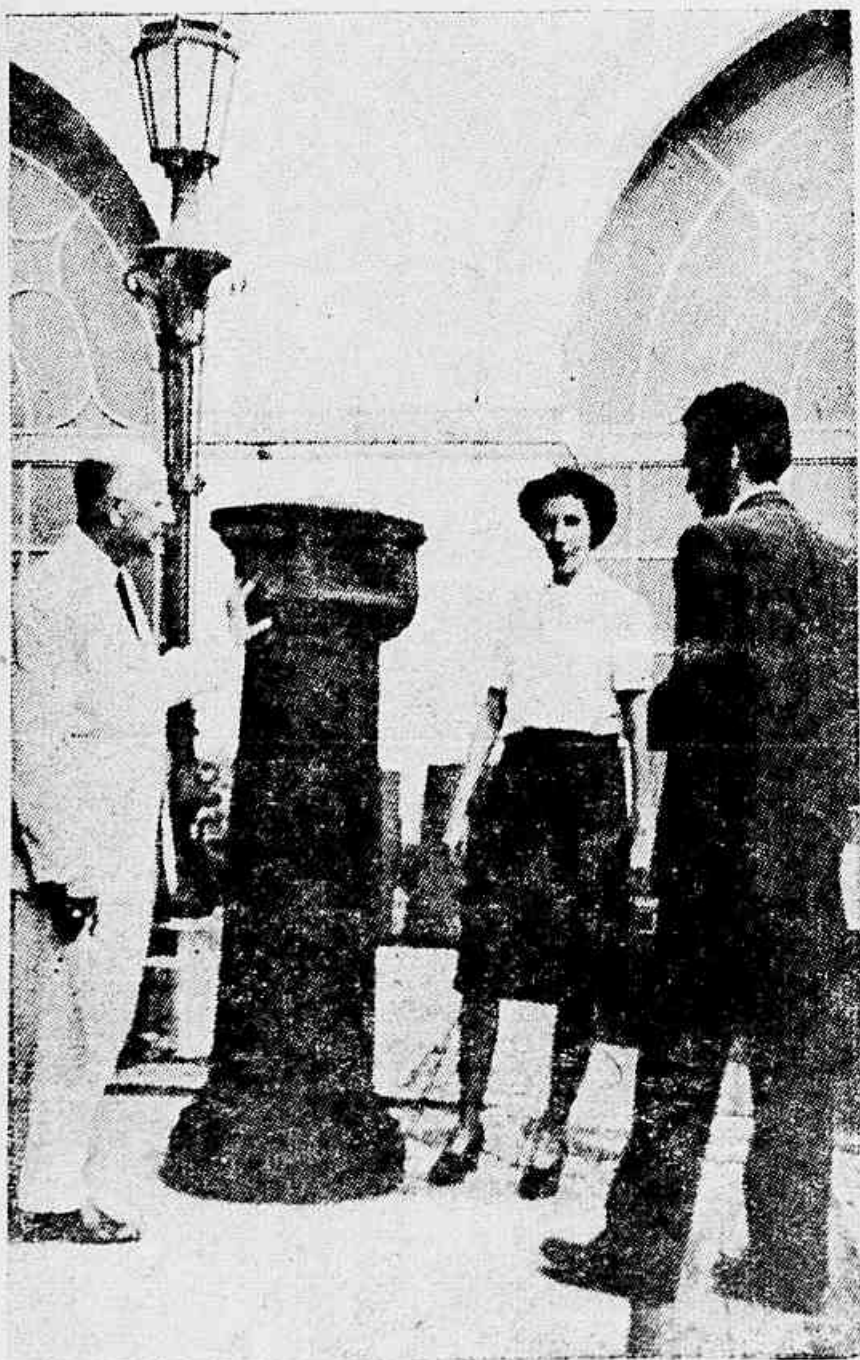


UMA TÉCNICA ANTIGA, sem dúvida, essa de fechar passagem a esquadras por meio de correntes. Os paraguaios usaram-na numa curva do rio Paraguai, onde os nossos navios deveriam, além disso, ficar expostos ao fogo das baterias da fortaleza de Humaitá. A empresa foi realmente perigosa mas no dia seguinte Humaitá era mais uma página de um passado glorioso da esquadra. Em primeiro plano, o leme da corveta "Alagoas", que tomou parte na ação.

Ainda de Tiradentes, é com emoção que contemplamos duas grandes traves da força em que ele morreu pela liberdade.

Não visitamos as salas pela ordem de anti-

O CORREIO era uma coisa séria no tempo do Império. Lento porém seguro. E uma prova aí está na solidez dessa caixa postal que o dr. Menezes de Oliva e a sta. Nilza mostram ao reporter.



guidade dos seus objetos nem levando em conta o critério dos pavimentos onde elas se localizam.

A lembrança de um fato da história, uma associação de idéias, uma referência desprezível — e eis que o professor Menezes de Oliva, agora acompanhado da sta. Nilza Maria Vilela Botelho, distinguida funcionária da Casa do Brasil, aciona a máquina do tempo e nos leva para diante ou para atrás, no carro da história.

Assim é que fomos parar na

SALA D. PEDRO I

onde há que se admirar objetos pertencentes a figuras do 1.º reinado.

Chama-nos a atenção um piano de armário que pertenceu ao trêfego imperador e que possui um mecanismo à maneira de pianola reproduzindo, ainda hoje músicas da época.

Afora outros objetos que figuraram nos salões da Corte, inclusive três peças de mobiliário finamente trabalhadas com incrustações de marfim, lembrando a Marquesa de Santos, a quem pertenceram, figuram ali, ciosamente guardadas num armário uma camisa e uma sombrinha com cabo de marfim, outrora confidentes íntimas da vaidade da ruidosa dama do 1.º reinado.

UMA CADEIRA CONFORTÁVEL

Daí passamos à Sala D. Pedro II, onde se pode contemplar um mundo de objetos que testemunharam a estabilidade do 2.º reinado — leques e mantos riquíssimos, caixas de rapê, relógios e mobílias — cousas que fizeram o conforto e o luxo dos cortesãos de D. Pedro II, de quem se vê, ao fundo, a confortável cadeira que é o trono de S. M., sentado no qual ele se dirigia aos "augustos e digníssimos representantes do povo". E' um

assento confortável e que parece ter sido construído para muitos anos, tal a solidez que aparenta.

HISTÓRIA DE UMA BANDEIRA

Na Sala Duque de Caxias são guardadas as relíquias da nossa história militar, os nossos troféus de guerra.

Nesta sala, — conta-nos o dr. Menezes de Oliva, podia-se presenciar todos os anos, a 5 de janeiro, uma cena tocante pela sua singularidade e sinceridade: logo que se abria o museu, entrava pressuroso um velhinho que vinha direto até em frente a esta bandeira, perfilava-se, fazia-lhe continência e demorava-se em votiva contemplação. Depois retirava-se.

— Mas que tem esta bandeira para merecer essa homenagem?

— Eu ainda não acabei, continua o professor Oliva: se havia alguém por perto, o velhinho chamava e, trazendo-o até aqui, contava, com a voz trêmula de emoção, uma história mais ou menos assim:

"Veja esta bandeira: ela já foi o meu Brasil lá no Paraguai.

Entrámos em Assunção no dia 5 de janeiro de 1869. Era um dia bonito. Fui com os meus soldados ao palácio de Solano Lopez, que era a melhor confirmação da nossa vitória. Pois bem: quando entrei no gabinete em que trabalhava o ditador, vi debaixo da sua mesa, servindo de tapete, toda pisada, esta bandeira que aí está. De um salto apanhei-a do chão guardando-a dentro da minha túnica. E quando eu senti a bandeira junto ao meu peito, era como se estivesse com o meu Brasil distante palpitando dentro de mim."

Terminando a sua narrativa, o velhinho tremia de emoção e de todas as vezes que me foi dado presenciar a cena partilhava desse

sentimento, tal o calor da sinceridade que envolvia as suas palavras.

— Mas quem era ou é, afinal, êsse curioso visitante?

— Era o tenente Fidêncio Lemos do Prado, natural de Imbituva, no Paraná, e que fez toda a campanha do Paraguai, terminando como comandante do 27.º Corpo de Voluntários da Pátria. A bandeira que é, por sinal, uma das que figuravam no "Marquês de Olinda", navio cujo aprisionamento provocou a irrupção da guerra, êle a conservou até 1922 quando, tendo vindo ao Rio para presentear a ao Conde d'Eu e para assistir às comemorações do centenário, resolveu doá-la ao Museu Histórico.

"ON NE PASSE PAS"

A Sala Almirante Barroso é particularmente grata aos que se interessam pelos feitos da nossa marinha. Lá estão respeitáveis troféus da campanha do Paraguai, avultando entre êles, pela sua importancia as correntes que fechavam o rio Paraguai em frente á fortaleza de Humaitá. Pondo as correntes lá, pensaram os oficiais de Lopez: "on ne passe pas"...

Ao lado das correntes pode-se ver a roda do leme do monitor "Alagoas" que forçou a passagem de Humaitá

"LE ROI S'AMUSE" — O Hino da Independência não é a única prova dos pendores musicais do turbulento 1.º imperador do Brasil. Aí está um piano que lhe pertenceu e no qual possivelmente "cavou" muitas melodias para as suas patuscadas com o "Chalçaça".

"ULTIMA RATIO JUSTICAE"

Um vasto pátio de nome "Epitácio Pessoa", onde são guardados velhos canhões do Brasil, de Portugal e de outras nações que influíram em nossos destinos ou que conosco mantêm estreitas relações.

Um velho canhão português de 1680, de D. Pedro, de Portugal, traz esta inscrição eloquente: "Ultima ratio justitiae".

Também está ali "El Cristiano", fundido com o bronze dos sinos das igrejas de Assunção e integrante da famosa bateria "Londres", que guarnecia a passagem de Humaitá.

UM PRESENTE DE KRUPP A FLORIANO

Alinhadas ao longo de uma extensa sala estão devidamente identificadas as mais variadas coleções de espadas, sabres e lanças que se usaram no Brasil, muitas trazidas do estrangeiro, algumas de grande valor histórico. Assim é que se podem ver aí armas percutidas com o auxílio de complicados e morosos maquinismos, dando a impressão de que funcionavam tão depressa como corre um processo pelas nossas secretarias de Estado...

Ao centro, canhões e outras preciosidades, entre elas um canhão-revólver presenteado pelas usinas Krupp a Floriano Peixoto e um pequeno canhão rodísio que figurava na

prôa de um dos lanchões do famoso João de Botas, na revolta da Bahia contra as tropas do general Madeiro.

UM PRECURSOR DOS TANQUES DE GUERRA...

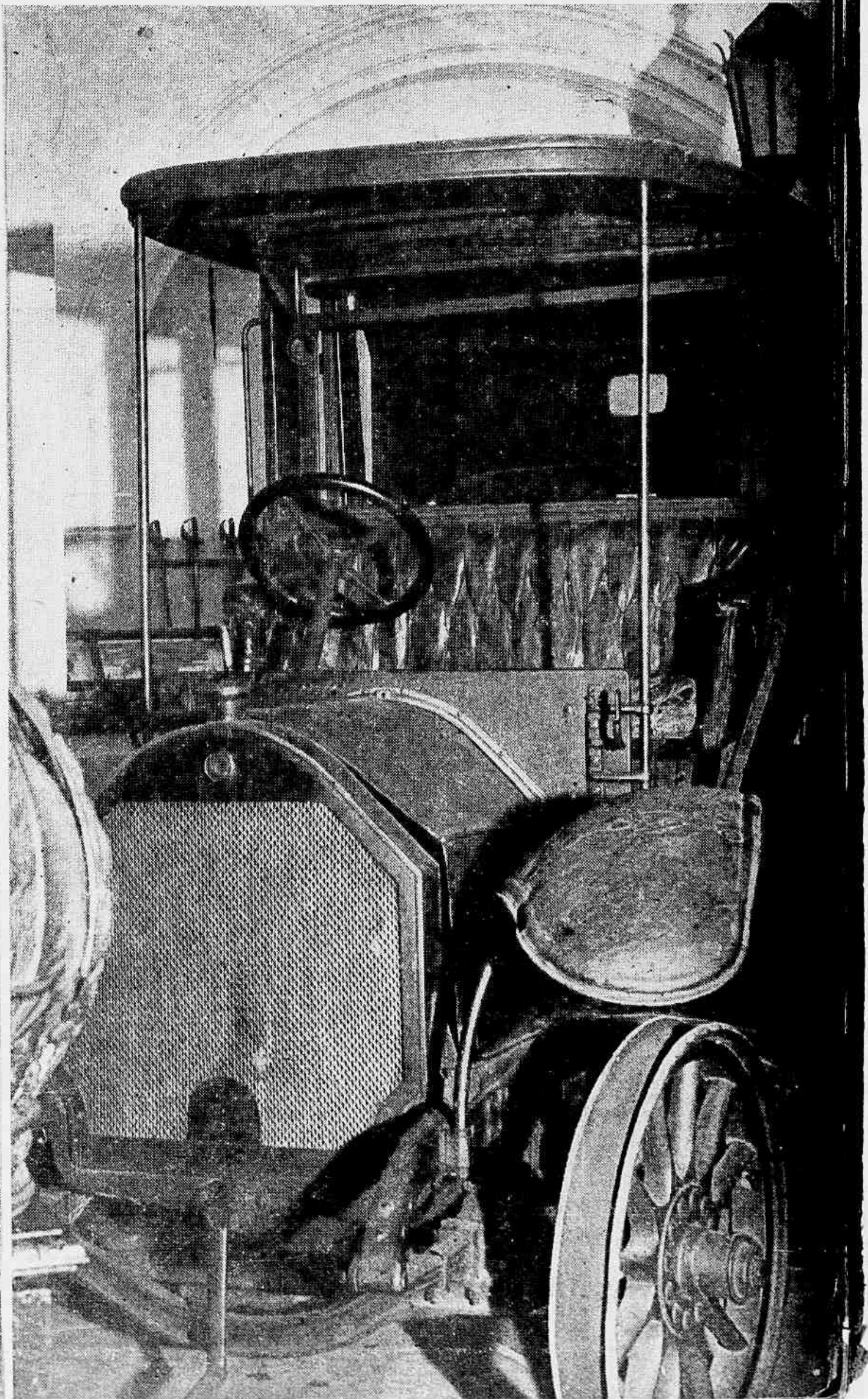
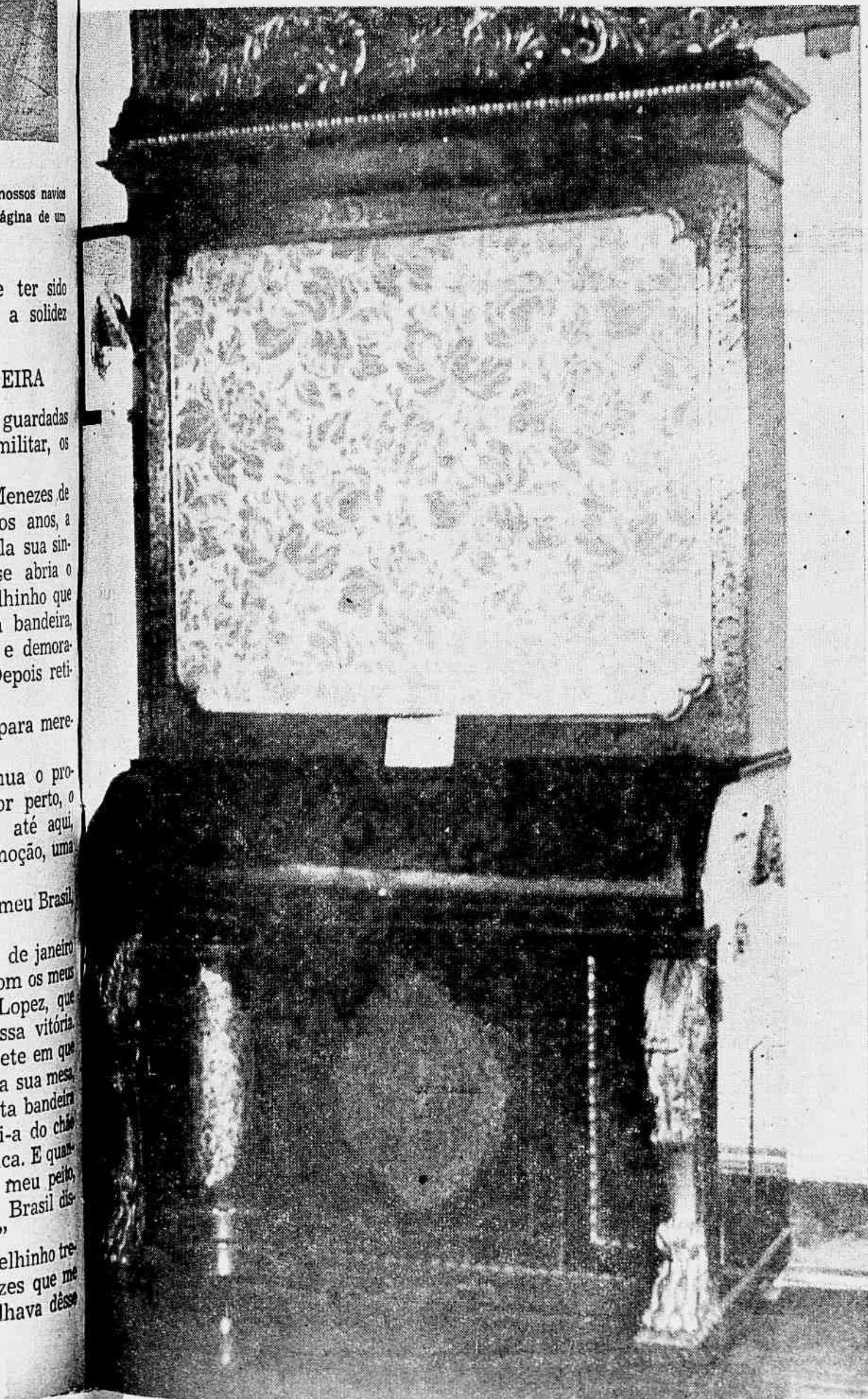
Ainda na mesma sala, o reporter pode anotar a presença de uma sólida e formidável estrutura de aço que a sta. Nilza explica ter sido o automóvel adquirido pelo Ministério das Relações Exteriores para uso de D. Carlos de Portugal, quando o monarca luso estava de viagem marcada para o Brasil. Não se realizando a viagem, o veículo que tem a aparência de um carro de combate, foi pôsto ao serviço do Barão do Rio Branco, que dêle se utilizou até a sua morte em 1912.

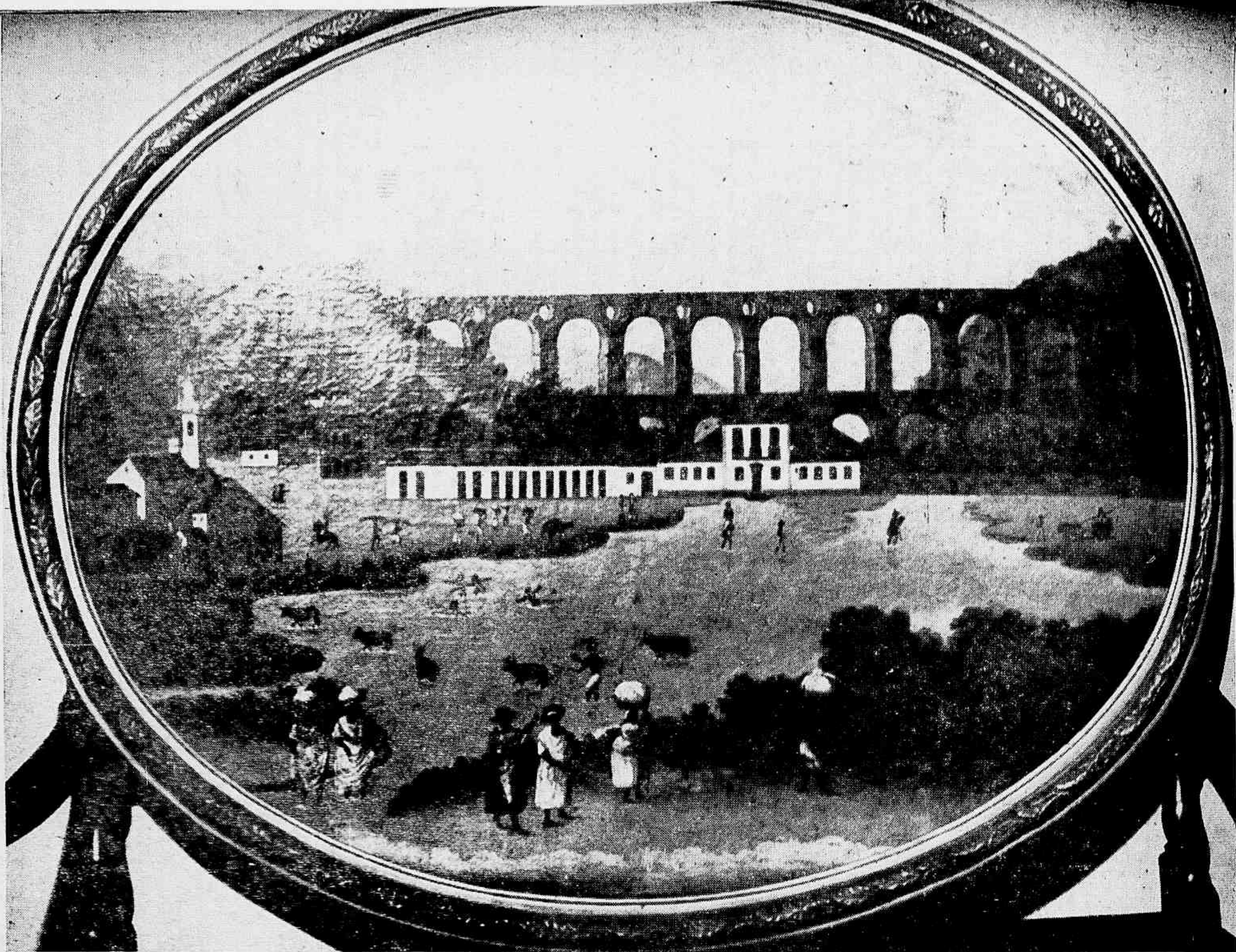
Adianta a gentil informante que, segundo as crônicas da época, a passagem do barulhento automóvel pelas ruas da pacata cidade de São Sebastião atemorizava até os defuntos.

A PRIMEIRA CAIXA POSTAL

Como se sabe, o Brasil foi um dos primeiros países a aderirem à convenção postal universal. Daí a importancia de que se reveste a conservação, no Museu, da primeira caixa postal que tivemos, tão sólida como que pretendendo abrigar os segredos de correspondência dos olhos criminosos da censura...

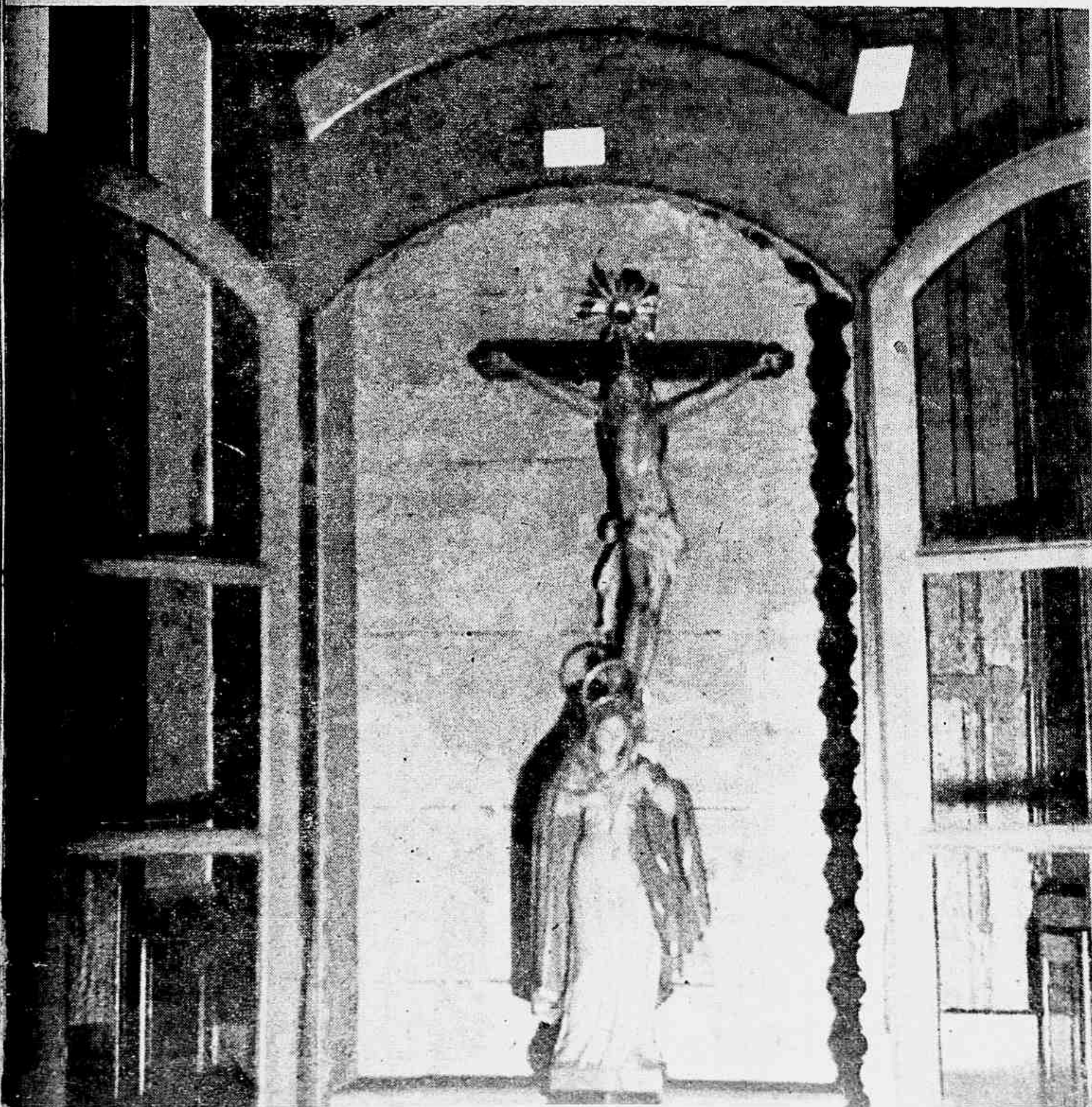
ISTO NAO E' UM "JEEP" APOSENTADO, mas, simplesmente, um carro de luxo, marca "Porthos", que o Ministério das Relações Exteriores mandou buscar (possivelmente na Europa, a ver pelo volante do lado direito), para serviço do rei D. Carlos de Portugal. Como não se realizou a visita real, o Barão do Rio Branco usou êste couraçado até a morte.





ISTO ERA A LAPA ao tempo do vice-rei D. Luiz de Vasconcelos: um casarão onde hoje é a praça dos Arcos e um pantano hoje transformado nas ruas Visconde de Maranguape e Mem de Sá. Foi aquele vice-rei o primeiro urbanizador do bairro, mandando construir o Passeio Público. Hoje a Lapa está em vias de mais uma transformação.

PROTEÇÃO DIVINA A REGÊNCIA — O 2.º reinado começou sob inspiração cristã. Tendo por mestre Frei Pedro de Santa Mariana, Pedro II continuou a tradição, tendo como um dos regentes o padre Diogo Antonio Feijó, de quem se vê, abaixo, um oratório.



A HISTÓRIA SE REPETE

Mas o Museu Histórico é enorme e não é possível, numa só reportagem, conciliar o interesse que despertam milhares de reminiscências do passado com a escassez de espaço.

Mas assim mesmo vamos, aqui e ali, anotando alguma coisa de interesse, quer pela importância histórica, do ponto de vista cronológico, quer pelo caráter pitoresco.

Numa das salas, por exemplo, a nossa objetiva apanha um par de coçadores, curiosos aparelhos constantes de uma vareta munida de uma pequena mão de marfim recurvada. Destinava-se, é claro, a mitigar as comichões dos nossos avós cujas roupas não permitiam, como os nossos jaquetões-saco, uma coçadela folgada e eficiente.

Isto é o passado... era o passado, aliás. Pois quem for curioso que vá a uma das nossas grandes casas de perfumes e objetos de luxo, e encontrará as coçadeiras voltando à história da vaidade...

UM POUCO DE REPÚBLICA

Mas chega de reinado. A máquina do tempo nos leva à Sala da República.

Lá está o punhal com que Manso de Paiva assassinou Pinheiro Machado na porta do Hotel dos Estrangeiros, assim como os suspensórios da vítima ainda manchados de sangue.

Uma coleção de bustos de todos os presidentes da República circunda o vasto salão, onde vêem-se ainda a espada que usava o Marechal Deodoro ao proclamar a primeira República dos Estados Unidos do Brasil.

★

Ai está um ligeiro resumo do Museu Histórico, com grandes e inevitáveis lacunas. Não nos propusemos fazer um catálogo. Muita coisa ficou por ver. Mas nós voltaremos...

NESTE NUMERO

N.º 21
25-5-46

REPORTAGENS

Quatro séculos e meio de história (Adhemar Nóbrega)	3/10
O mundo não vale o seu lar	13/15
Figuras e Fatos	26
Do Rio para Hollywood	46/47

LITERATURA

Convite aos astros (Berilo Neves)	17
O bairro da Lapa (Escragnolle Doria)	20
A paisagem era a mesma de ontem (Alberto Moraes Cardoso)	22/23
O "Post-Scriptum" (Adolph Regli)	25
A Volta (Tennison Jessy)	34
Livros Novos (João Luso)	35

FEMININAS

A elegancia na intimidade	29/31
Nos Bastidores Femininos (Kitty)	32
Trajes Escolares	33
"Habillé"	40/41
Seu Crochet	49/50

CURIOSIDADES

A arte da fotografia	21
Atualidades da França	24/25
Teatro de amadores	36/37
A casa de uma "estrela"	38/39

SECÇÕES

De Teatro	18/19
Artes Plásticas	28
A REVISTA em Hollywood	42/43

HUMORISMO

De Bom Humor	16
"Charge" de Raul	50

NOVELA

A Vidente (Amaral Gurgel)	57/58
---------------------------------	-------

NA CAPA

Olga San Juan, que a Paramount está disposta a transformar de simples "new face" em em uma decisiva revelação. Nasceu em Porto Rico.

Os Concursos Literários da REVISTA DA SEMANA

ENCERRAR-SE-A DIA 31 O 4.º CONCURSO DE CONTOS

Estamos recebendo até dia 31, os originais de contos para o 4.º Concurso dessa modalidade literária, promovido por esta revista. A exemplo das provas anteriores, serão seleccionados os dozes melhores contos recebidos, para publicação posterior, concedendo-se aos respectivos autores, o prêmio de Cr\$ 100,00 por original publicado. Em uma de nossas edições de junho publicaremos a relação dos contos recebidos e, destacadamente, os premiados.

Mocinhas e Mulheres

As congestões e inflamações de certos órgãos internos



Certos órgãos internos das mulheres congestionam-se e inflamam-se com muita facilidade.

Para isto, basta um susto, um abalo forte, uma queda, uma raiva, uma comoção violenta, uma notícia má ou triste, molhar os pés, um resfriamento ou alguma imprudência.

Moléstias graves podem começar assim.

Justamente os órgãos mais importantes são os que se congestionam e inflamam mais depressa, sem que a mulher sinta nada no começo.

Nada sentindo no começo da congestão interna ou da inflamação, a mulher não se trata a tempo de evitar que a doença se agrave e vá piorando cada vez mais.

É esta a causa das moléstias mais perigosas!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo provenientes do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
ALIMENTA A PELE — CONTRA AS RUÍNAS
A VENDA EM TODA A PARTE



CONTINUAM EM JULGAMENTO OS ORIGINAIS DAS PEÇAS DE TEATRO

Ainda em poder do representante do Clube Ginástico Português, na comissão julgadora do nosso Concurso Apolónia Pinto, o escritor Daniel Rocha prossegue o exame das dezenas de peças de teatro recebidas dentro do prazo estipulado pelo regulamento. Trata-se de uma delicada tarefa, que carece de tempo e a devida atenção para um desempenho fiel. Em seguida, esses originais serão entregues aos outros membros da comissão: Joracy Camargo, pela S. B. A. T.; Bandeira Duarte, pela Associação Brasileira de Críticos Teatrais, e Floriano Faissal pela Casa dos Artistas. O autor da peça colocada em 1.º lugar, receberá de prêmio a quantia de Cr\$ 10.000,00, oferta do Clube Ginástico Português, cujo elenco de amadores se incumbirá ainda de representá-la.

CONCURSO DE ROMANCES

Também os trabalhos de julgamento continuam de par com o de peças de teatro, devendo conhecer-se o resultado muito brevemente.

O PINCE-NEZ DE OURO

OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVANÇADA REPARAÇÃO DE
ÓCULOS, PINCE-NEZ, LÓRENONS

Luiz R. Ricart

TEL. 22-4940 — RJ

JOIAS, RELOGIOS, BRILHANTES
E ARREIOS PARA PRESENTES

A SEMANA EM REVISTA

A VOLTA DOS HOMENS-LEOPARDO



Custava-nos crer, vendo os filmes de pavor pausados no interior da África selvagem, ou no interior da Índia misteriosa, que aquelas películas tivessem o mínimo laivo de realidade que fôsse. No entanto, coisa mais espantosa e mais terrífica que tudo o que ficou descrito em Gunga Din e em todas as fitas de Tarzan. E' que apareceram, em pleno domínio inglês da Nigéria, os homens-leopardo. O leitor sabe por acaso o que são os homens-leopardo? Vamos contar o que são esses sanguinários indivíduos e todas as desgraçadas façanhas que eles praticam:

Os homens-leopardo são bichos-tutus horrorosos, que perambulam à noite pelas florestas, devorando tudo e sugando o sangue das vítimas indefesas. Quem nos dá notícias deles é a Reuter, uma conspícuca e seríssima agência de notícias inglesa, grave e sisuda como tudo o que é inglês. Pois bem, segundo notícias da Reuter, os homens-leopardo reapareceram num distrito da Nigéria e fizeram um estrago do diabo. Eles, que também respondem pelo nome de "Anyottos", deixaram sobre os campos e as selvas que circundam as aldeias aborígenes nada menos de 200 cadáveres mutilados, entre os quais figuravam os corpos de muitas mu-

lheres e crianças. Segundo ainda o telegrama, os bichões papões, que pertencem a uma sanguinaria seita de fanáticos, rasgaram as carótidas das vítimas, ensopando de sangue o solo em redor. O terror tomou conta das populações, ao se espalhar a notícia da volta dos homens-leopardo. Ninguém dorme mais tranqüilo na Nigéria. Os terríveis fanáticos, que usam uma pele de leopardo em volta da cintura, cobrindo-lhes a coxa até o joelho, trazem nas mãos garras de ferro feitas por ferreiros especializados, que são outros tantos praticantes do estranho culto. Com estas garras eles rasgam os vasos sanguíneos de seus inimigos, deixando-os sem vida atirados nas florestas ermas.

Pedida providencia ao ministro das Colonias de Sua Majestade, o titular prometeu resolver o caso. Isto quer dizer que um regimento móvel das tropas imperiais será jogado nos distritos assolados pelos terríveis assassinos. Como nas fitas de aventuras, a metralhadora da infantaria colonial varrerá da Nigéria os homens-leopardos. Sabe o leitor o que é um soldado colonial britânico? É um homem que usa um calção de brim, feito nas grandes fabricas de Manchester, que lhe cobre o corpo da cintura ao joelho. Nas mãos trazem sempre um fuzil ordinário de ferro, fabricado por artifices especializados. Na ponta deste fuzil um dedo enorme de unhas pontudas que se chama baioneta.

Contra essa arma da civilização será vã toda a ferocidade selvagem das garras de ferro dos homens-leopardo.

ERA UM ROMEU ENCARCERADO



"Newport — Oito anos depois de ter sido julgado por homicídio e três horas após haver sido posto em liberdade, condicionalmente, Edward Royal Chaplin desposou, hoje, a viúva do homem que assassinara. O julgamento de Royal causou grande sensação jornalística, não só na Grã Bretanha como em todas as partes do mundo pouco antes da guerra. Após a cerimonia nupcial os recém-casados foram ver seu filho, Roy, de oito anos de idade, que nascera poucos meses depois do julgamento."

Que romance de amor, que drama de paixão, que obra de Shakespeare ou de Dante pode se comparar à historia real desse maravilhoso Edward, homem pro-saico de Newport nascido sob a luz do século XX numa maternidade civilizada da Inglaterra? Que tragedia teatral pode ser posta em confronto com essa tragedia intensa e poderosa passada entre as grades de uma prisão?

Nada até hoje se tem escrito que se compare à vida do recluso Royal Chaplin, nenhuma pena foi capaz de descrever drama tão escuro.

O homem assassinou por amor a esposa do rival, jurando eterna e imorre-

doura paixão. O homem gelado foi para a morgue. Os medicos sonolentos rasgaram-lhe o organismo, foi expedido um laudo complicado que falava de "causa mortis" e outras complicações latino-científicas. Depois guardou-se numa sepultura o pobre marido. E o "tertius", uma vez julgado, foi metido na cadeia de Newport. Era um assassino vulgar, punido pela lei, desprezado por todos. Por todos, não! No fundo de uma casinha solitária, uma pobre viúva chorava por ele. Eram então os tempos criticos de Munich. Talvez, por causa da agitação mundial, os membros do jury foram benevolos; o juiz condenou Chaplin apenas a 8 anos de prisão. O rapaz evitou assim a convocação, evitou os combates da França, a Batalha de Dunquerque, a invasão. Talvez houvesse morrido se ficasse em liberdade. Mas estava na cela, protegido por grossas paredes contra os bombardeios.

Veio a paz. Os heróis regressaram, marcharam pelas ruas de Newport ao som de fanfarras e hinos. Todas as mulheres beijaram os soldados. Menos a viúva da vítima, que esperava apenas a volta de seu herói. E agora, o homem regressa. Sai da cadeia pelo braço da doce Julieta, encaminha-se para o pretório. O casamento foi realizado e os dois, muito burguesamente, foram ver o seu filho Roy.

Ora, senhores! Tanto romantismo, tanto farol poetico, para tudo terminar em casamento quando o homem saísse da "cana". Francamente, "seu" Chaplin! O senhor não soube terminar o seu drama com decencia. Francamente, "seu" Chaplin!

PESO PESADO



Seria Maria Madalena o nome dessa mulher de que um jornal da semana passada nos deu notícia? Seria Maria Amelia, Maria Joana, Maria das Dores? O nome se perdeu na confusão dos dias que se sucederam. Mas o fato ficou preso à nossa memoria, pois era um fato singular: Essa Maria, das Dores ou dos Prateres, era a mulher que mais tentativas de suicídio levava a efeito durante um ano apenas de vida. Vida? Aquilo era vida?

Maria era uma mulher infeliz. Nada dava certo para ela. Há um proverbio francês, muito batido e muito explorado, que diz "hereuse au jeun, ma'herese a l'amour". Maria era a contradição viva deste ditado. Infeliz no jogo, mais infeliz no amor. Não havia bicheiro que tivesse memoria de lhe haver pago um

"grupo" que fôsse, não havia pilantra das rodas frequentadas por ela que se lembrasse de lhe haver dado uma "bola". A sua infelicidade era total, o seu azar era absoluto. Não havia bênção dos barbadinhos capaz de lhe tirar o peso, não havia oração forte de mãe-de-terreiro ou pai-de-santo que pudesse livrá-la da tremenda urucubaca que a perseguia. Todos os recursos foram tentados pela pobre mulher: agua benta e despacho, reza braba e pé de coelho. Não foram

eficientes porém nem a ferradura atrás da porta, nem o rosario enrolado na vela acesa. O peso era mesmo incurável.

Maria, desesperada, tentou suicidar-se. Quem disse que morreu? Perman-ganato de potassio para o seu estomago era café pequeno.

— Vamos tentar arsenico?

Maria tentou. Esperneou, chorou, veio a assistência. Lavagem intestinal, dois dias de repouso e alta do Hospital de Pronto Socorro.

Maria meteu-se em baixo do bonde. Era um bonde da Licht. E os bonde da Licht só matam quem não tem vontade de morrer. Maria escapou com escoriações generalizadas.

Maria estava mesmo disposta a morrer. Preparou um salto sensacional do ultimo andar de um arranha-céu. Escorreu um predio para levar a cabo o seu intento sinistro: era o Edifício Assis Brasil.

Que fazer? Fracassados todos os metodos, a pobre mulher experimentou novamente permanganato. Falhou outra vez o golpe, como era de se esperar. Foi a 38.ª tentativa. Foi esse gesto de desespero que o jornal noticiou a semana passada.

Um conselho:

— Maria das Dores, Maria da Piedade! Por que é que você não experimenta formicida?

— Tu "tá" besta, "home"! Formicida mata.

REVISTA DA SEMANA

ANO XLVII N. 21 :-: 25-5-46

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO
PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS
A decena das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Bevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.
ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS
Porto simples: Um ano — Cr\$ 90.00; Seis meses — Cr\$ 45.00
Registrada: Um ano — Cr\$ 110.00; Seis meses — Cr\$ 55.00
ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO
Registrada: Um ano — Cr\$ 200.00; Seis meses — Cr\$ 100.00
O número avulso custa Cr\$ 1.50 na Distribuidora e Cr\$ 2.00 na Internet, através Cr\$ 3.50
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegrafico: "REVISTA" — Rio de Janeiro
Tele: — Direção: 22-2622 — Gerência: 22-2550 — Redação: 22-4447
Publicidade: 22-9570 — Fotografia: 22-1013 — Portaria: 22-5603

Sucursal em S. Paulo: — Rua D. José de Barros, 353 — Tel. 4-7888
Correio na Bahia: — J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149
TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Kopp & Co Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1748, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Press" — Florida, 259 — Te. 33 Avenida 9100 — Buenos Aires
Propriedade da CIA EDITORA AMERICANA — Diretor: GRATULIANO BRITO
Trabalhos assinados são da responsabilidade dos autores
ESTE NUMERO CONSTA DE 64 PAGINAS
O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados

O romance atômico de Sagramor de Scuvero com o poeta Miguel Gustavo — Casada a grande conselheira feminina, através do rádio — Movimentada a manhã de sábado no Pretório — Felicidade para dois

Sagramor de Scuvero veio de São Paulo, há seis anos, sem cartas, com algumas cartas de recomendação e uma vontade grande de fazer rádio na capital da República. Através das emissoras bandeirantes, havia criado um gênero, senão inédito, certamente modernizado de programas femininos, aos quais soube imprimir um cunho altamente moral e uma finalidade profundamente construtiva. Não se especializou na leitura de páginas românticas, nos conselhos de beleza e nas receitas culinárias, embora essas modalidades constassem do seu trabalho cotidiano. Mas foi um programa denominado "O mundo não vale o seu lar", que fez a popularidade maior de Sagramor. E sem essa popularidade, incontestável e absoluta, por mais que se pretendam diminuir ou negar os legítimos valores do nosso "broadcasting", o simples fato de Sagramor de Scuvero ter contraído nupcias não iria além de um acontecimento trivial, numa cidade onde, aos sábados, se realizavam algumas centenas de matrimônios.

Acontece, porém, que esse nome de mulher se fez um símbolo. Podem muitos distintos senhores desconhecê-lo ou negá-lo, mas, perguntem em casa às esposas, às filhas ou às irmãs. E todas, seja qual for a sua categoria social, hão de conhecer Sagramor e terão quantas vezes, senão apelado para o seu "consultório sentimental", tão rico de emoções, pelo menos ouvido e apreciado seus conselhos às outras e aos outros! Porque a noiva de agora ficou sendo isso mesmo, uma espécie de conselheira, muito mais dos amantes incompreendidos e sofredores, que dos bem sucedidos nas competições sentimentais.

E se uma revista deste gênero tem por obrigação dar aos seus leitores o reflexo dos acontecimentos interessantes da semana, por que não abrir espaço para o registro nupcial da mulher que maior número de uniões ajudou a construir ou a reconstruir!

★

"Sagramor, sou muito infeliz. Descobri que o homem a quem dei meu nome de esposa, tem agora suas atenções volta-

O ROMANCE COMEÇOU AO MICROFONE — Miguel Gustavo ingressou na mesma emissora onde Sagramor realiza o seu programa, há dois meses passados. Não se conheciam pessoalmente. Os versos do poeta, inspirados e repassados de romance, calaram profundamente no coração de Sagramor. Ela continuou lendo as cartas das ouvintes sofredoras, continuou dando conselhos. Tinha, porém, agora, o seu próprio caso sentimental para resolver.



"O MUNDO NÃO VALE O MEU LAR"



O BEIJO NUPCIAL — Ali mesmo, á saída do Pretório, frente aos "fans" em multidão, os noivos trocaram o beijo nupcial. Depois de cuidar da felicidade de tantos matrimônios, ela tem, agora, a obrigação de zelar pela própria felicidade. Visivelmente comovida, esconde o rosto em lágrimas no ombro do noivo e retribue o beijo simbólico. O beijo "para a vida e para a morte".

"ATE QUE A MORTE NOS SEPRE" — Agora ães são marido e mulher. Transcorrida a lua-de-mel, muito curta porque os compromissos do rádio assim o exigiram, estão começando vida nova, depois de uma rápida viagem ao interior paulista, onde se realizou a solenidade religiosa. Mas durante alguns dias os "fans" sentiram a ausência do programa feminino.



das para outra mulher. Diga: que fazer? Abandoná-lo? E nossos filhinhos? E a minha felicidade perdida?"

No dia seguinte, o conselho de amiga, querendo pacificar, conselho de mulher aparentemente experimentada nos desgostos e na reedificação de um lar:

— Minha amiga, o matrimônio é indissolúvel. Você continuará sendo sempre a esposa — e, quanto à outra, deixe o tempo passar. Seu marido acabará reconhecendo a realidade. Nada de precipitações, você tem seus filhinhos que valem tudo, até esse sacrifício, ou principalmente o sacrifício...

Com essas palavras suaves, entrando em casa onde a felicidade conjugal parecia ruir, quantas vezes os ânimos serenaram, as esposas aprenderam a esperar com resignação, e reconquistaram o que parecia perdido — o amor do pai de seus filhos!

★

Dá a justificação do interesse maior despertado pelo casamento de Sagramor de Scuvero, sábado à tarde, na 12.ª Circunscrição do Distrito Federal, com o poeta e escritor Miguel Gustavo, seu companheiro de emissora — a Globo. Companheiro recente, porque há dois meses passados, eles não se conheciam. Ou talvez se conhecessem, apenas de microfone, ela transmitindo suas páginas românticas, ele ouvindo-a...

Um dia o amor surgiu. Impetuoso. Forte. Atomicamente, para ficar dentro da época... O pedido foi feito durante uma sessão no cinema São Luiz. Quando entravam para ver o filme, eram apenas dois companheiros enamorados. À saída, estavam noivos. Os proclamas correram desde o dia imediato, e a notícia, muito indiscretamente dada por Celestino Silveira do palco do Teatro Fenix em uma noite de festival realizado pela noiva com finalidade caritativa, espalhou-se pela cidade inteira em poucas horas. Quem passava pela rua Dom Manoel na manhã de sábado, surpreendia-se com a aglomeração à entrada do Pretório. Jovens de ambos os sexos, crianças, senhoras com fisionomia de tranquilas donas de casa — às voltas com a falta do pão — aglomeravam-se na grande expectativa. E quando Sagramor apareceu, pelo braço de Miguel Gustavo, as exclamações repontaram de todos os lados.

Refugiando-se no automóvel, Sagramor e Miguel Gustavo mostravam, pela vidraça, duas fisionomias de noivos felizes. Alegriíssimos. E dos olhos cismadores da noiva, sorridente, tranquila, pareciam despejar-se ondas de reconhecimento endereçadas aos "fans" do seu programa. Ela mesma parecia dizer:

— O mundo não vale o meu lar...

★

Durante uma semana, Sagramor e Miguel Gustavo ausentaram-se do rádio, nem os programas femininos nem os versos românticos voltaram ao ar. É que o "dia" de Sagramor havia chegado, depois de tantas vezes ela ter contribuído para a felicidade matrimonial de outras mulheres. E foram estas, as suas "fans" que desta vez, invertendo-se os papéis, levaram palavras de carinho e fizeram promessas de felicidades para que "a maior harmonia abençoe os conjugues", repetindo as palavras habituais da conselheira radiônica...



RUMO A FELICIDADE E AO AMOR! — Este é o primeiro flagrante de Sagramor e Miguel Gustavo, logo após a cerimônia do civil. Lá fora, a multidão comprime-se e aclama os noivos. O trânsito foi interrompido. Mas não é todos os dias que se casa um grande "astro" radiofônico...

ASSINANDO O COMPROMISSO — Na presença do Juiz, das testemunhas, dos companheiros de trabalho e do povo, a noiva assina o compromisso de matrimônio. Desapareceu, naquele instante, a "garota do rádio" Sagramor, para surgir em seu lugar, madame Miguel Gustavo.

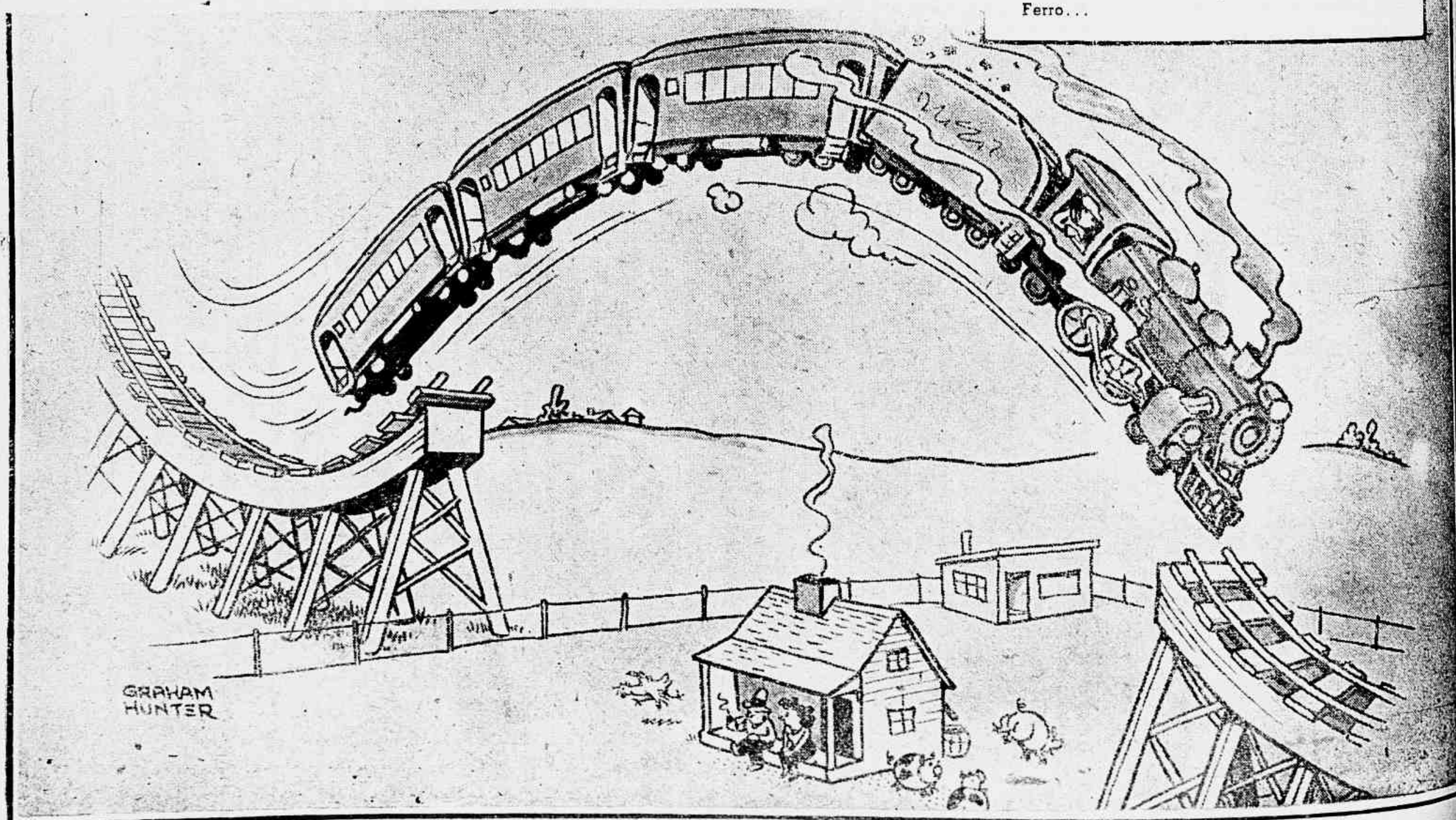




— Moço! Alguem roubou a minha carteira enquanto eu assistia ao filme...

★ DE BOM HUMOR ★

— José, às vezes eu penso que seria melhor você ter feito negocio com a Estrada de Ferro...



"Os impulsos do radar do Exército dirigidos à Lua foram transmitidos, hoje, pelo rádio, pela primeira vez, num programa da rede Mutual."
(Telegrama de Nova York)

CONVITE AOS ASTROS

Amigos! Exercitai a imaginação. Dai-lhe as asas poderosas do Sonho. Estamos à beira de acontecimentos prodigiosos. Sentimos oscilar, nos seus gonços ferrugentos, a porta simbólica do mistério universal. Por trás dela, estadeiam-se os mundos polimórficos que os nossos pobres olhos humanos há milênios buscam lóbrigar. Que haverá na Ursa Maior, ou na Constelação do Cão? Que seres de requintada arquitetura anatômica os nossos filhos ou netos irão deparar em Saturno ou Marte? Até há pouco, cuidávamos que os astros eram lampadários ajustados a ornar o céu dos que vivemos e labutamos neste planeta sub-lunar e pretensioso. Centro do Universo, a Terra seria a mimosa de Deus — ela, o pobre grão de areia perdido e estonteado entre as fulgurações crepitantes dos mundos! O egocentrismo humano balizava-lhe os fins morais, seguia-lhe a biografia opulenta, cheia de Galileus revolucionários e de Einsteins reformadores. Os antigos viam-na fixa nos espaços etéreos, enquanto o Sol e outras criaturas estelares lhe faziam a cõrte, em respeitosa e grácil reverência. Terra-mulher, terra-máter, cantaram-lhe os poetas de todos os séculos as flores olorosas em que se desentranha e os crepúsculos vespertinos em que se abisma. Os seus pássaros canoros eram a voz bem modulada da sua alma genetriz. Os prados e campinas verdejantes espelhavam-lhe a fecundidade materna, sempre apta a renovar as espécies depois dos cataclismos físicos, e a humanidade, após a cólera periódica dos homens...

Os teólogos assinalaram-lhe a ventura de ter dado guarida ao nascimento do Filho de Deus. Há, com efeito, maior prova de humildade divina do que o preferir este corpúsculo astral, perdido na floresta silenciosa dos mundos?

Mas, a Terra continuava, mais ou menos obscuramente, a sua viagem milenar em torno de si mesma, quando alguns homens expeditos sentiram bacorejarem-lhe no cérebro duas inspirações geniais: o radar e a energia

atômica. Com o primeiro, aprestamo-nos a falar, radiofonicamente, com os nossos irmãos hipotéticos dos outros planetas; com a segunda, habilitamo-nos a destruir o nosso pequeno mundo. Inventamos o pedido de socorro à hora mesma em que vamos lançar fogo à nossa casa... Esta correlação de acontecimentos prova-nos que a Providência não nos olvidou, de todo, em meio às divinas preocupações que lhe absorvem a mente...

★

Estamos a caminho da última catástrofe. Já pedimos, à Lua, com insistentes sinais de radar, que nos mande a prova real da sua habitabilidade. Até agora — é certo — os selenitas mantêm aquele silêncio terrível que paira, às vezes, sobre os mares — e é, por vezes, também, o signo infalível da sua cólera em gestação... As **pulsações** do radar recordam, metaforicamente, as do próprio coração da Terra em impulso irrefreável de amor trans-astral. Queremos fazer, dos habitantes de todos os planetas, uma só família — unida, cordial e pacífica... Realizaremos os nossos serões em pontos diversos dos mundos. Amanhã, uma conferência na Lua; depois, um **pic-nic** em Venus; mais tarde, um **garden-party** em Saturno... Mandaremos os nossos cadetes ao planeta Marte, para se afeiçoarem, de todo, ao punho da espada e ao relampago do fuzil. Percorreremos a Via-Látea em busca de lençóis petrolíferos, e teremos, um dia, o prazer de achar os Selenitas a usarem as nossas canetas-tinteiros, maravilhados com o gênio inventivo dos nossos povos. Os aviões terão adquirido aquele feitio fusiforme que mais convém às velocidades inter-planetárias e à neutralidade dos efeitos mortíferos do atrito das atmosferas... Dentro deles, pares enamorados penetrarão o azul, como se entras-

B E R I L O N E V E S

sem numa floresta romantica da Idade Média, povoada de anões malignos e de fadas de incomparável beleza. Os circuitos de astros substituirão os mofinos cruzeiros turísticos com que, até agora, nos comprazíamos e felicitávamos. De velas pandas, a nossa imaginação viajará com os instrumentos da nossa ciência, ou, antes, lhes abrirá caminho para novas e surpreendentes façanhas.

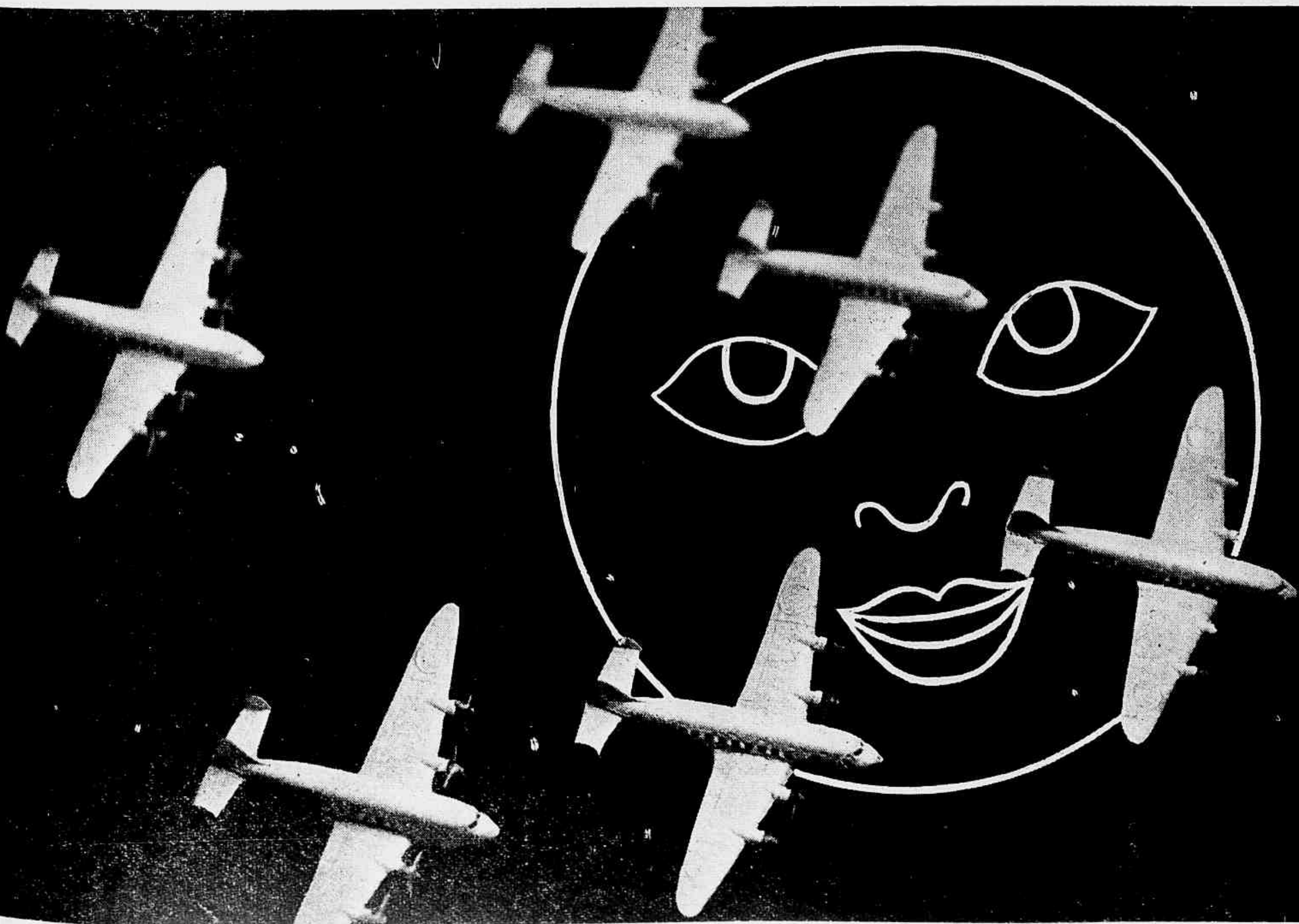
Algun dia, chegaremos, como os cristãos primitivos, àquela nova Grécia onde estará erecto um monumento ao "Deo ignoto" Ajoelhar-nos-emos em face do monólito maravilhoso e conheceremos, enfim, que os problemas morais do Universo já se achavam, em miniatura, desde o começo das coisas, no coração do Homem...

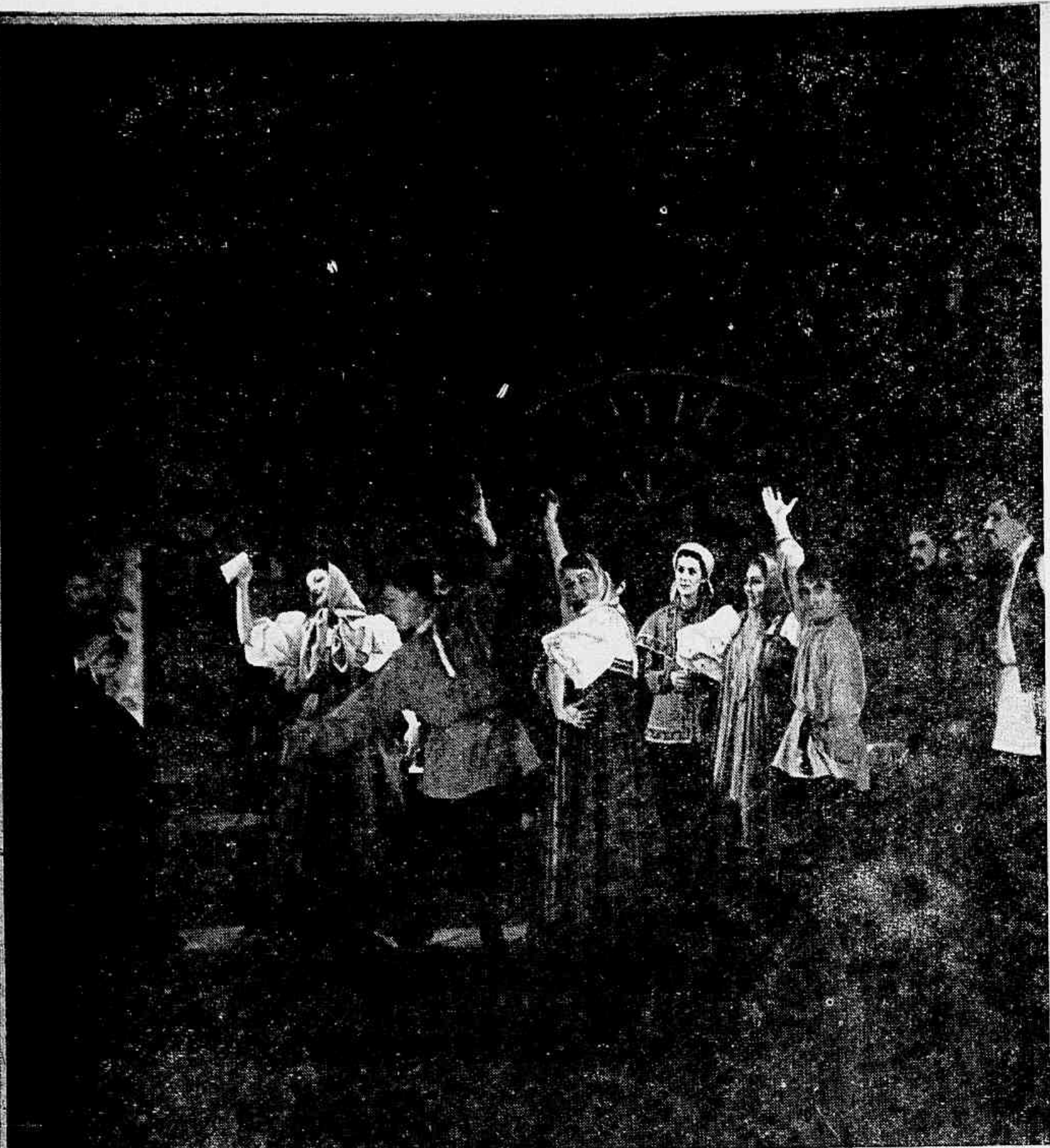
★

Aí pelas vizinhanças do século XXI, teremos comprovado o nosso insulamento definitivo na Terra, ou a co-participação dos demais astros no dom maravilhoso da Vida. Ajuizaremos do estado de progresso dos nossos irmãos de além-mundo, ou mergulharemos na sombria tristeza que invade, sempre, a alma assustada dos encarcerados... Teremos posto em paralelo os prodígios da nossa Ciência com a dos demais seres do Universo. Talvez, achemos um radar revelho, ou alguma arcaizada **bomba atômica**, em qualquer recanto obscuro do Cosmos.

Rir-se-ão, porventura, os Saturnianos, das nossas armas bélicas, e terão os nossos trens-fusiformes como brinquedos grosseiros de criança pobre. Os gigantes aparinhos transtereos parecer-lhes-ão libelulas de aço e alumínio, e encontraremos o nosso Santos Dumont, redivivo, fazendo um curso de Aeronáutica nalgum planeta circunvizinho...

As pulsções do radar, que ora mandamos, como mensagem fraternal, ao coração da Lua, permita Deus que voltem irrespondidas, como um sopro frágil que estaca ante uma porta de bronze. Se reservamos ao Universo a sorte que estamos gizando para a Terra, durmam os seres celestes na sua paz bíblica, e continuem os astros a rolar, silenciosamente, no seio pacífico do Infinito...





Bailado da peça "Les Freres Karamazof" baseada no romance de Dostoiewsky, agora reprisada no teatro Athénée de Paris.

DE TEATRO

Michel Vitold, Dufhilo e Paul Oetly numa cena da mesma peça, extraída do famoso romance russo, agora em grande evidencia na França.



A TEMPORADA TEATRAL PARISIENSE

Estão sendo representadas, na atual temporada teatral de Paris, excelentes peças, francesas e estrangeiras.

Entre elas, há um trabalho póstumo de Frederico Garcia Lorca, o grande poeta espanhol fuzilado pelos franquistas. E' assim a



"La Maison de Bernarda" é outro grande cartaz atual do teatro parisiense. Na gravura, Germaine Kerjean, Estève, Sylvia Monfort e Janine Guyon, figuras que a critica e o público aplaudiram com o mesmo entusiasmo de antes da guerra, provando assim que apesar de todos os racionamentos, o teatro na França volta aos seus grandes dias.

França o primeiro país a levar à cena esta peça de Lorca. O encenador, Maurice Jacquemont — diretor do Estudio dos Campos Eliseos — demonstrou, mais uma vez, seu gosto e arte.

Algumas das peças apresentadas são "re-

O teatro romantico não perde a sua atualidade. A geração do pós-guerra estava saudosissima das peças de amor. Aqui estão Jéline Sauvareix e Georges Marchal, vivendo os protagonistas de "Le Cocu Magnifique", cujo argumento deverá ser também adaptado para o cinema. Também os produtores franceses de filmes estão dispostos a trabalhar.



Rep
Deh

pri
dei
apa
me
por
hou

tro pari-
onfort e
n com o
e apesar

na esta
e Jac-
Campos
ez, seu

io "re-

do após-
no Jéline
'Le Cocu
o para o
stão



Representação da peça de Claude Vermorel "Jeanne avec nous", obra criada sob a ocupação e que traduz toda a revolta de um povo ante o invasor. Tem como interprete, Paule Dehelly no papel de Joana d'Arc, a lendária donzela de Orleans que aí aparece em trajes mais ou menos atualizados. É esse outro grande êxito da atual temporada de teatro parisiense.

prises". "Reprises" que equivalem a verdadeiras criações. Pela primeira vez, desde o aparecimento do "Cocu magnifique" de Crommelink, o papel de Bruno foi representado por um estreante: Georges Marchal, que se houve com muita arte. A seu lado, Hélène

Sauvaneix é uma encantadora e bela Stella.

Um dos teatros, apresentou novamente a peça de Claude Vermorel "Jeanne avec nous". Escrita durante a Ocupação ela traduz toda a revolta de um povo ante o invasor.

Reapareceu, com adaptação teatral de Jac-

ques Copeau, "Les frères Karamazof" romance de Dostoiewski. Fôra esta peça montada em 1912, por André Barsacq.

Na nova interpretação destacam-se, muito particularmente: Maria Casarés, como Grou-
(Continua na pág. 53)

O BAIRRO DA LAPA

A poder de demolições, resolvido o problema da falta da habitação por supressão de prédios, o Rio de Janeiro vai perdendo bairros característicos e tradicionais. Corre notícia de chegada a vez do bairro da Lapa.

Assim se chama principalmente o perímetro urbano de entre a praça dos Arcos, a rua da Lapa até o princípio da Glória, e mais a rua das Marrecas até o hoje funéreo Passeio Público.

Toda esta área constitui a Lapa, de antiga praia, em tempos remotos das Areias de Espanha, denominação ainda inexplicada, mesmo por cronistas da cidade da força de Vieira Fazenda.

Sem ao menos uma pequena lembrança não desapareça ou mude de aspeto o bairro da Lapa do Desterro. Tal nome recorda o morro do Desterro, atualmente de Santa Teresa, a eminência assinalada pelo convento das Carmelitas descalças e sua igreja bem à vista da cidade na clausura das donas.

Todos os bairros cariocas têm história, a de alguns remota. É de reminiscências o bairro da Lapa, notório desde era colonial. Por ela passou a invasão de Duclerc em 1710 para alcançar o coração do Rio.

Na Lapa pre-urbanizou o vice-rei Vasconcellos estabelecendo o primeiro jardim público dos cariocas, dando-lhes Passeio com as características de parque em verdadeira vegetação tropical.

A IGREJA DE N. S. DO CARMO NO LARGO DA LAPA



Ainda urbanizou o capitão-general entregando a administrados o terraço do Passeio Público, mirante de primeira ordem sobre um golfo de igual qualidade, por águas livres e horizontes fugindo aos olhos, águas facilitando navegação, horizontes de gozo visual pleno.

No largo da Lapa estabeleceu o bairro o seu centro. No momento culminante da campanha abolicionista, largo recebeu os nomes de largo Isabel a Redentora, depois de largo Joaquim Nabuco. O nome antigo resiste a vontade popular de quero, posso e mando.

No largo da Lapa demoraram dois edifícios dispaes, a Biblioteca Nacional e a igreja anexa ao convento dos Carmelitas, chamando-se Campo dos Frades o espaço que do largo da Lapa ia à praia depois empurrada pela Avenida Beira-Mar.

A Biblioteca Nacional tinha por vizinhos, na rua do Passeio, o Cassino Fluminense, ora Automovel Club, e a Secretaria da Justiça, os ministros da pasta trabalhando em uma casa que fora de ministro, o conde da Barra, servidor do Príncipe Regente.

Na face do largo da Lapa posta à Biblioteca e sua opulência de livros, manuscritos e estampas, demorava a existente igreja da Lapa do Desterro. Na sua capela-mor estende-se o túmulo de carmelita-mór estende-se o túmulo de carmelita-mór, frei Pedro de Santa Mariana, bispo titular de Crysopolis, mestre e preceptor de D. Pedro II.

Anualmente, a 6 de Maio, data da morte do monge, o imperador discípulo ouvia missa em sufrágio de quem o seguira da infância à virilidade.

No templo, ouro e talha, vinha o soberano, discretamente, em simples *coupe*, assistir missa por frei Pedro, o matematico sobre cuja campala o latim espalha longa inscrição funeraria.

Contou o bairro da Lapa moradores ilustres ou distintos, alguns dos quais aí faleceram, um deles o marquês de Aguiar, antigo vice-rei do Brasil quando apenas D. Fernando José de Portugal, tendo casa à rua dos Barbons, ora Evaristo da Veiga.

Na rua primeiro das Mangueiras, depois Visconde de Maranguape possuía grande predio o conde de Baependy, senador do Imperio, neste regime presidente da Camara dos Deputados e do Senado.

A residência do titular abrangia mais ou menos o trecho da rua Maranguape onde ficou o *Hotel dos Estados* e onde fica a *Revista da Semana* até que desapareça tal trecho de rua conforme se anuncia.

O bairro da Lapa é cortado por não poucas ruas, travessas e becos. Principais ruas do bairro, são a Maranguape, a Joaquim Silva, a da Lapa, esta extensa via de comunicações com a Glória.

A rua Visconde de Maranguape ganhou tal nome em 1871 perdendo o de rua das Mangueiras até então em memoria das arvores que outrora haviam frondejado no local.

A antiga rua de Santa Tereza também mudou de nome, substituído o da unica Doutora da Igreja pelo de um doutor em medicina, Joaquim Silva, reputado clinico.

Na rua Joaquim Silva passou seus ultimos dias Vieira Fazenda, separando-se com magoa do seu predio de residencia na rua do Cotovello, tão à sombra da igreja de São José.

Das ruas da Lapa sempre foi a mais bulhenta e poeirosa a rua da Lapa, de estreito corredor à amplitude do bairro da Glória aberto sobre a vista do mar e a preceder o do Catete, de rua e pó na sua rua principal levando ao Largo do Machado.

Não ficou a Lapa sem praia, outrora conhecida por Cais Novo da Glória até chamar-se avenida Augusto Severo em aviatoria lembrança.

Num *chalet* da praia da Lapa, morou por muitos anos, o Barão de Loreto, politico do Imperio e homem de letras. Com sua esposa partilhou do exílio da Família Imperial no exemplo desse tão nobre quanto pouco ambicionado titulo de corteãos da desgraça.

Entre as ruas do bairro da Lapa se não esqueça a rua Evaristo da Veiga. Falecido este em 1837, só a partir de 1870 deixou de figurar em placas de esquinas o nome dez Barbons, o nome da rua devido aos frades capuchinhos que no local tiveram hospicio.

Na rua dos Barbons, onde residio o padre José Mauricio, celebrou-se o chafariz das Marrecas, construido no antigo Caminho para os Arcos e ficaram o hospicio d'Jerusalem dos religiosos da Terra Santa, a Igreja Anglicana, de credo protestante, mae não dei deixando de ser consagrada a São Jorge e São João, por causa humana, a de se chamarem, na epoca da construção, João e Jorge os Príncipes Regentes da Portugal e da Grã-Bretanha, ambos regendo rei os pelo motivo de insanidade mental da mae d'um e do irmão do outro.

Povoaram também a rua dos Barbons tres edificios de fins em tudo diferentes, um quartel, uma casa de expostos, um laboratorio quimico farmaceutico militar.

O quartel ainda existente alojou e aloja força policial, a principiar pelo Corpo Militar da Policia da Corte.

Na ocasião da guerra do Paraguai dois corpos militares de policia notabilizaram-se ao lado de forças de linha e da armada na luta contra Solano Lopez.

Participaram do revide contra um tirano, não contra um povo tiranizado, os corpos policiais da Corte e da Provincia do Rio de Janeiro.

O popular Quartel dos Barbons, para se alargar, deu causa à destruição do chafariz colonial das Marrecas do qual, por mercê de Magalhães Corrêa, se conserva desenho grato aos cariocas de amor ao berço natal.

Alem da fonte das Marrecas, algumas destas embóra de bronze de voo para o Norte, o alargamento do quartel policial determinou a destruição da Casa dos Expostos mudada às pressas para a rua Senador Vergueiro.

Estar fronteiro ao Quartel dos Barbons, salvou o Laboratorio Farmaceutico Militar de ser raspado da rua Evaristo da Veiga, o edificio, concluido em 1881, sobre maneira destacado por em meio de casas particulares.

No bairro da Lapa completavam e completam as suas ruas principais logradouros publicos de menor extensão. Completavam porque varios deles, desapareceram nas modificações do bairro ao tempo da prefeitura Passos.

Assim a travessa do Maia. De começo na desaparecida rua da Ajuda findava na rua Luis de Vasconcellos que levou sumiço. Mas da travessa e da rua hão de lembrar-se alguns antigos banhistas do Boqueirão do Passeio da praia de Santa Luzia porque na travessa do Maia e na rua Vasconcellos varias casas lhes guardavam as roupas de banho, roupas à selvicola, hoje reduzidas a tangas passeiadas em meio de cidade se dizendo civilizada e permitindo, à luz do mais belo sol, semi-nudez em anuncio de integral. Pois se o seculo é de progresso em todos os sentidos salvo o da felicidade terrena.

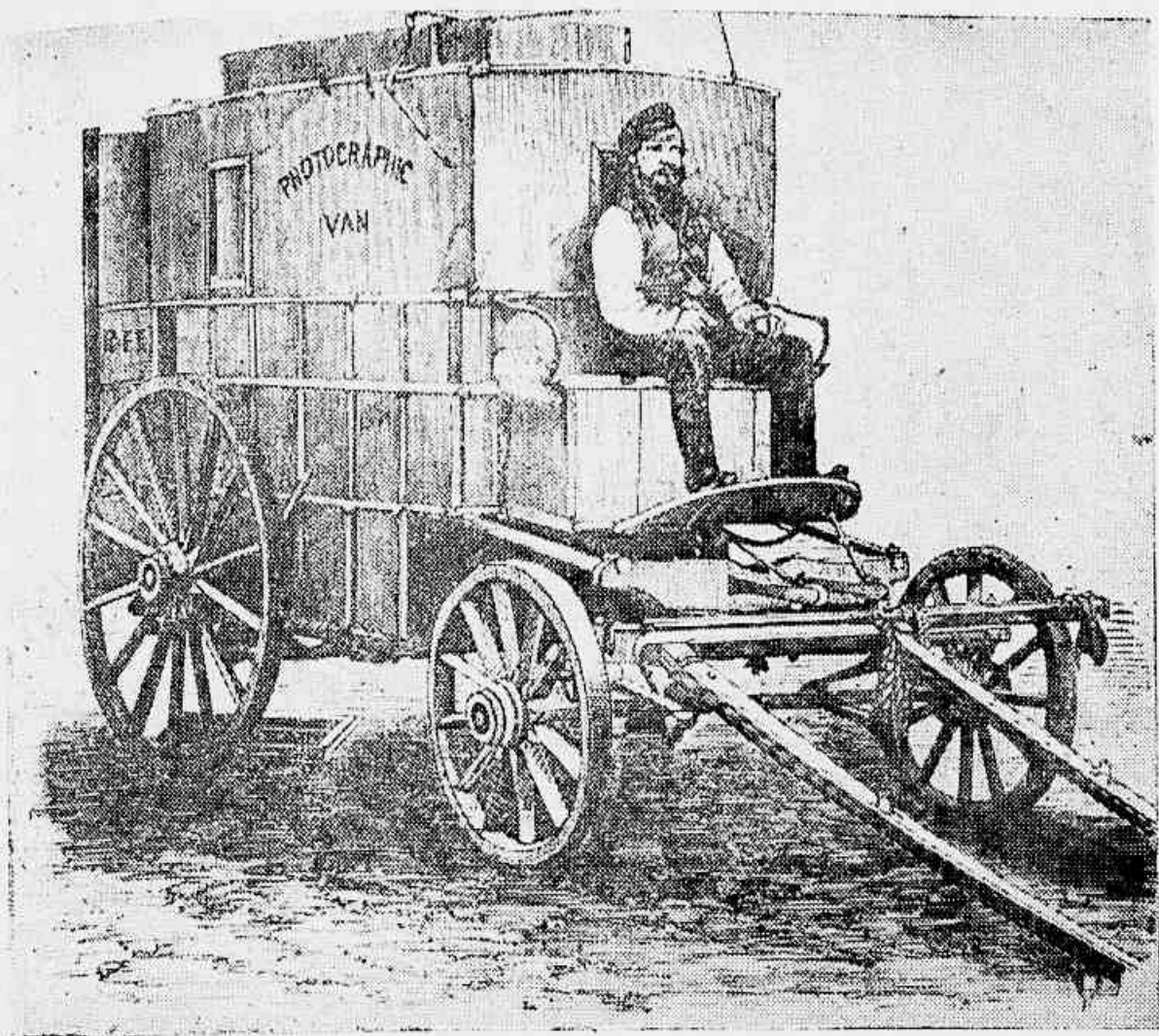
O Rio de Janeiro tem tido e tem centros de ruidosa boemia, a Lapa um deles na animação de vida noturna. Para esta, em toda a parte, accorre sobretudo mocidade buscando diversões entre elas as dos cafés, concertos.

Um marcou epoca na Lapa, o *Eldorado*, no beco do Imperio comunicando o largo da Lapa com a rua de Santa Teresa, ora Joaquim Silva.

Explica-se o antigo nome do beco. Na esquina do mesmo com o largo da Lapa armava-se a Casa do Imperio do Divino Espirito Santo, as festas do Divino obrigando à eleição de um imperador menino. As festas do Espirito Santo, por suas luminarias, por suas barraquinhas de feira constituíam um grande divertimento popular rivalizando com as festas da Penha.

Rio Branco Pae, em uma de suas famosas *Cartas ao Amigo Ausente*, não achou indigno de sua pena de jornalista a descrição de festa do Divino no Campo de Santa Ana, em frente ao Quartel General do Exército, as festas do Divino concorridissimas desde o tempo em que havia uma igreja de Santa Ana ao Campo.

Com as festividades do Espirito Santo em tal praça competiam as do genero no largo da Lapa do Desterro, palavra esta de marca no bairro, desde o seculo XVII, no morro do Desterro a capela de N. S. do Desterro e por sinal construida por um Antonio Gomes do Desterro. E no manter nomes e tradições o povo é opinativo.



Em 1855, Roger Fenton, secretário da Royal Photographic Society, foi enviado para a Criméia como primeiro fotógrafo de guerra da Grã Bretanha. A gravura nos mostra a carruagem em que o artista executava o seu trabalho. A impressão e a revelação eram feitas também pelo próprio fotógrafo no local de ação.

A ARTE DA FOTOGRAFIA

De J. DUDLEY JOHNSTON
Copyright do B. N. S. — Especial
para a "REVISTA DA SEMANA"

Londres, maio — A Real Sociedade da Fotografia, conhecida familiarmente pelos fotógrafos de todo o mundo como "The Royal", foi instalada em 1853 como a "Sociedade de Fotografia de Londres" e é a mais antiga instituição de seu gênero em todo o mundo. Gozou desde o princípio do apoio da casa real, pois a rainha Vitória e o príncipe consorte concordaram em ser seus patronos, e quarenta anos depois lhe conferiu o título de "Royal". Vinte anos depois de sua fundação, a sua crescente importância fez com que o nome fosse mudado de "Sociedade Fotográfica de Londres" para "Sociedade de Fotografia de Grã Bretanha", mas a sociedade poderia muito bem adotar um qualificativo mais universal, pois hoje contém representantes de quase todos os países e raças.

No início a Sociedade desfrutou alguns anos de prosperidade, mas a fotografia da era da placa úmida era muito complicada e os amadores dentro em breve se cansavam do passatempo e iam procurar outra coisa melhor. A Guerra da Criméia desviou a atenção a rainha para os negócios de Estado mais prementes, mas o príncipe consorte continuou a estimular a Sociedade até a sua morte. O primeiro presidente da Sociedade, Sir Charles Eastlake, que foi também presidente da Real Academia de Artes, foi substituído em 1855 pelo Lord Chief Barão Pollock, que conservou a presidência durante 12 anos.

Em 1854, a sociedade realizou uma exposição de fotografias, que passou a se reproduzir anualmente desde então, com exceção de um único ano, de modo que depois de 92 anos de existência, em 1946 está preparando a sua nonagessima primeira exposição. Após um mês de sua fundação, a Sociedade começou a publicar o "Photographio Journal", órgão mensal que ainda hoje é publicado, não tendo suspenso sua circulação mesmo durante a guerra. O número inicial de seus membros era de 400, mas depois de dois anos de existência apresentava um saldo de 619 libras e a circulação de seu jornal excedia a 2.700. Esta relativa prosperidade induziu o Conselho a ocupar um apartamento na esquina de Leicester Square, mas as despesas foram muito mais elevadas do que se previa, e a Sociedade ficou sem uma sede permanente até 1900. Desde então ocupou vários edifícios e finalmente, em 1939, adquiriu o prédio

em que está alojada atualmente em Prince's Gate, 16 Kensington.

As primeiras reuniões da Sociedade eram geralmente acontecimentos interessantes. A fotografia estava ainda numa fase experimental e o progresso era devido em grande parte aos esforços empíricos dos amadores. Em quase todas as reuniões eram apresentadas novas descobertas, que eram contestadas por outros e as discussões se prolongavam indefinidamente. Um acontecimento digno de nota foi a viagem de Roger Fenton, então secretário da Sociedade, para a Criméia, como primeiro fotógrafo de guerra oficial. Os resultados de sua atividade foram conservados num grande álbum, que é hoje uma das preciosidades da instituição.

Em 1855 a fotografia passou a ter uma tendência artística. O processo de colódio úmido não era, no entanto o mais adequado, e as placas eram praticamente cegas para as cores sendo inteiramente insensíveis ao vermelho e ao amarelo. A arte pictórica desse período era principalmente anedótica sendo o objetivo contar uma história. Os fotógrafos acompanhavam a moda, e, como não possuíam facilidades de estúdios, eram obrigados a construir suas fotografias aos pedaços, fotografando as figuras separadamente e juntando-as depois num quadro. Oscar Rejlander e H. P. Robinson, em 1857 e subsequentemente, fizeram quadros ambiciosos desse gênero, e nas mãos de um mestre eram obtidos efeitos impressionantes, mas os fotógrafos menos competentes perpetravam verdadeiros absurdos, e a prática foi rapidamente desacreditada.

Agora a prática dos retratistas profissionais, a fotografia era o passatempo dos amadores e o seu uso era principalmente pictórico, mas com a melhora no material o seu uso para propósitos científicos e de pesquisas começou a ser compreendido, e gradativamente a constituição da direção da sociedade foi alterada, sendo os artistas substituídos por homens de ciência. Em 1891, os artistas, sentindo que a Sociedade não mais estimulava adequadamente o lado artístico, organizaram um grupo exclusivamente artístico, conhecido como "The Linked Ring", com seu próprio Salão de Fotografia. Esse fato muito contribuiu para o progresso da arte fotográfica, em combinação com movimentos similares nos Estados Unidos, França, Austrália e Alemanha, e sua influência durou até 1910, quando o "The Linked Ring" se dissolveu e o salão se transformou no "The London Salon".

(Continua na pag. 53)



A fotografia nos mostra o "Carnaval" de Walden Hammond, uma das preciosidades da coleção permanente da Royal Photographic Society.

A gravura nos mostra a "Fantasia da Primavera", de Szollosey, uma das fotografias da coleção permanente da Royal Photographic Society.





a paisagem era a mesma de ontem

Conto de
**ALBERTO MORAES
CARDOSO**

Ilustração de
ORLANDO MATOS

Classificado no concurso da
"REVISTA DA SEMANA"

A manhã estava chuvosa. Uma garôa impertinente molhava o grosso vidro da janela. O trem corria, barulhento e cheio de caras pálidas, ainda sonolentas, que seguiam para o trabalho na cidade. Num canto, no último banco, Cresos, o nosso melancólico personagem, recostava-se, de braços cruzados ao peito e ombros colados à vidraça, olhando com olhos alongados, triste e sem interesse, a paisagem suburbana que passava célere e que se perdia para trás. Em frente, quase, tocando às suas pernas, junto também do panorama úmido da janela do trem, uma moça magra e feia, via-se a todo instante num dêsses espelinhos que trazem anúncios no verso, arrumando o pó no rosto e passando

báton nos lábios descorados. Trazia os olhos inchados ainda, da noite mal dormida. Ao lado, um preto velho, de carapinha encanecida, maltrapilho, soletrava um jornal talvez achado num canto menos varrido. Em frente, ao lado da magrela, o seu contraste em forma substancial de mulata gorda, com uma enorme bolsa que balançava aos movimentos do trem. Em pé muita gente. Um zum-zum-zum de conversa fiada enchia o estreito espaço. O trem parava, recolhia gente e partia resfolegante, apitando, ensurdecedor, carregado de fumaça. As paisagens era as mesmas de ontem, de ante-ontem, de há anos. Cresos olhava por olhar aquela aquarela de cores que se vinha esmaecer de encontro com a garôa

que salpica o vidro da janela, enquanto seus pensamentos se agrupavam e se perdiam com a rapidez dos minutos e dos quilômetros que o trem corria.

Cresos era um jovem comerciário que sempre fôra suburbano. Nascera em Engenho de Dentro e até hoje por ali ficara. O seu aspecto, embora de rapaz pobre, era atraente e simpático. Moreno, esguio, esguio como a maioria dos comerciários, com aquele olhar alongado de quem sempre está com fome e com um dívida a pagar, de feições másculas mas de olhos paradoxalmente tímidos. Fechado consigo mesmo — introvertido — diria um adepto de Freud — guardava para si os segredos de suas dúvidas e a pergunta que lhe queria sempre aflorar aos lábios quando a incerteza assaltava as idéias. Não tinha amizades, nem em casa e muito menos na rua. Premiado por um complexo que lhe tolhia os movimentos e as atitudes, o pobre Cresos não saía de sua própria alma, perdido dentro do que suponha ser o seu único mundo. Quanta vez, cismando, recolhido em si mesmo como era de seu costume, sentia-se infeliz, dolorosamente castigado por aquela timidez enervante. Ele se via subjugado diante de vãs tentativas feitas para a conquista de um coração ou de um direito, ou ainda quando simplesmente queria fazer valer a sua personalidade numa conversa qualquer. Coitado! Chamavam-lhe de casmurro, de moço-velho.

Conheciam-no pelo seu exterior. Sua aparência agradava, mas o seu retraimento forçado espantava quem com ele quisesse entreter uma camaradagem.

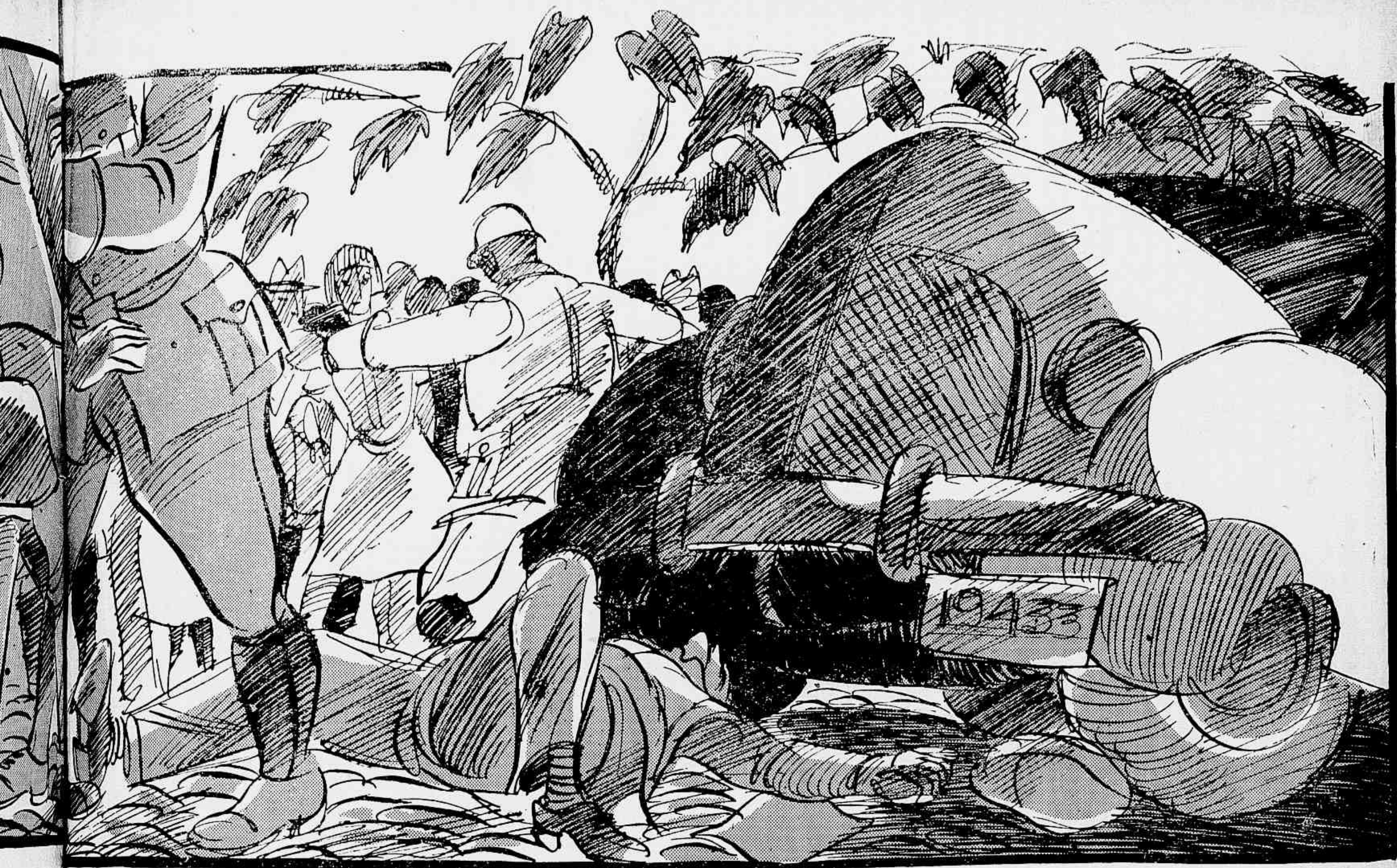
Pena que não o conhecessem pelo que possuía de mais belo, os seus anseios, a sua vida íntima e sagrada, jamais revelada a ninguém. Seus sonhos eram grandiosos, grandes quanto a imaginação de moço que quer viver, de moço que sempre foi pobre, que nunca foi dono do seu nariz. O seu abra-

so, ingênuo, sonagem bem raro, devaneios os mais feios. Mas como criados por logo posto que sua vida simples, mas tão diferente do olhava, quenez de por dentro uma luta vel seria.

Cresos também um, lhe havia verdadeiramente é o mesmo; "nada do homem."

Cresos cortes às damas de ótimo em viço e um servindo e habilidade intrigante dando que aquela moça que não parava. a todas as coisas teresse que.

"Estranho. Observe o nico e a imitação po gentil faz medicina sem o fisionômi."



so, ingênuo, melancólico, — bem uma personagem de Turguenew — tinha encantos bem raros. Seus sonhos, êle os erguia em devaneios, nos momentos que eram para si os mais felizes. E como gozava intimamente! Mas como sofria depois. Sonhos empilhados, criados por uma imaginação rica, que eram logo postos de lado, vacilando. Belos sonhos que sua mocidade deixava traçar. Era tão simples, tão fácil concluí-los na imaginação, mas tão difícil de seguir-lhes os passos quando olhava em derredor e compreendia a pequenez de sua existência. E a revolta doía por dentro. Era uma angústia sem limites, uma luta atroz, calada e taciturna. Miserável seria sempre o destino do pobre...

Cresos alem de ser um tímido era também um deslocado dentro da sociedade que lhe haviam dado por companhia. Tinha um verdadeiro rancor de seu semelhante. "O homem é o lobo do homem", dizia, monologando; "mas quase sempre o homem é o bôbo do homem", concluía taciturnamente.

Cresos trabalhava na cidade, vendendo cortes ao balcão e medindo espartilhos em damas de tôdas as categorias sociais. Era um ótimo empregado: o primeiro a entrar no serviço e um dos últimos a largá-lo. Era ativo, servindo a todo mundo com a mesma lhaneza e habilidade. Não gostava de corversinhas intrigantes sôbre as freguesas, pouco se lhe dando que esta fôsse mais simpática ou aquela menos respeitável. Sabia de ante-mão que não teria audácia para topar qualquer parada. Não era atrevido, por isto. Servia a tôdas com a mesma preocupação e desinteresse que teria ao manejar um manequim.

"Estranha criatura esta" — dizia o patrão. Observava-lhe o trabalho quase mecânico e a indiferença com que olhava um corpo gentil de mulher que experimenta e se faz medir diante do espelho. Seus movimentos sem expressão de vivacidade, seus traços fisionômicos sempre frios, sem um sorriso,

sem uma indignação. Sempre o mesmo. E o patrão repetia: "Ê, não há dúvida que é diferente dos demais. Trabalha bem, ninguém diria o contrário, mas é frio que nem gelo..."



Cresos estava absorto em seus pensamentos. O tempo passava, o trem corria, a garoa molhava, o velho ao lado tossia, a bolsa da mulata gorda balançava e a mocinha a se arrumar, pintando e repintando as faces fundas.

"Dentro em pouco estaria outra vez no trabalho. Estaria ali, cercado pelo balcão, a fita métrica à mão, esperando e atendendo as mesmas freguesas de todos os dias. Os companheiros falando de Pirilo, de futebol, de mulheres muito boas e de aumento de salários. O patrão a lhe medir os gestos, intencionalmente vigilante. A mesma agonia de ontem, de ante-ontem, de há tanto tempo. Que chateação! Que vida inútil, que estupidez!"

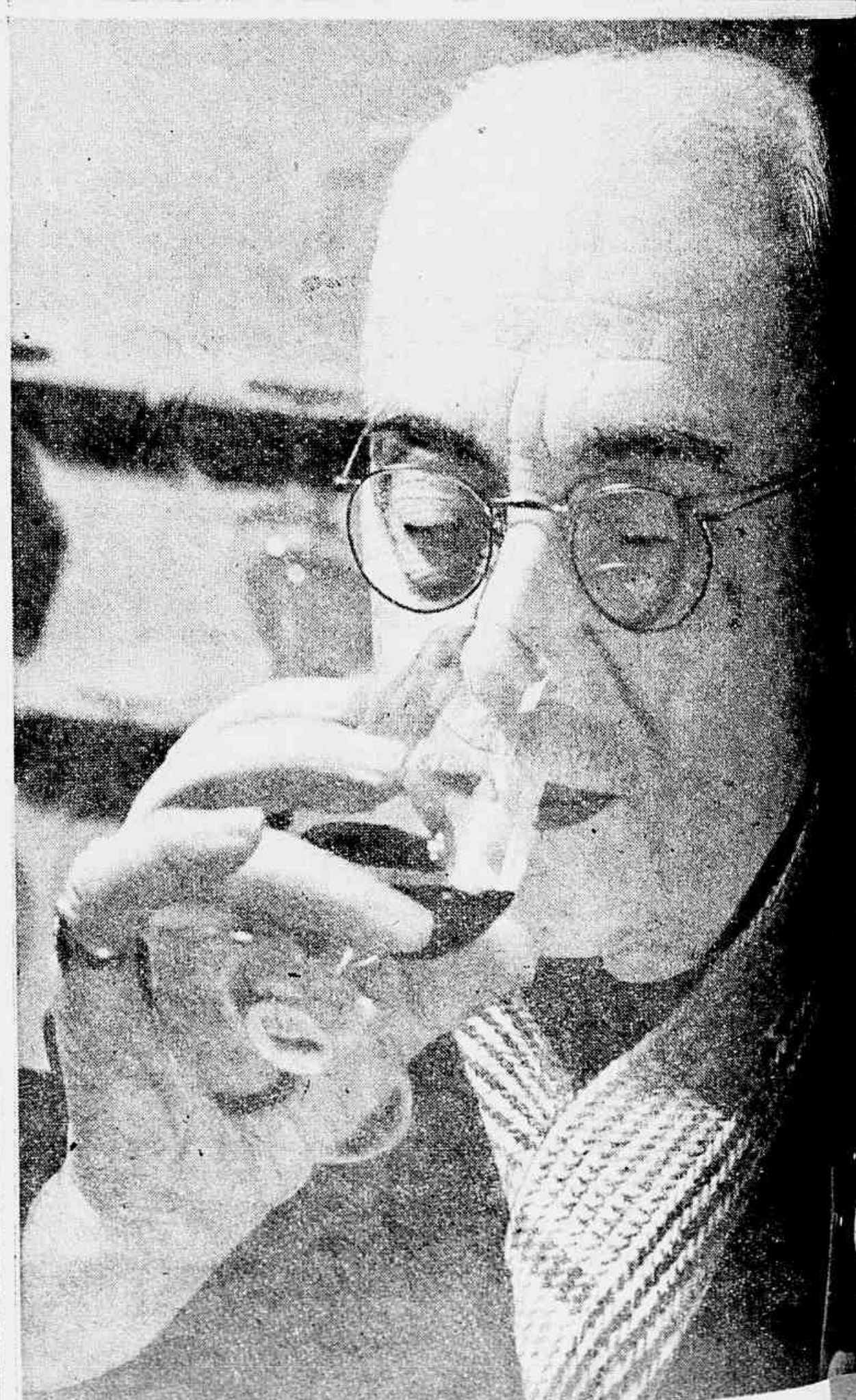
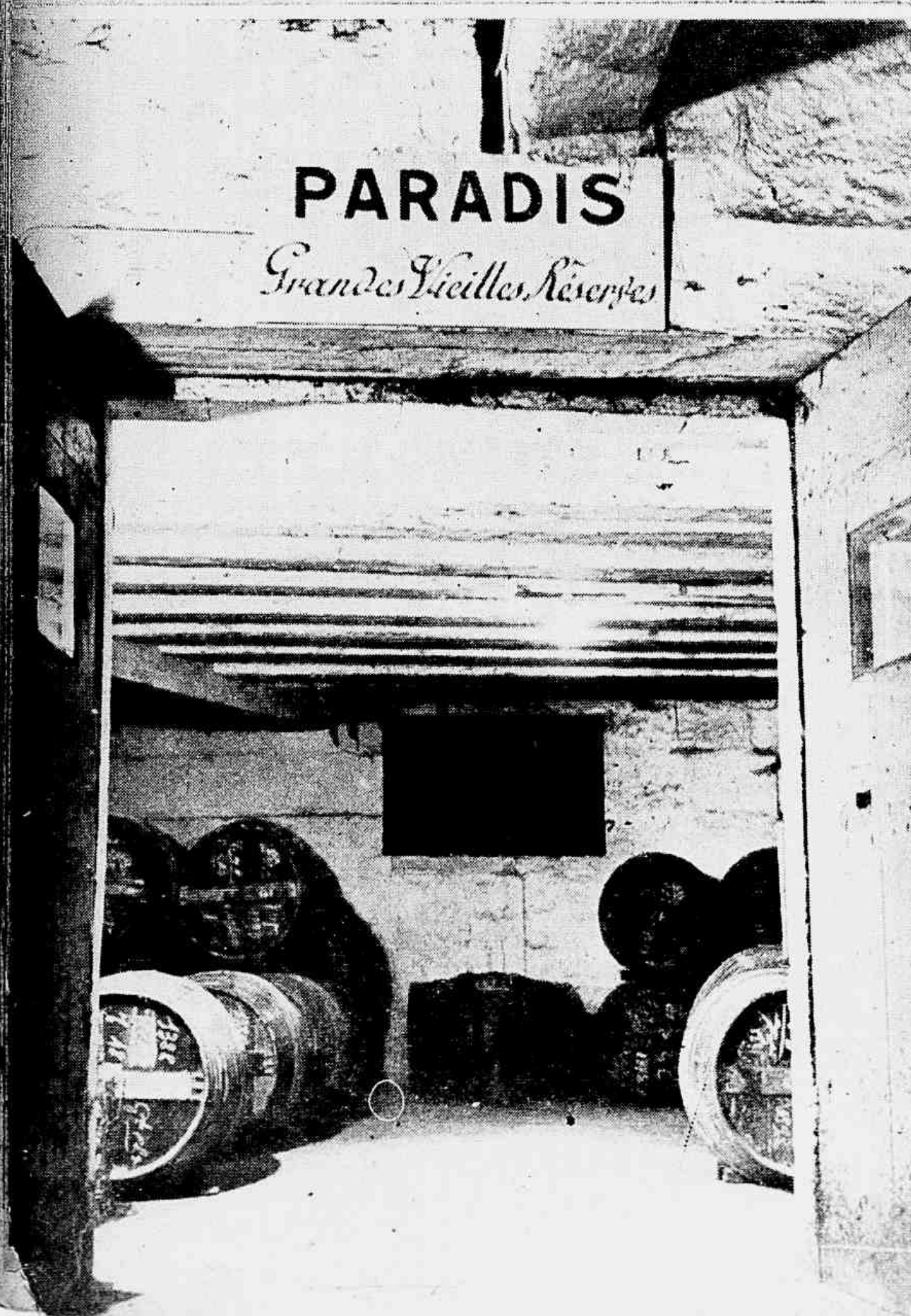
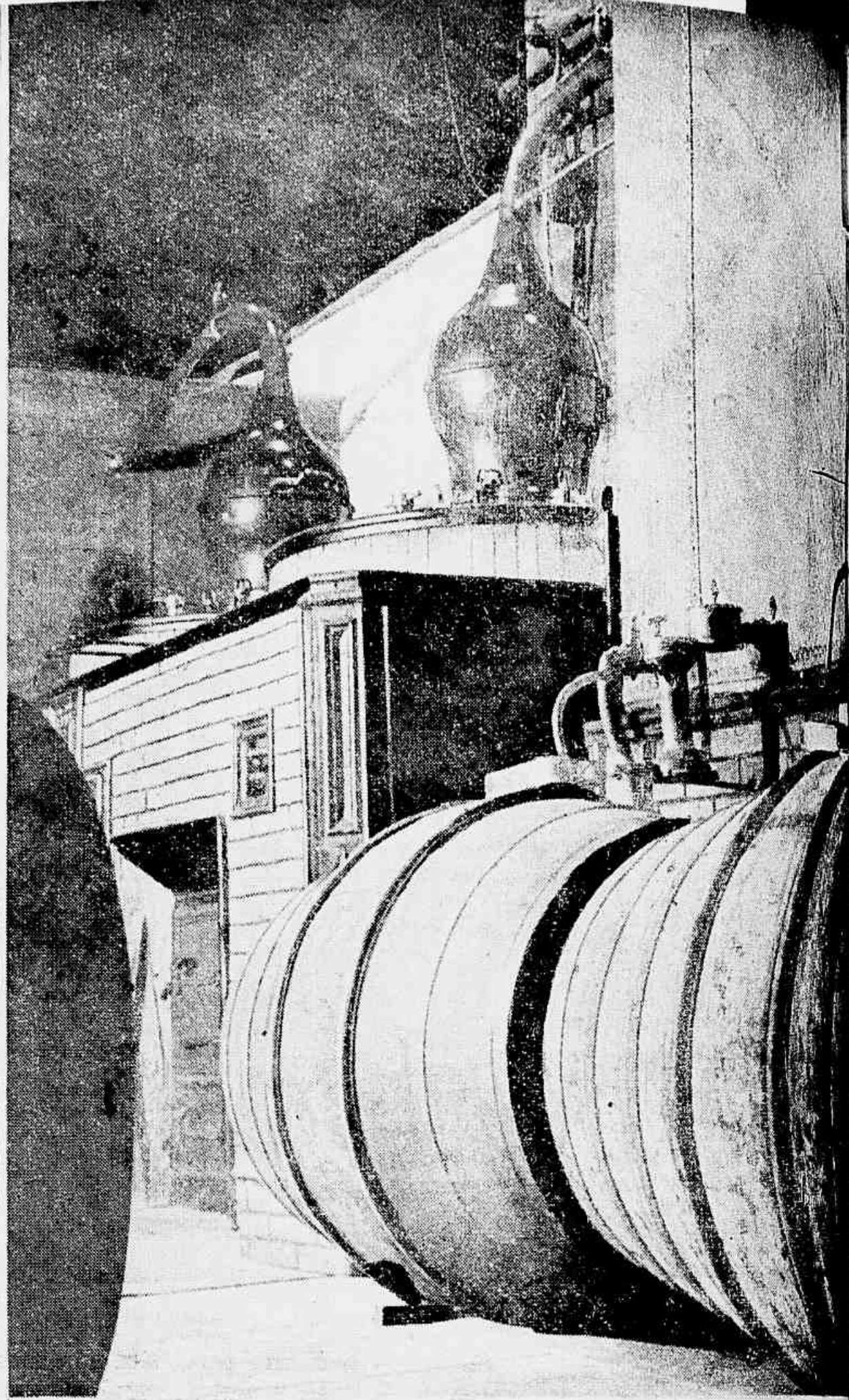
Estava cansado. Só mesmo êle é que podia saber como se sentia cansado de tudo, aborrecido daquela vidinha sem horizontes, daquela vidinha monótona e sem acontecimentos. Que bom seria se pudesse ficar em casa e se esquecer do mundo. Se pudesse ficar em casa, só, inteiramente só, com suas máguas e seus sonhos, ficaria deitado, de papo-pro-ar, sonhando acordado, pensando uma porção de coisa, imaginando coisas incríveis que só êle sabia imaginar. E êle se lembrava do domingo, quando passou o dia inteirinho esticado no chão da varanda, vendo o céu azul, as árvores perto, o barulho camarada da ruazinha suburbana, sem bonde e sem calçamento, sem ambições e sem encanamentos de esgoto. Como seria bom se pudesse ficar em casa! Ficaria pensando aquilo que êle começara a pensar ontem à noite mas que não chegou a acabar porque dormiu

logo. Sim, seria o maior, o mais importante dos homens da terra. Seria o homem milagroso, o homem que sabia tudo, que conhecia todos os segredos, que todo mundo queria conhecer como se fôra um santo ou um Deus. E êle faria o que quisesse. Seria até invisível quando bem entendesse e iria por ali afora a bolir com todos. Mas daqui há pouco pisaria outra vez os ladrilhos encerados da grande loja. E aquêle movimento todo, aquela gente falando, reclamando. Aquêle cheiro de fazenda, de tecido novo, o espanador a levantar poeira acumulada nos estoques da casa, um inferno, um inferno... Entraria na loja apressado, como sempre fazia. Cumprimetaria ao chefe, aos companheiros, amavelmente, mas sem excessos: "Bom dia, bom dia!" Que bom seria se pudesse ficar em casa e não ver por um dia a cara do patrão, a cara das freguesas. Não ver por um dia apenas como são estúpidas essas matronas que vêm a cidade fazer compras com a filha... Se fôsse rico, o que não faria para acabar com êsse trabalho dos rapazes no balcão. Um trabalho inútil, que não requer nada, nem inteligência, nem estupidez. É só responder: "dezesete cruzeiros, madame; cinco cruzeiros o metro, senhorita"... receber o dinheiro, fazer o recibo, embrulhar a compra e... atender outra freguesa. Não, não era vida de homem, não era trabalho de gente.



O pobre Cresos, cabisbaixo, acompanhava uma gotinha que se avolumava agarrada no vidro da janela. Voltou, por momentos, à realidade. Olhou em torno, reparou mais uma vez na magrela e pensou: "Como é feia! Por que será que há mulheres feias? A mulher só devia nascer para agradar aos senti-

(Continua na pág. 54)

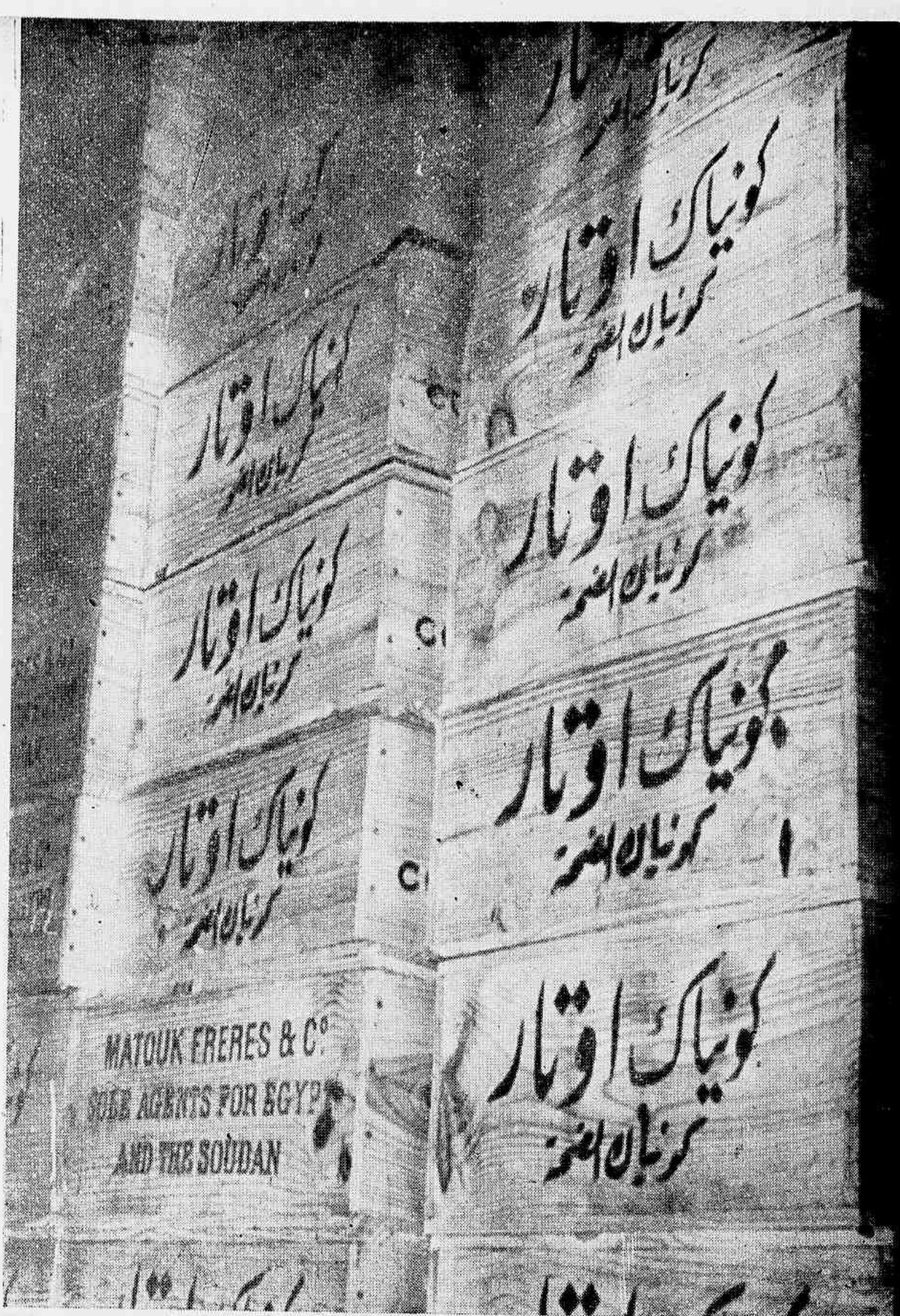


Nos u
ivos extr
Carentes,
certa porç
alambiques
baixo, um
vinte anos
produtos, h
rias. Final
o precioso
carregam e
frente à C
trabalhador
os estragos
(Fotos do S

A



Nas usinas de Charentes são preparadas varias qualidades de cognac com as uvas extraídas de vinhas instaladas nas proximidades da cidade de Cognac, em Charentes, na França. À esquerda, ao lado, um operario tirando com uma pipeta, certa porção de cognac destinado a ser examinado nos laboratorios. Depois, varios alambiques de modelo antigo e que continuam servindo na destilação do cognac. Em baixo, uma das adegas da usina, onde se encontram barricas contendo bebidas de vinte annos de idade, e, a seguir, um especialista encarregado de provar os diversos productos, homem que nunca deixa a fabrica para attender a todas as provas necessarias. Finalmente nesta pagina, á direita, centenas de caixotes amontoados, contendo o precioso producto destinado á exportação. — Ao alto: Escoteiros franceses, descalços, carregam o andor de Nossa Senhora, antes de sua ida para Boulogne-sur-Mer, em frente á Catedral de Notre Dame, para a peregrinação do Grand Retour. Em baixo, trabalhadores em Nice, uma das cidades que menos soffreram com a guerra, reparam os estragos causados e procuram devolver a historica cidade ao seu aspecto primitivo. (Fotos do Serviço Francês de Informação.)



ATUALIDADES DA FRANÇA





A Radio Globo comemorou com grande brilho o 2.º aniversário do programa "Artistas Novos do Brasil". A fotografia acima fixa um grupo de participantes da irradiação: professora Magdala da Gama Oliveira, diretora de "Artistas Novos do Brasil", maestro Eleazar de Carvalho, barítono Paulo Fortes, violinista Iclê Bittencourt, crítico Silvio Moreaux, pianista Lais Prado Vasconcelos, escritora Celina Amélia de Lucena e cantoras Cecília Guimarães Mota, Lena Monteiro de Barros e Maria Helena de Azevedo.



Sta. Dinorah Maria Silva Magalhães, professora em Belo Horizonte.



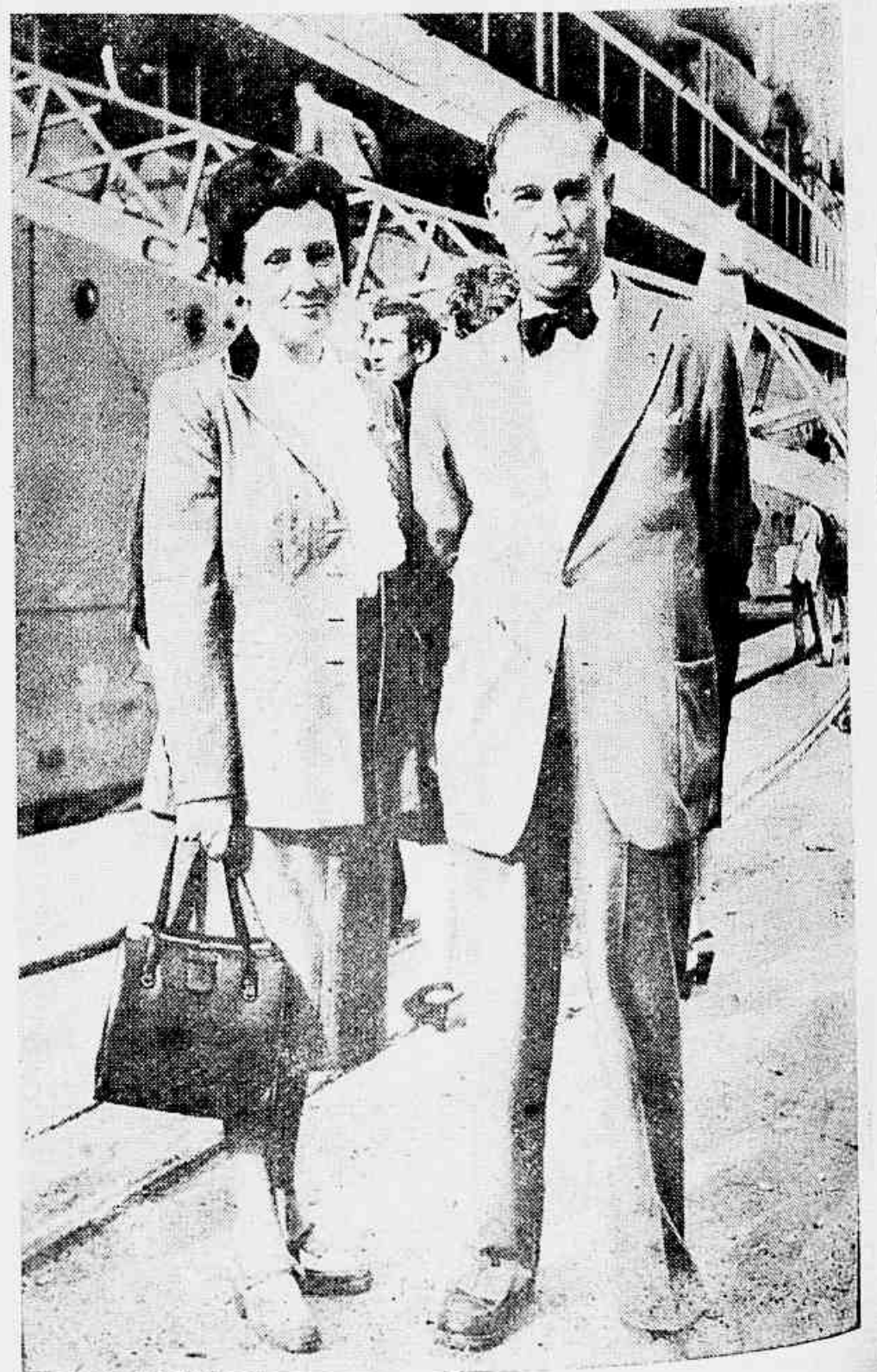
A graciosa menina Elza-Maria, que vem de festejar o seu segundo aniversário no dia 11 de abril último.

A bordo do "Constellation", regressou de Lisboa e de outras capitais européas pelas quais excursionou em viagem de recreio e de estudos, o sr. David Serrador, um dos diretores da Cia. Brasil Cinematográfica, que se vê na gravura, acompanhado de sua exma. esposa e seu simpático casal de filhinhos, sendo o seu desembarque muito concorrido pelas pessoas amigas e conhecidas do distinto casal.



FIGURAS E FATOS

Pelo vapor "Campana", embarcou no dia 11 do corrente, para a França, o dr. Maurice Deinolien, acompanhado de sua exma. esposa. O conceituado industrial e banqueiro em São Paulo, também presidente da Caisse Générale de Prest. Fonciers et Industriels de Paris, teve um embarque bastante concorrido.



Seis
tra be
bastar
mudas
e até o
sagem
as lág
de fec
biscar
a mãe
ses, em
e a ca
cunsta
Que
priame
vez qu
dava
coisa
indep
e mes
basea
Sim
justam
sionav
estar
lações
tanto
o pai
costur
eloque
Entr
assim
mais
própri
e o in
— H
Hur
sora, s
rio, to
veis e
lo era
nas h
as liç
— M
dizia,
E a
as liç
dade,
sã e a
Certe
sem k
mente
ças p
— M
— M
tar de
E e
— M
Rep
que a
pressã
tintiv
pai. I
dava
constr
sua a
ainda
vivera
Ass
sação
quer
numa
Foi
se esc
me fi
de qu

Seis linhas somente. Seis linhas que a letra bem talhada do pai acrescentara à carta bastaram para que o curso do seu destino mudasse. Lembrava-se, perfeitamente, do dia e até da hora em que escrevera aquela mensagem. O pai estava ao seu lado e, notando as lágrimas dele, consolara-o. Depois, antes de fechar o envelope, tomara o papel e rabisara umas seis linhas. Uma semana depois, a mãe voltava para casa. Estava, havia meses, em casa dos pais, com o resto das crianças e a carta, lida anos depois, lembrava as circunstâncias da viagem atribulada.

Que acontecera? Ele não apreendia, propriamente, a causa dos acontecimentos, uma vez que sua compreensão limitada de criança dava somente para entender que alguma coisa estava acontecendo. Essa sensação era independente da justa percepção das causas e mesmo dos fatos: era um pressentimento baseado em coisa que pairava na atmosfera.

Sim, ele poderia, está claro, determinar justamente alguns fatos, mas o que o impressionava, na verdade, era o sentimento de mal estar que percebia. Já eram outras as relações entre a família. As crianças sentiam tanto isso que paravam de brincar quando o pai chegava e a mãe levantava os olhos da costura, silenciosa, num silêncio de censura eloquente.

Entretanto, nem sempre tudo se passara assim. Antes, pelo contrário, era o pai o mais jovial da casa, alegre mais do que as próprias crianças, o inventor das travessuras e o instigador das rebeliões maravilhosas.

— Hoje não ha colégio! dizia.

Hurrah! Ninguém tinha de aturar a professora, solteirona e impaciente. Iam pescar no rio, tomar banho no rio, e cresciam, saudáveis e tostados pelo sol. Naturalmente, aquilo era raro, mas ele sempre estava em casa e, nas horas de estudo, ajudava-os a aprender as lições.

— Menino burro não pode ser meu filho, dizia, com ar sério.

E as crianças apressavam-se em decorar as lições afim de justificar aquela paternidade, em tudo honrosa. Era boa aquela vida, sã e alegre.

Certo dia, porém, sem que eles percebessem bem o motivo, mudou tudo, completamente. Ele passou a chegar tarde. As crianças perguntavam:

— Mamãe, papai não vem jantar hoje?

— Não, meu bem. Seu pai tem que tratar de um negócio...

E eles passaram a indagar:

— Mamãe, hoje é dia de "negócio"?

Repararam, porém, depois de certo tempo, que aquelas indagações faziam com que a expressão do rosto da mãe se carregasse e, instintivamente, passaram a evitar o nome do pai. Mas tudo isso, feito inconscientemente, dava como resultado aquela atmosfera de constrangimento que ele já observara e que sua aguda sensibilidade infantil aprofundava ainda mais, uma vez que, desde pequenino, vivera muito agarrado ao pai.

Assim passava o tempo. Mas aquela sensação estava-se tornando angustiada. Qualquer dia, sentia ele, ela haveria de estalar numa crise.

Foi na noite de seu aniversário que tudo se esclareceu. O pai não viera à festa conforme ficara prometido e ele tivera a impressão de que estava estranhamente vasia a sala,

aliás cheia, desde que longe estava a figura risonha e barulhenta do pai.

Insistira em ficar acordado para ver o pai mas a mãe o persuadira finalmente a deitar-se, prometendo que o pai iria ve-lo assim que chegasse.

Ele se resignara, por fim, e resolvera obedecer. Mas não puder conter o sono e, dentro em pouco adormecera. Devia ser muito tarde quando acordou com o rumor de vozes. Era o pai e a mãe. Discutiam.

— Assim não pode continuar.

Era a mãe, num tom de censura.

— Mas, você não tem nenhuma acusação concreta a fazer. Por que persiste?

Porque seus filhos estão sofrendo com isso. Eu bem sei que não há provas de que você está sendo infiel. Contudo, se esta é a impressão que tem toda a cidade, se você mal para em casa — que pensar?

— Mas Evelina, tudo isso é uma velha história. Cidade pequena...

— Por que, então, isso não começou antes? Por que bruscamente tudo mudou? Você mudou principalmente.

— Você não compreende que suas censuras não teem razão de ser?

— Você não respondeu à minha pergunta, Paulo. Por que, então, tudo mudou?

— Mas nada mudou. Simplesmente porque eu tenho andado muito atarefado...

— Os negócios são pretexto para tudo. Entretanto, esses pretextos não podem se prolongar indefinidamente... Você precisa mudar de chapa.

Com o coração batendo o menino ouvia. Sentia que o pai não sabia responder, que não tinha resposta.



— Nesse caso eu vou-me embora!

A mãe dissera tudo bem claramente.

— E levo as crianças comigo!

Ah, não! Aquilo não. Abandonar o pai? Nunca. Levantou-se correndo e surgiu na sala, meio tonto de sono.

— Eu não vou, papai, eu não vou.

Sentiu, naquele momento que ferira a mãe profundamente. Ela se levantou lentamente, desembaraçando-se do menino que estava à sua frente e disse:

— Não precisa ir se não quiser. Você, então, fica com seu pai.

Mas, depois da partida, ainda se agravou mais a situação. Não era a esperada alegria, nem o alívio do ambiente desanuviado. Sozinho com o pai em casa, os dias, sem saber o que fazer, anciavam pela volta da mãe.

— Mamãe escreveu?

— Ainda não.

E ele pensava em escrever-lhe uma carta. Em contar, ingenuamente, a tristeza do pai e pedir-lhe que voltasse. Ela compreenderia?

Uma noite, sentindo que não era possível continuarem assim, levantou-se da cama e foi à mesa de trabalho do pai. Lá estavam a gigantesca poltrona, o papel de cartas, a caneta...

Mamãe (escreveu):

A senhora nem calcula como a gente anda triste aqui em casa depois que a senhora foi embora. Papai nem come direito. A senhora

(Continua na pág. 54)

O "POST SCRIPTUM"

Conto de ADOLPH REGLI

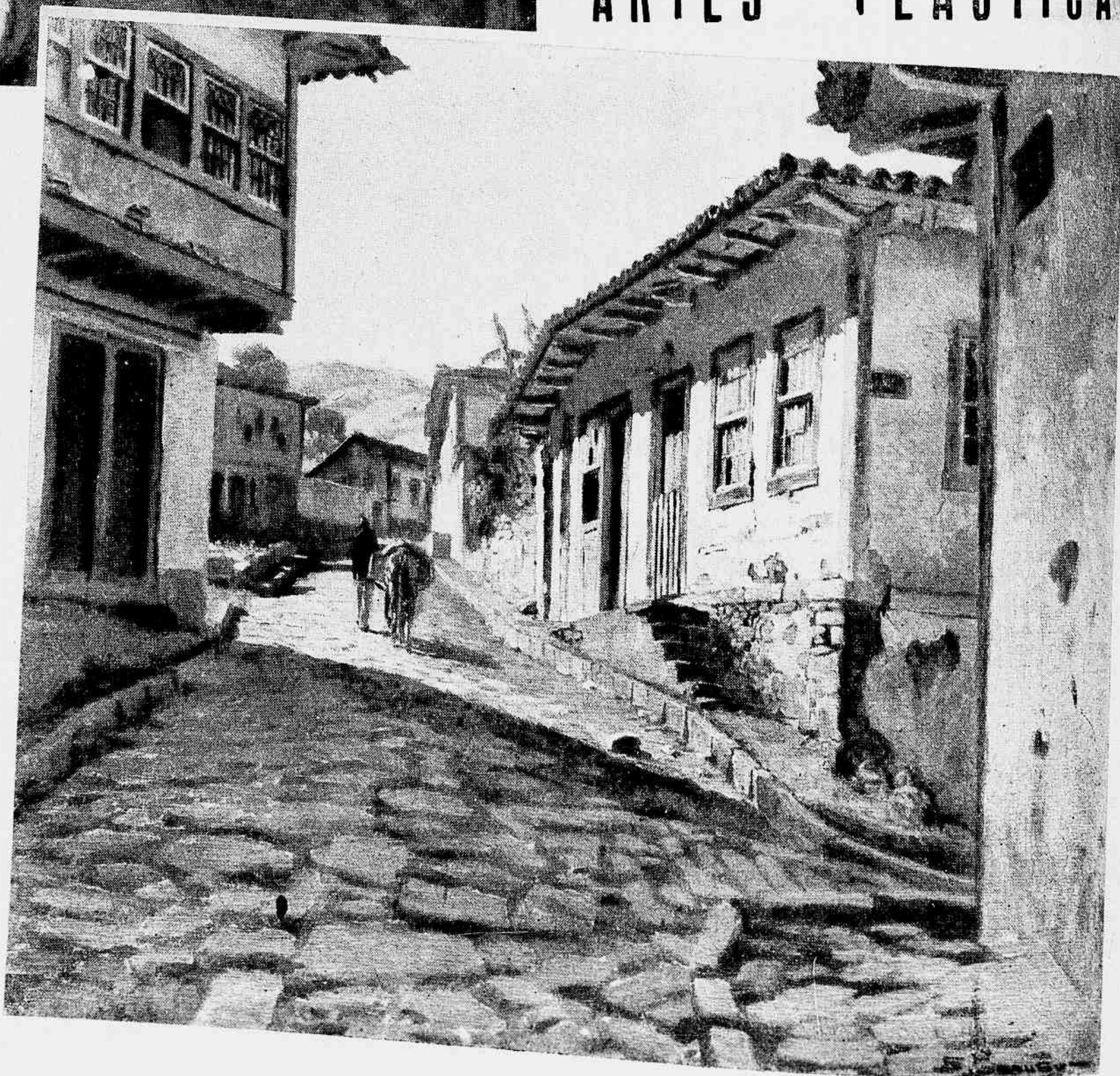


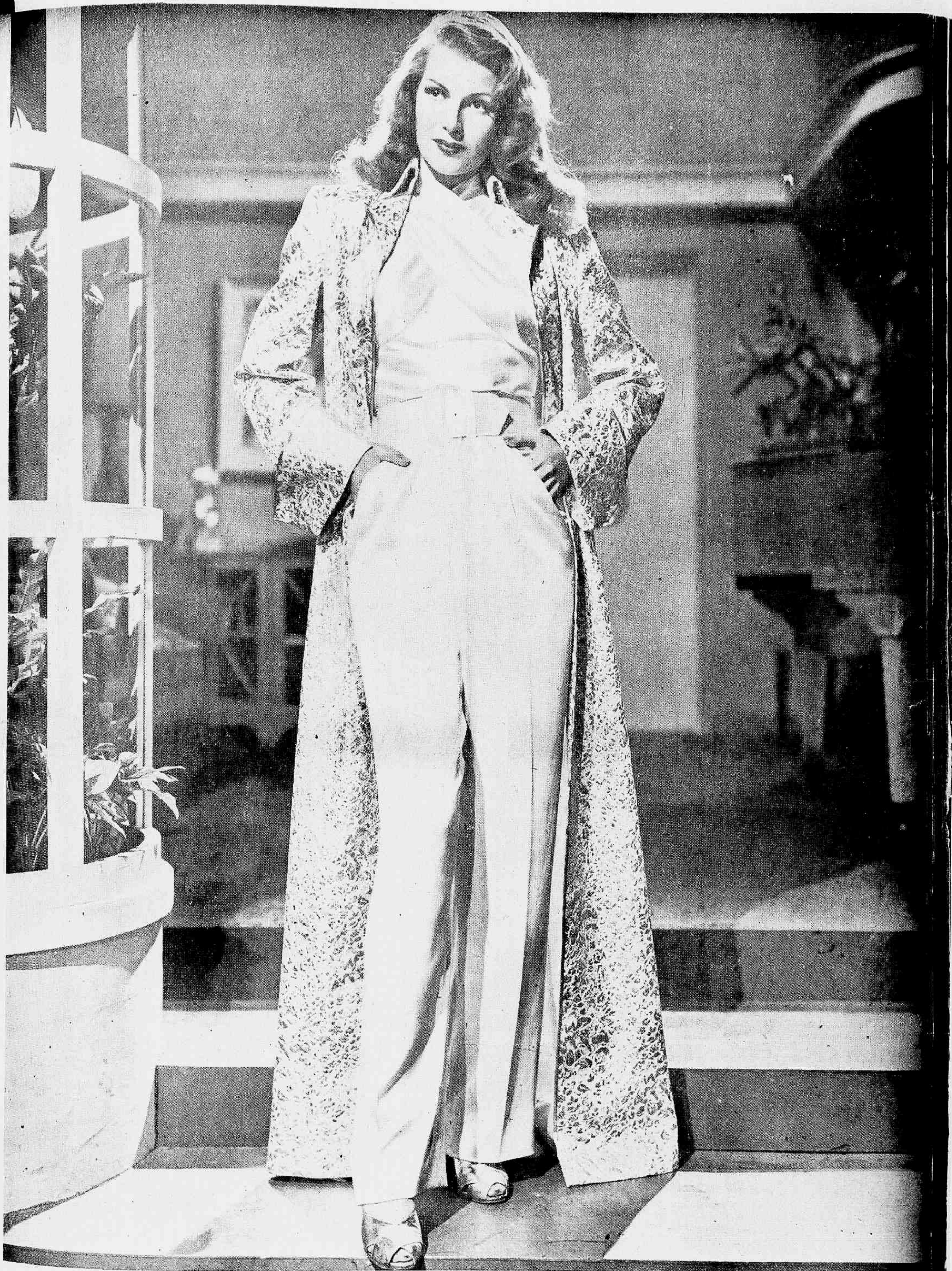
ARTES PLASTICAS

Foi inaugurada no dia 15, a grande exposição de pintura de Salvador Caruso, no salão nobre do Palace Hotel. Trata-se de um legítimo acontecimento de belas artes, pois que Salvador Caruso soube reunir um selecionado grupo de excelentes telas, entre as quais destacam-se os dois flagrantíssimos de Ouro Preto que ilustram esta página. Mas o visitante da mostra do Palace Hotel ali encontrará muitas outras manifestações do mérito artístico de Salvador Caruso, pintor da moderna geração, cujo progresso está visivelmente atestado nessa jornada de arte.

★

Ao alto, á esquerda, "Toilette", de Pedro Antonio, o apreciado pintor andaluz radicado em São Paulo há varios anos, ora no Rio, onde vem expor cerca de quarenta trabalhos, inclusive a tela que será exposta no Salão Oficial deste ano. Pedro Antonio obteve em 1944 a única medalha de prata conferida no Salão.





A elegancia na intimidade

Rita Hayworth, a sensacional "estrela" da Columbia, apresenta aqui um riquíssimo pijama de setim branco, calças de corte masculino, blusa com transpasse, cinturão pespontado e bolsos embulidos nas calças. Sobre o pijama, um robe de setim acolchoado, com pequenas flores em cores vivas.

INTIMIDADE



1 — É DE IRENE, A GRANDE MODISTA DE HOLLYWOOD. ESTE ELEGANTE "ROBE" COM
CLARO, COM APLICAÇÕES DE RENDAS VERDADEIRAS. SUGESTÃO DE ANDREA KING
MANGAS COMPRIDAS COM LARGOS PUNHOS, OMBROS LIGEIRAMENTE FRANZIDOS
LAPELA E MANGAS COM MIS



1 - ROBE COM VIEZ DE CETIM DA MESMA COR. RECORTES NAS MANGAS E EM TODO O COMPRIMENTO DO "ROBE". 2 - CAMISOLA DE NOITE EM CETIM "LINGERIE" AZUL. 3 - ELEGANTE "NEGLIGÉE" APRESENTADO PELA LINDA "ESTRELINHA" DA WARNER, JANE HARKER. E' FEITO EM CREPE AZUL ESPONJOSO, COM O LADO OPOSTO EM CETIM. 4 - ELEGANTÍSSIMA COM ESSE "ROBE" APRESENTADO PELA ELEGANTE ROSALIND RUSSELL, DA COLUMBIA CONFECCIONADO EM LÃ BEIGE E INSPIRADO NOS CASACOS MILITARES. 5 - CAMISOLA DE NOITE COM MISSANGAS. ENFEITE DE PELES NAS MANGAS. SAIA BASTANTE RODADA, CAINDO EM "GODETS".

NOS BASTIDORES FEMININOS



Nada mais desleal do que uma mulher carregada de joias, sejam estas falsas ou verdadeiras. É um erro pensar que para ser elegante é preciso ostentar ouro, prata, pedras e platina, de todos os tamanhos e feitios. A mulher verdadeiramente "chic" é discreta; usa no máximo duas boas joias, que pôde ser um anel e um colar, um anel e um broche, ou outras que usando juntas não se choquem.

É preciso também que se saiba escolher a "toilette" e o momento adequados ao uso das joias. Com um vestido bordado em cores, por exemplo, nunca poderá ser usado um colar ou um broche de pedras. Dedos carregados de anéis, tres ou quatro pulseiras, enfeites em profusão, tudo isso está longe de dar um aspecto fino à pessoa que os usa.

Quanto às "jeune-filles", recomendo quasi que a abstenção de joias, a não ser em ocasiões especiais.

Não esqueça, minha amiguinha, que a sua melhor joia é o seu sorriso jovem e bonito; o seu olhar calmo e sincero, é a sua atitude serena e leal...

Kitty

Evelyn Keyes, aclamada a "Mulher Telegenica de 1946", por 400 engenheiros eletronicos, porque a cor de seu cabelo, seus olhos e sua cuis são considerados os mais perfeitos para a televisão.

(Foto Columbia)

TRAJES

Escoceses



Neste inverno sera muito usado o tecido escocês, tão alegre e juvenil. Apresentamos aqui às nossas leitoras alguns modelos que poderão ser executados com esse tecido.

1 — Saa preta, casaco escocês verde e vermelho, aplicações de lã preta nos bolsos e na pala.

2 — Bastante juvenil é este modelo em tecido escocês vermelho e preto. O casaquinho é ajustado na cintura e abotoado na frente. Saia com macho na frente e a fazenda em vize dos lados. Aplicações nos bolsos e nos ombros, em lã vermelha.

3 — Gracioso conjunto xadrez verde e branco, com aplicações e botões em lã verde. Saia "godet".

4 — Modelinho bastante "chic" em lã escocesa, com a parte da frente do casaquinho em tom unido.



UM farol cortou a escuridão. Soou uma sirene. Ouviram-se gritos na noite:

— Por onde?
— Não conseguimos localizá-los.

Eles fugiram num caminhão! Onde?

— Num caminhão.

O diretor da Penitenciária foi acordado. Meio tonto de sono ele atendeu o telefone e inteirou-se da fuga.

— Comuniquem ao departamento de segurança. E preparem um relatório. Estarei aí dentro de dez minutos.

Vestiu-se, às pressas, e dirigiu-se para o presídio.

— Isso é incrível!

O diretor, agitado, passeava para cima para baixo, dez minutos depois, tendo à sua frente funcionários, alguns bem acor-

dados, outros, como ele, ainda meio sonolentos.

— Como pôde acontecer isso?

— Evidentemente, tenho ou não tenho a colaboração de meus subordinados, como posso impedir que desgraças como esta aconteçam. Quantos, mesmo, você disse? terminou ele, voltando-se para o chefe dos guardas.

O chefe, escondeu seu embaraço abaixando a cabeça e confessou:

— Oito.

— Incrível! Incrível! Oito presos escapam sem a menor dificuldade e você não sabe ao menos contar como foi...

O guarda corou:

— Eles devem ter tido ajuda de fora.

— Isso pouco nos adianta. A-

juda de quem? de que maneira? E como é possível, mesmo com ajuda de fora, burlar a vigilância dos guardas? Eu lhes digo, senhores, é porque não há aqui um que se salve: são todos ineficientes, são todos uns preguiçosos. Onde estavam os guardas? Por onde passaram eles? Por deus, dormia todo o mundo na penitenciária?

— Não sabemos como saíram. Vimos um caminhão afastar-se. Mas ninguém viu por onde eles saíram nem para onde eles foram. Só mais tarde, ao dar pela falta dos presos é que ligamos os dois fatos.

— Nesse caso nem ao menos é positivo que eles foram, de fato, de caminhão?

— Não, senhor.

— Belos auxiliares! Belos auxiliares tenho eu. E' o cúmulo!

★

Um caminhão deslizava, suavemente, pela estrada. Claude sentia no rosto o ar puro da noite e respirava-o na primeira embriaguez da liberdade.

— Para onde vamos?

Sete homens empilhados na parte de traz, entregues aos seus cuidados. Onde os deixaria? Guiando o caminhão, Claude pensava.

— Onde os deixarei?

Fez ver a todos que o mais conveniente era separarem-se.

— Onde iremos?

— Cada qual deve resolver os seus problemas.

Numa encruzilhada, parou o caminhão.

— Vamos abandoná-lo aqui.

— Podem descobri-lo.

— Já estaremos longe.

Os oito homens apertaram as mãos e cada qual tomou seu rumo, empreendendo, cada um por sua vez, a aventura pessoal, que começara na grande aventura coletiva.

★

— Mark Rampart — disse o diretor da prisão. Eis o nome do primeiro.

— Onde estará ele neste momento?

O chefe do Departamento de Segurança sorriu:

— Isso ainda não sabemos. Mas havemos de agarrá-lo.

★

Rastejando, Mark chegou até a moita mais próxima da fazenda. Se ao menos pudesse avisar Lucy.

Ela viria correndo, muito lou-ra, com os cabelos soltos, como ele se lembrava.

Criou coragem e aproximou-se da janela. Sabia que era ali o quarto dela. A janela estava aberta. Fácil acesso.

— Um convite ao gatuno, pensou ele, sorrindo.

E escalou-a, facilmente.

Uma luz banhava o quarto todo. Ele, meio ofuscado, defrontou-se com um revolver.

— Lucy.

— Não se mexa.

Com o revolver na mão, ela aproximou-se do telefone e discou o número da polícia.

— Eu já esperava que você aparecesse. Ouvi notícia da fuga.

— Lucy! Que vai fazer?

— Avisar a polícia.

— Não faça isso! Lucy, você não é a mesma. Será possível que esteja tudo esquecido? Tudo?

— Esquecido? Pelo contrário. A sua loucura estragou-me a vida, porque, em toda a parte onde vou, sou apontada como a noiva de Mark Rampart, o criminoso! Uma mulher desclassificada!

Inconcebível que tal intensidade de odio se transmitisse através daquela voz macia; mas assim era.

— Chamarei a polícia.

— Lucy!

Ele só conseguia exprimir o seu espanto. Tudo se passara com tal rapidez que ele nem mesmo tivera tempo para pensar. Lucy fora a esperança, a estrela, o almejado abrigo. E ela, com um revolver na mão, para defender-se, para defender-se dele, chamava a polícia. Deixou-se cair sentado, com desanimo, e, sem poder se conter, chorou.

★

— Um já foi capturado. Os outros sete não tardarão. Como se chama o segundo?

— John Ayres.

— De onde é ele?

— Minnesota.

— Capaz de, como o primeiro, ter ido procurar o passado...

★

Não. O futuro é que está á nossa frente. O passado pesa. Olhando para a frente somente, ele resolveu esquecer tudo. Tinha dinheiro. Resolveu ir a um restaurante, comer bem, como há muito tempo não fazia. Daria um nome suposto. Sim, ele nem mesmo se esquecera de providenciar, antes da fuga, uma carteira de identidade, identidade falsa, mas acima de qualquer suspeita.

Em uma malinha trazia a roupa para mudar. Mas o cérebro trabalhava ativamente, fazendo planos. Fugir. Livre, livre, viver como queria. O dinheiro que roubara estava em lugar seguro. Era ir buscá-lo. Depois, ao restaurante. Comer como há muito tempo não comia. Coisas prosaicas, mas sólidas. Isso é que interessava. Vida folgada. Livre, sobretudo. Eis aí uma palavra que era quase uma obsessão.

— Livre, berrou no meio da estrada e, quase se assustou com o som de sua própria voz que há muito tempo não soltava, sem medidas... livremente.

E realizou seus planos. O dinheiro passou para suas mãos ávidas. Desenterrou-o do lugar onde o colocara, antes de ser preso.

O ambiente do restaurante era repousante. Mandou vir uma refeição abundante. A maleta ficara na chapelaria. Sentia-se bem. Sem pensar... o que era

(Continua na pág. 51)

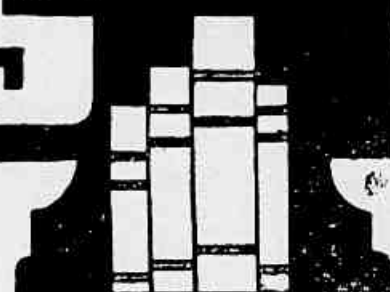
A VOLTA

Conto de TENNISON JESSY

Livros

NOVOS

Por JOÃO LUSO



FOLHAS SOLTAS, sonetos de Fernando R. Viana — São Luiz, Maranhão, 1945.

O Sr. Fernando Viana tentou dar aos sonetos reunidos neste volume a possível diversidade de temas e expressões. Andou um pouco por todos os gêneros: versos de amor, de orgulho, melancolia, filosofia, sarcasmo. Nesta última condição foi menos feliz que nas outras. A peça intitulada *Insania alcoólica* peca duas vezes por mau gosto: porque, sendo os quartetos em rimas graves bem como os dois primeiros versos de cada terceto, os dois tercetos terminam em exdrúxulas; e porque a palavra final do soneto é aquela que o conselheiro Acácio substitui pelo eufemismo "restituição". Mas, em geral, o Sr. Viana, poeta de fácil inspiração, se mostra bom artista também. E uma ou outra falsa consonância, explicável pela prosódia regional, não chega a comprometer no efeito de conjunto, a ordem plástica ou musical da obra.

Um dos melhores sonetos do livro é o que se intitula NATAL:

"Natal! Nasceu Jesus! Hosana!" é o hino
Que o bronze repercute pelo espaço
— E eu vejo a Virgem Mãe, tendo ao regaço
O corpo do Seu Filho pequenino.

Dai, siga-lhe a vida, passo a passo:
A mangedoura... A fuga, ainda menino...
Vigílias e jejuns — todo um destino
De mágoas, onde a Dor marca o compasso!

Depois... é o fim... o drama extraordinário...
As cenas revoltantes do Calvário...
O corpo ensanguentado de Jesus...

Natal! Festas a Ti, Glória da Igreja!
— A Humanidade que hoje Te festeja
E' a mesma que ontem Te pregou na cruz!...

FOLHAS
SOLTAS

O FIO DA NAVALHA, romance de W. Somerset Maugham — Edição da Livraria do Globo.
— Porto Alegre, 1946.



Larry Darnell, norte-americano que esteve na guerra, voltou de lá com o espírito abalado, o sentimento perturbado pelo espetáculo continuado da morte. Acha que precisa de se tornar outro homem, de mais nobres idéias e sensibilidade mais pura. Os antigos pendores da inteligência e do coração agora se lhe afiguram prejudiciais à elevação da sua individualidade. Começa então por desfazer o seu noivado com Isabel Bradley; e renuncia a quaisquer ensejos que se lhe deparem para conquistar uma boa situação ou uma bela fortuna. Liberta-se de todas as comuns ambições dos homens; e entrega-se à procura da certeza religiosa que lhe deverá trazer a perfeita serenidade e a espécie de ventura contra a qual não possam prevalecer revêzes nem reviravoltas do destino. Esta ânsia da suma salvedoria o leva ao Extremo Oriente, onde efectua os estudos e os exercícios mais adequados ao seu estado de alma. E, atingido aquilo que se afigurou o definitivo ideal no mundo, volta a Paris, disposto a aplicar à antiga existência esta nova maneira de a considerar e orientar.

Encontra Isabel Bradley, mas já casada. Outra moça, camarada de Larry, chamada Sophie Mac-Donald, caiu, em razão de uma série de desventuras, em completa degradação. A essa criatura e outras pessoas que se lhe sentem a extraordinária influência moral, Larry atende para as confortar ou encaminhar, providencialmente. E por fim volta para América, onde espera exercer em mais larga escala e com resultados ainda mais felizes a sua missão salvadora.

São estas as linhas gerais da acção do *Fio da navalha*, à qual, Somerset Maugham soube dar, como sempre, episódios verdadeiramente sensacionais, e aqueles cenários de romance em que se tornou artista consumado.

EVOLUÇÃO DA AERONAUTICA NO BRASIL, pesquisas e comentários de José Garcia de Souza. — Rio de Janeiro, 1946.

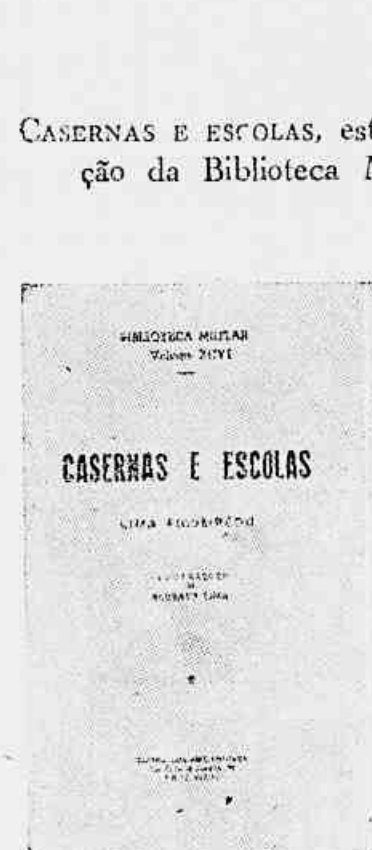
Já nestas colunas nos referimos aos trabalhos do Sr. José Garcia de Souza, entre os quais *A verdade sobre a História da Aeronáutica*, em dois amplos volumes. O presente livro abre uma série que compreenderá cinco tomos, vindo de frei Bartolomeu de Gusmão até à Força Aérea Brasileira e a sua acção na última guerra. O assunto será, pois, tratado desde as primeiras tentativas até às mais recentes realizações e ao triunfo, aos olhos do mundo, dos conquistadores do ar nascido no Brasil.

O Sr. Garcia de Souza piloto, técnico especializado, mestre de aviadores, é verdadeiramente um apaixonado da aviação. Só esse amor extremo, essa suprema dedicação o levaria aos estudos profundos, árduos empreendimentos, longos trabalhos de biblioteca e de gabinete que tornaram possível a sua já numerosa bagagem de escritor. Neste último livro, como nos outros sobre a matéria, se encontram documentos, relatos, elucidações que só à custa de muito esforço e talvez de não pequenos sacrifícios poderiam ser tão seguramente obtidos e tão caprichosamente organizados. Na introdução do novo volume nos expõe o Sr. Garcia de Souza os seus primeiros intentos e depois nos diz porque e como se foi entregando à tarefa — cada vez mais cativante para o seu espírito de estudioso e o seu sentimento de patriota — de esclarecer todos os fatos e pôr fim a todas as dúvidas que dissemos respeito à aeronautica brasileira. E tudo o que ali nos diz, os seus livros e

atestam e profundamente o exemplificam. A relação bibliográfica que constitui a primeira parte da *Evolução da Aeronáutica no Brasil*, com as breves anotações que acompanham cada obra, ocupa nada menos de duzentas e oitenta páginas; e só a lista dos autores vai a cerca de vinte páginas. Esta simples referência basta para se fazer idéia da amplitude dada pelo autor às suas investigações.

O capítulo que trata de frei Bartolomeu é, naturalmente, curto. A dificuldade de o ilustrar reduziu-o a menos de dez páginas. Nêle figuram: o quadro a óleo de Benedito Calixto, existente no Museu Paulista; outro, de Eugênio Latour, representando o interior da igreja de Toledo, onde foi sepultado o Voador; outro ainda, de Bernardino de Souza Pereira, dando a cena de corte de D. João V, onde se realizou a primeira demonstração da descoberta genial; e fotografias diversas, entre as quais a do monumento erguido a Bartolomeu de Gusmão na sua cidade de Santos. Sobre Santos Dumont é considerável a documentação de fotografias, desenhos e fac-símiles. Vem da primeira mocidade do inventor; acompanha-o em todas as aspirações, todos os cometimentos; e segue-o até à morte. E as últimas páginas do volume são consagradas a Augusto Severo, bem como a outros inventores: Leopoldo Silva, Carlos Rostaing Lisboa, Júlio Cesar Ribeiro de Souza, Lopes Cançado, Magalhães Castro, Gastão Madeira, José do Patrocínio, Eurico de Barros, Antônio Barros, Manoel Bernig e Sayão Lobato.

CASERNAS E ESCOLAS, estudo sobre o exército brasileiro por Lima Figueiredo — Edição da Biblioteca Militar. — Rio de Janeiro, 1946



E' bem notória a competência do Sr. Lima Figueiredo em assunto militar. Nem só essa matéria consta da sua bagagem de escritor. Outros assuntos o teem ocupado, merecendo o seu estudo consciencioso e o melhor das suas faculdade intelectuais. Assim, entre as suas obras e além das de caracter propriamente bélico, figuram trabalhos sobre viagens pelo interior do Brasil, política internacional, um livro de alta reportagem no Japão e ainda dois de feição científica: *Principiante de Rádio e Telegrafia*. Vê-se, portanto, como este espírito de indagação e de apreciação varia os seus objectivos; e a verdade é que a todos se dedica com atenção e deligência extremas, não só para ir adquirindo sempre conhecimentos novos mas também para, de cada vez, ter mais alguma coisa que ensinar.

Com o presente volume volta o Sr. Lima Figueiredo ao seu predileto campo de pesquisa e doutrinarismo. Oferece-nos uma história das armas brasileiras, desde a sua primitiva organização e seus primeiros feitos até à acção que desempenhou na campanha da Itália e aos aperfeiçoamentos de disciplina, preparo moral e instrutivo, força eficiente e acção metódica que hoje o tornam digno duma nação como o Brasil. No capítulo primeiro, *A guerra atual* ha uma espécie de prefácio. O autor nos explica o valor clássico de uma grande vitória para a decisão de uma guerra e como a experiência moderna veio a modificar essa noção absoluta. Segue-se o capítulo *Problema do material de guerra*, em que se fala da grandeza do empreendimento lançado em Volta Redonda e se rendem, no livro, os primeiros louvores ao presidente Getúlio Vargas. Começa depois a parte histórica propriamente dita com o *Brasil Militar no Período Colonial*; e sucedem-se os capítulos: *O exército do tempo do Brasil-reino*, *O exército durante o 1.º Império*, *O que foi o exército no período convulsionado do Império*, *Como era o exército que fez as nossas guerras externas*, *Da guerra do Paraguai ao fim do século XIX*, *O exército na República e O exército de hoje*. Assim se forma a primeira parte do volume. A segunda parte trata da *Evolução do ensino militar no Brasil* e divide-se em seis períodos: de 1811 a 1866, 1874 a 1890, 1890 a 1904, 1905 a 1919, 1920 a 1940 e de mais de 1940 aos nossos dias.

RECEBEMOS:

O grande sacramento, carta pastoral sobre o matrimônio cristão, por D. Francisco de Aquino Correia, arcebispo de Cuiabá. Publicação das Escolas Profissionais Salesianas, de São Paulo.

Curso de admissão, para ginásios e escolas de comercio, por Máximo de Moura Santos. Edição da Livraria Francisco Alves.

Ayuda de emergência y ayuda reconstructiva, publicação da "American Jewish Joint Distribution Committee, Inc., de Buenos Aires.

A vida e as realizações do 1.º Bispo de São Paulo, D. Bernardo Rodrigues Nogueira, conferência de J. P. Leite Cordeiro — São Paulo.

O Juvenal lusitano, conferência sobre Eça de Queiroz, lida por Antônio Pereira de Souza no Gabinete Português de Leitura, de Recife.

Rodrigues Peixoto, o homem e obra, por Godofredo Tinoco — Niterói.

A diplomacia, o direito das gentes e a justiça internacional, conferência de Sylvio Rangel de Castro, lida perante a Sociedade de Brasileira de Direito Internacional.

Reforma do Regime Tributário Brasileiro, tese de doutoramento de Dante Mantovani — Rio Preto.

Ensaio de interpretação da literatura norte-americana, conferência de Lúcia Miguel Pereira, edição da Sociedade Felipe de Oliveira — Rio de Janeiro.

A influencia espiritual da França e particularmente de Paris no Ocidente e no mundo, conferência de Jefferson de Lemos, Edição da Sociedade Brasileira de Cultura Positivista — Rio de Janeiro.

O desprestígio do poder judiciário pela ditadura, discurso de Raul Floriano — Rio de Janeiro.

De Lábio em Lábio...

dou volta ao mundo!

Pela sua massa inconfundível, pelos seus tons modernos e harmoniosos, ZANDE - o baton que está na moda - conquistou a preferência de todas as mulheres lindas do mundo. ZANDE dá aos lábios um contorno perfeito, conservando-os aveludados e perfeitamente maquilhados durante muitas horas.



PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

**O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos**

**REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA**



**INFALIVEL NA CÁSPA,
QUEDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo**

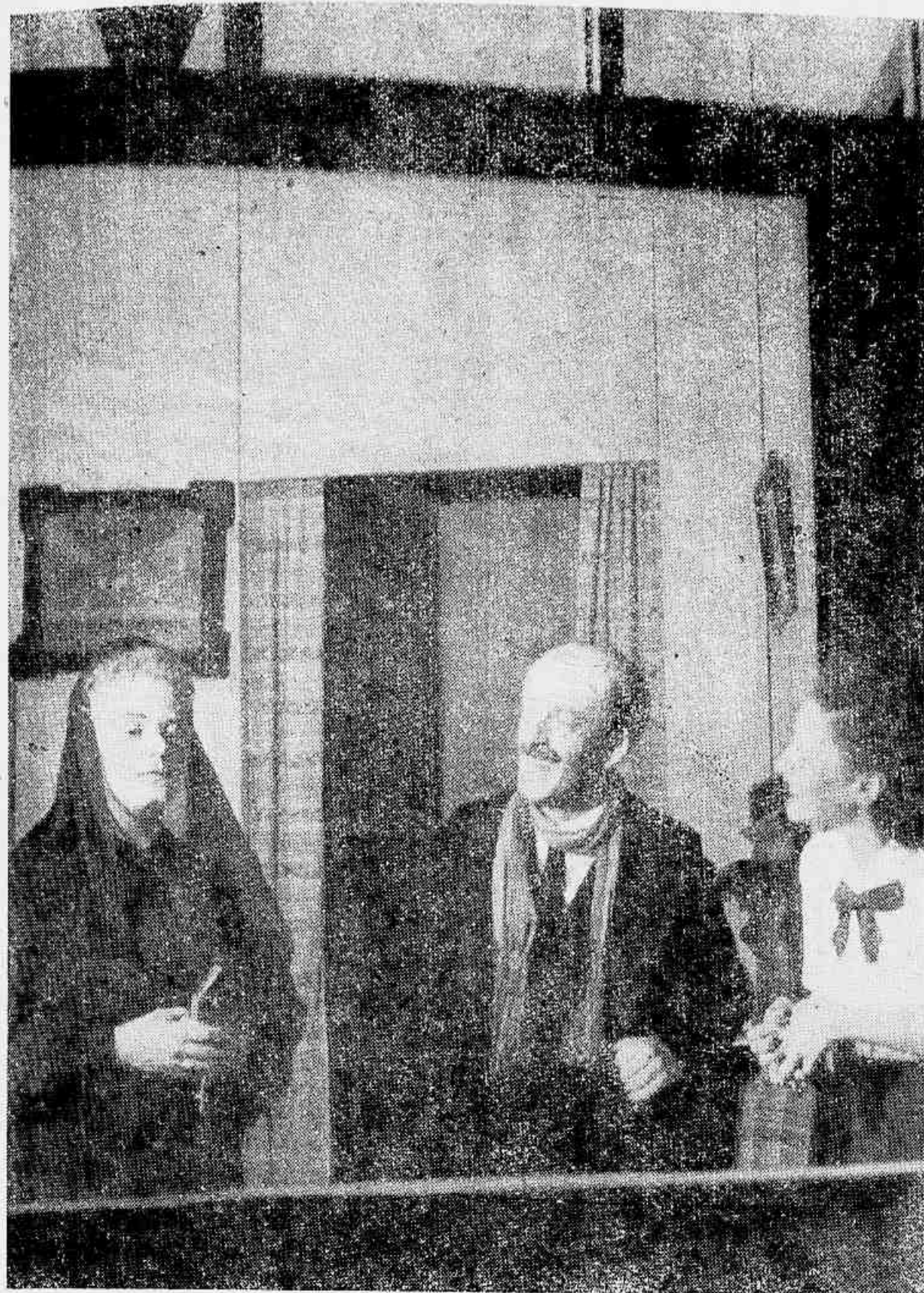


TEATRO DE A

O corpo de amadores do Clube Ginástico Português ofereceu aos associados dessa agremiação, no dia 8 do corrente, em "première", a comédia "...e o amor é assim", de Armando Mook, traduzida por Humberto Cunha. Na gravura em baixo, à direita um

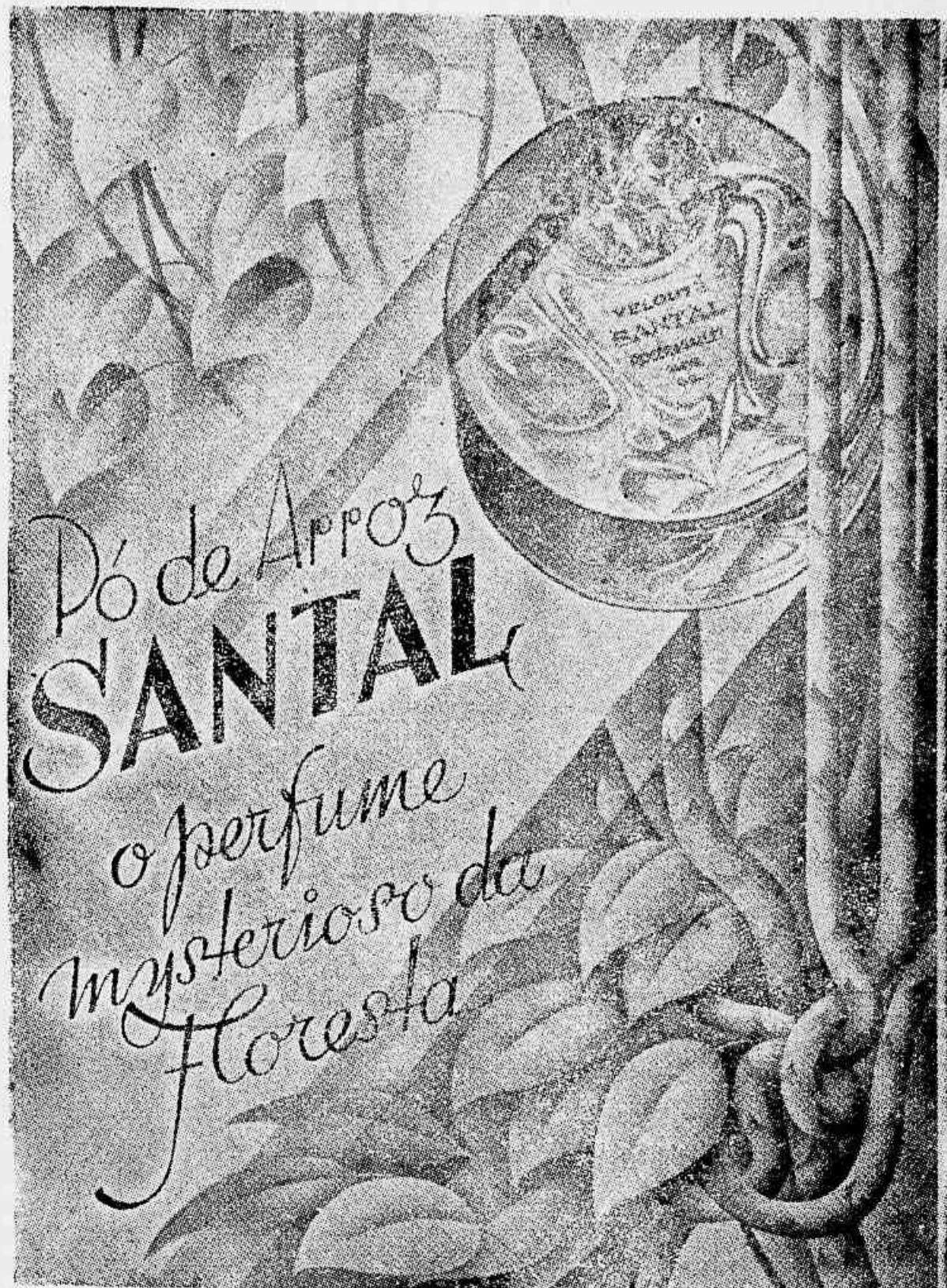
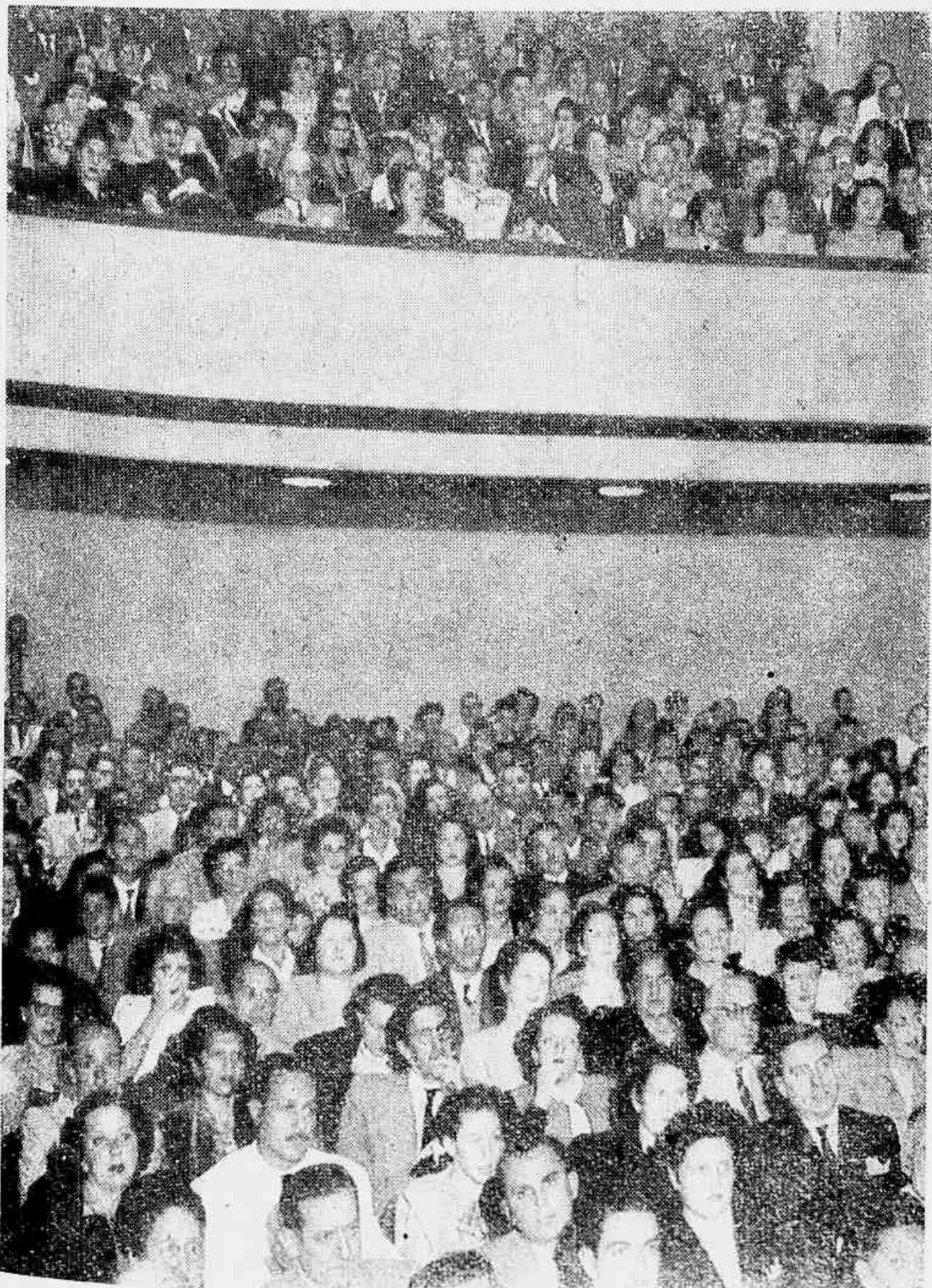


Aspecto
que teve
Ester Co



AMADORES

Aspecto da platéia do Teatro Ginástico, e nos "clínhes seguintes, flagrantes do espetáculo que teve como principais interpretes Zelina Lyra Vieira, Zizinha Macedo, Dora Fabbri, Ester Coval Barbosa e Mario Maurel Barros. O espetáculo registou um expressivo sucesso



ROGER & GALLET

CIVILIZAÇÃO
impõe
PROGRESSO

Não é apenas "Malzbier" a cerveja da sua preferência. É "MALZBIER PROGRESSO" a deliciosa e nutritiva cerveja da Antarctica. Os povos civilizados aliam à necessidade de nutrição a exigência de um paladar apurado.

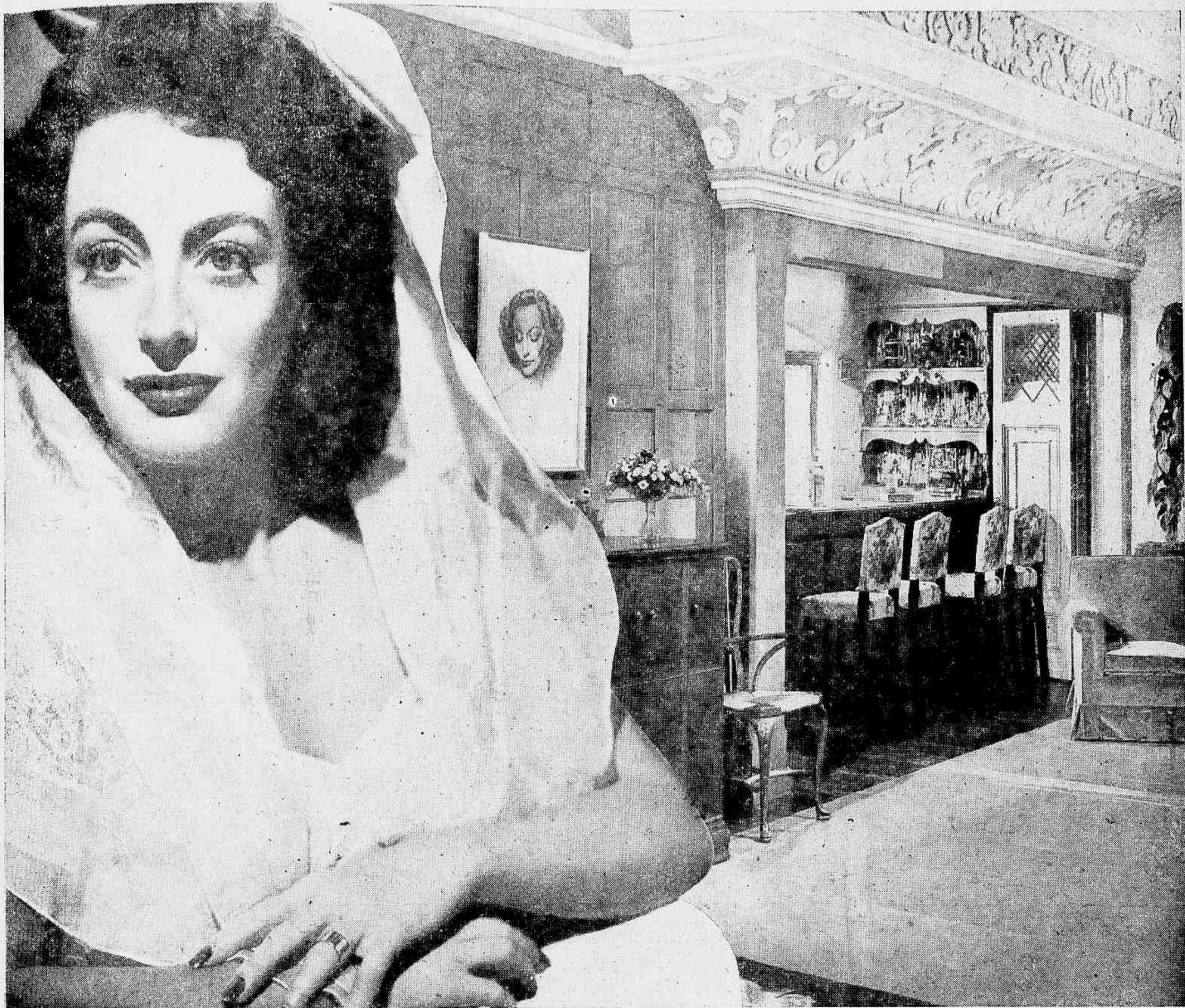


UM PRODUTO DA
ANTARCTICA



AO ALTO -- O "living-room", onde as ramagens coloridas das poltronas, as flores e as plantas, dão uma nota viva de bom gosto. EM BAIXO -- Uma entrada lateral que dá para o "living". Notem a originalidade do relógio e a simplicidade da cadeira e da estante.



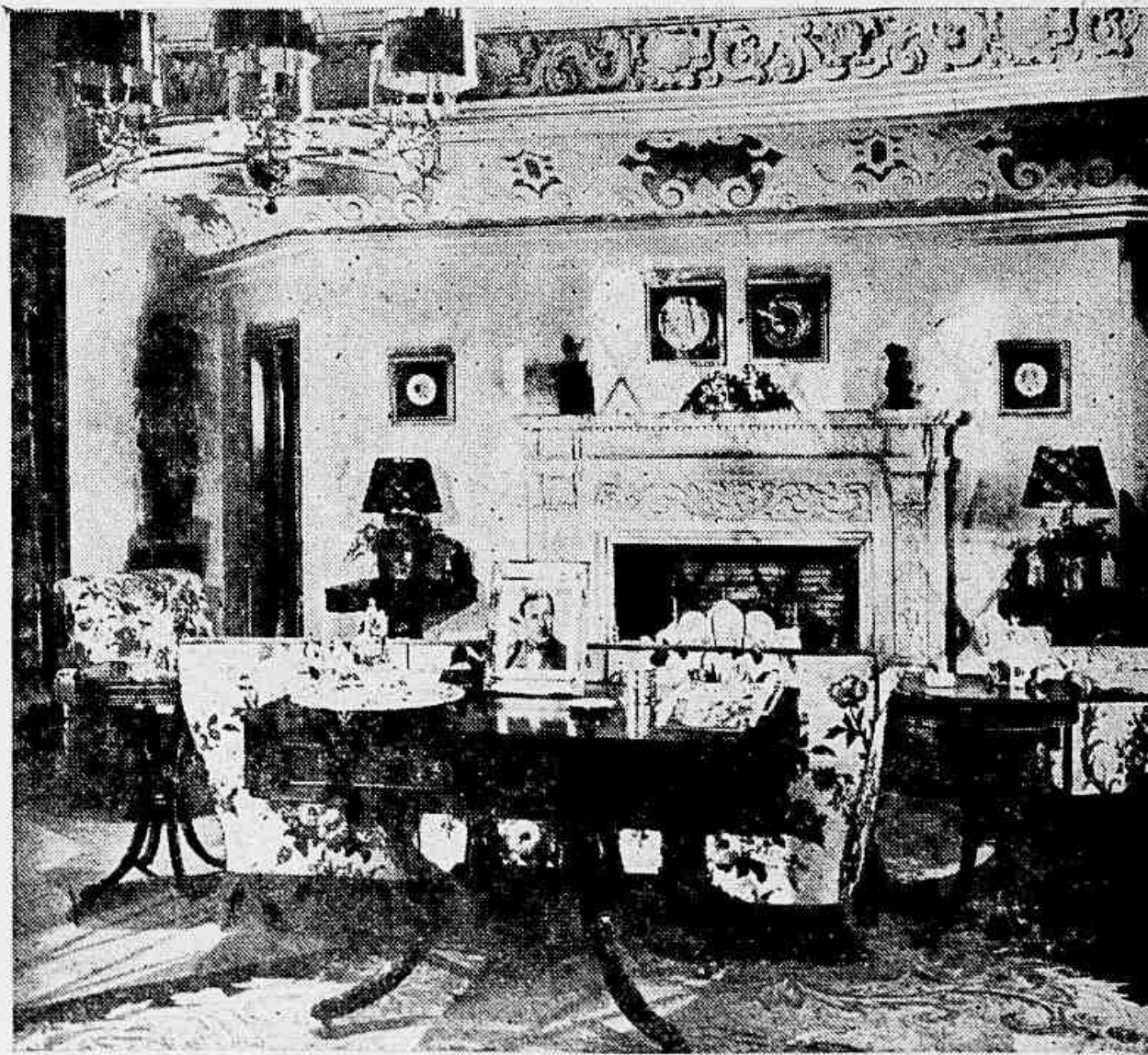


O bar, bastante original sem duvida, a radiola e um excelente retrato da "estrela".

A CASA DE UMA ESTRELA

A casa de uma mulher bonita reflete a sua personalidade? Se é elegante, tem bom gosto e sabe criar um ambiente agradável, isto se verifica quando se conhece a sua casa. Joan Crawford, a detentora do "Oscar" de 1945, com o seu trabalho no filme "Mildred Pierce", da Warner Bros., é possuidora de forte personalidade; sua casa é o que podemos chamar de "lar", aliando-se nela a elegancia ao conforto, formando um ambiente de grande distinção. Temos o privilégio de mostrar às nossas leitoras alguns detalhes da casa dessa grande artista.

A ESQUERDA — Grande porta que liga o "living" ao terraço, vendo-se ao lado o bar. Uma poltrona de veludo verde escuro forma contraste com o colorido das cortinas.
A DIREITA — O "living" visto por outro angulo, tendo ao fundo a lareira.





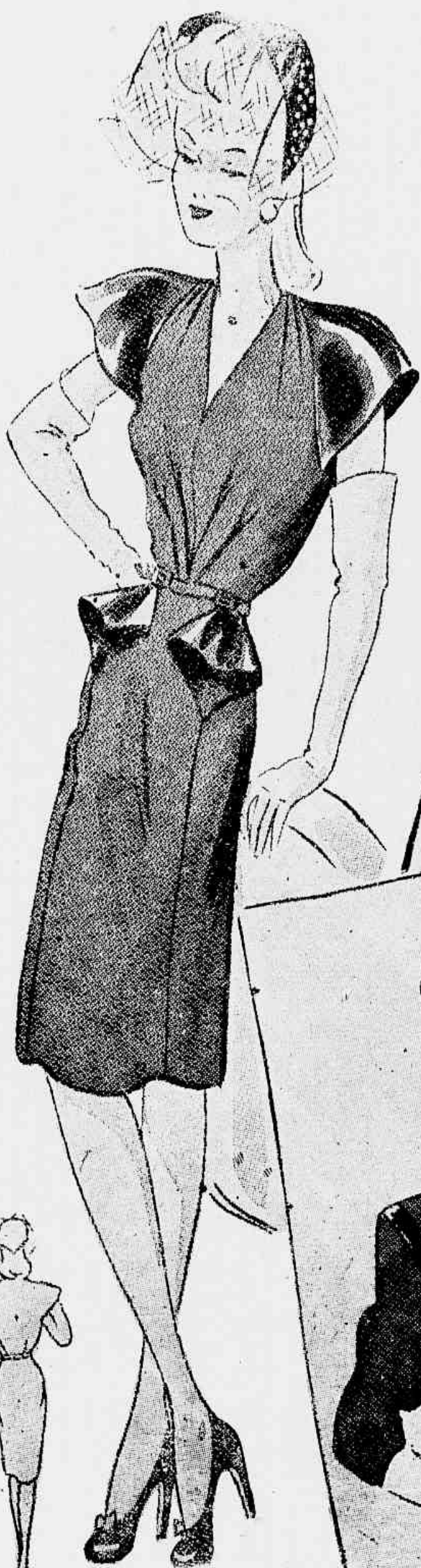
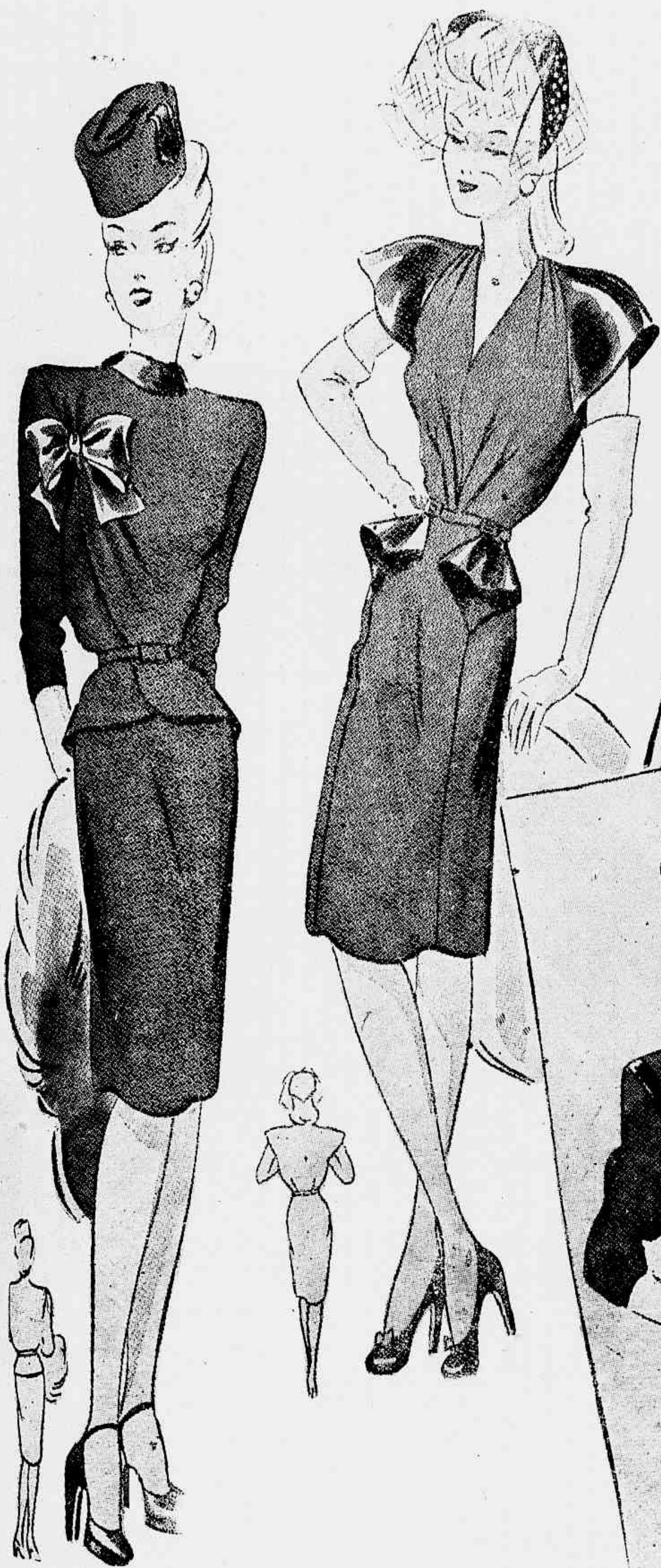
Uma nova versão do "chemisier", com mangas japonesas. Note-se que as mangas são diferentes das que se usam atualmente, são mais largas, o mesmo acontecendo com a blusa. A saia também é bastante ampla, tendo franzidos à cintura.

← Para as manhãs de inverno, a encantadora Rhenda Fleming, da RKO Radio, usa esse "robe" de lã mostarda com alamares havaiana. Talhe "princesa", mangas alargando do cotovelo para baixo.

Este outro modelo, com saia bastante larga e bolsos embutidos, tem franzidos na blusa, presos por uma pala sobre a qual são aplicados botões decorativos. Manga até o cotovelo, com punhos virados.



"HABILLÉ"

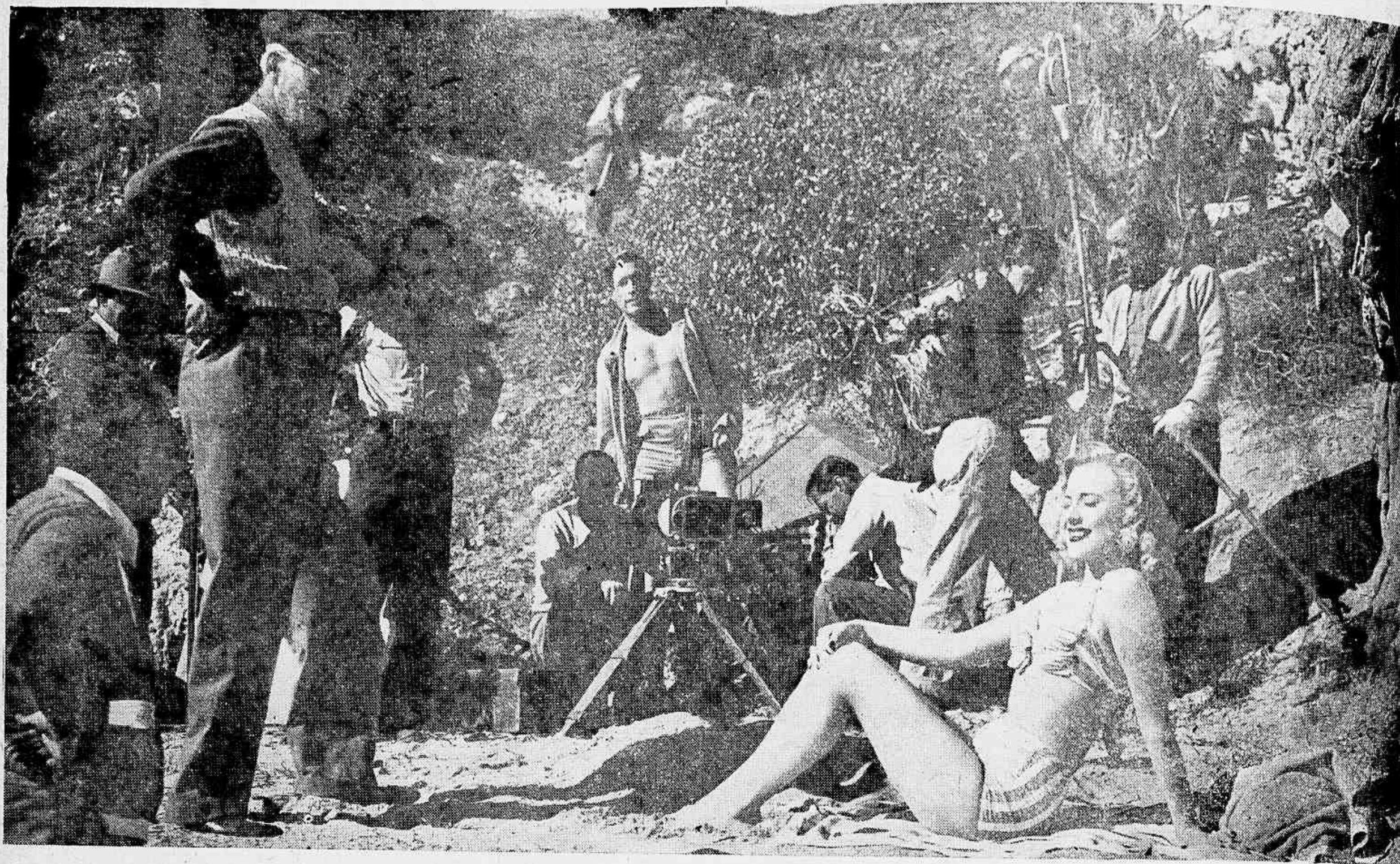


8



10

- 6 — Duas peças em pesada seda preta, gola e grande laço de cetim preto.
- 7 — Vestido de crepe negro, tendo as mangas japonesas e os pequenos "godels" da saia, em cetim negro.
- 8 — Modelo elegante, mangas japonesas. Vies de cetim nas mangas e em todo o comprimento do vestido, laços também de cetim.
- 9 — Vestido em lã preta, com aplicações de veludo preto. Grandes raios que saem da cintura também em veludo preto.
- 10 — Modelo simples e de grande efeito. Saia franzida, "apanhada" por um babado justo de cetim preto, terminando em laço na frente. Mangas japonesas e pequenos laços sob cada uma, também de cetim negro.



Na página em frente, Lena Horn e Douglas Fairbanks, Jr., cada qual pertencente a um estúdio e portanto a filmes diferentes. A "morena" da Metro, experimenta um vestido primaveril, enquanto o herdeiro do velho Douglas aparece aos leitores tal como vamos vê-lo em "Simbad o Marujo", um filme muito à sua feição de ator aventureiro e romântico. Na gravura superior, a preparação de uma cena "glamourosa" feita no interior dos estúdios da RKO, com Anne Jeffreys, para o filme "Stop By Sep".

A "REVISTA" EM HOLLYWOOD

A notícia de sensação da semana em Hollywood: A RKO-Radio Pictures moveu processo contra Orson Welles para a cobrança de 205.012 dólares e 93 centavos, pelos filmes que mr. Welles obteve em vários países da América Latina, mas principalmente no Brasil, destinados a "Tudo é verdade", nunca concluído. A RKO pediu o embargo da hipoteca de que é credor J. Marcan Nercesian, de Salt Lake City, referida a esse material filmado. Como se vê, Orson Welles continua em grande cartaz... e em grandes apuros também!

Há uma atriz de incontestável talento no cinema americano: Dorothy McGuire. Pode não ser um tipo de beleza clássica, mas tem uma extraordinária personalidade, que ela demonstra no filme "Silêncio nas Trevas", da RKO, onde interpreta o papel de uma pequena muda que assiste a um crime e nada pode fazer.

Rosalind Russell está posando para um filme — "Sister Kenny" — na RKO, onde se faz o histórico das grandes cruzadas americanas contra a paralisia infantil. No "clique" abaixo, miss Russell ensaia a grande cena do desmaio, sob as vistas do diretor Dudley Nichols. Inúmeras vezes a pose é ensaiada antes da filmagem definitiva.



do
co.

on
os
A
a
mi

o
co.
ls.





O regresso de David Serrador

Depois de demorada permanência no Velho Mundo, regressou ao Brasil, David Serrador, figura de autentico relevo nos círculos comerciais e sociais da metropole. Continuador infatigavel da obra que nos legou o criador da Cinelandia, Francisco Serrador, — essa sua viagem teve por objetivo estudar e observar o desenvolvimento urbanistico das grandes capitais europeias, afim de melhor executar entre nós seus planos para o futuro. Carinhosa e significativa homenagem foi prestada a David Serrador, no Aeroporto Santos Dumont, no momento em que desembarcava do "Constellation". Figuras de grande projecção na imprensa carioca, diretores de jornais, banqueiros, politicos, cinematografistas, acorreram ao aeroporto para abraçar a David Serrador que veio acompanhado de sua exma. esposa, sua encantadora filha Daviria Serrador e seu jovem filho Francisco José. Entre as diversas instituições que se fizeram representar no desembarque de David Serrador, salientamos a presença de Antonio Vieira de Melo, diretor do Departamento de Difusão Cultural da Prefeitura que se associou, oficialmente, áquelas homenagens.

Nas gravuras, três flagrantes do desembarque: Ao alto, a sra. David Serrador, sua graciosa filha e pessoas da familia Serrador. Ao centro, o casal recém-vindo e o jovem Francisco José. Em baixo, David Serrador recebe o abraço de seu irmão José Serrador.



A
Pe
do cor
sidente
de voto
Ao
e presi
dente
Tiv
Lima, s



A POSSE DO NOVO PRESIDENTE DA LEGIÃO BRASILEIRA DE ASSISTENCIA

Perante grande e seletto numero de pessoas da nossa sociedade, realizou-se no dia 3 do corrente, a solenidade da posse do sr. Pedro Luiz Correia e Castro no cargo de Presidente da Legião Brasileira de Assistência, para o qual foi escolhido por unanimidade de votos do Conselho Deliberativo daquela benemerita instituição.

Ao ato compareceu a exma. sra. Carmela Dutra, esposa do sr. Presidente da República, e presidente de honra da L. B. A., que recebeu das mãos do sr. Euvaldo Lodi, vice-presidente em exercicio da Comissão Central, a presidencia dos trabalhos.

Tiveram assento à mesa, os srs. ministro Ataulfo de Paiva, desembargador Saboia Lima, srs. Toscano de Brito, João Daudt de Oliveira, Adamastor Cruz, Chermont de Brito,

sra. Celina Guinle, sra. Mendonça Lima, sr. Pedro Magalhães Corrêa, sr. Otavio da Rocha Miranda, tenente Ordoné Veloso, representante do interventor do Estado do Rio, e sr. Viçoso Jardim, secretário das Finanças do Estado do Rio e presidente da L.B.A. fluminense.

O sr. João Daudt de Oliveira leu o termo da posse, tendo usado da palavra, logo após, os srs. Euvaldo Lodi e o presidente empossado, os quais foram muito aplaudidos e cumprimentados.

Os flagrantos que estampamos nesta pagina, foram colhidos pela nossa objetiva durante a solenidade, vendo-se num deles o sr. Correia e Castro quando assinava o termo de posse, e no outro o sr. Euvaldo Lodi quando usava da palavra.



DO RIO PARA HOLLYWOOD

O caso passou-se assim: A pequena bonita estava entregue ao seu trabalho de todas as noites, no cassino, quando um homem estrangeiro, de olho de lince, deu um grito de espanto. Ali estava o que ele tanto procurava no Rio, uma garota realmente bonita, elegante, de corpo bem feito, sabendo sorrir, com dentes perfeitos e olhos cismadores... Dai em diante tudo se passou como nas histórias de fada. O homem estrangeiro não estava enamorado, ou pelo menos não se enamorou para casar: Apenas para oferecer à pequena bonita do "night-club" carioca, a oportunidade de realizar o sonho durado de todos as moças. O sonho de se transformar em "estrela" de cinema, e logo do cinema americano... De Hollywood, sim.

O homem era um "talent scout" da 20th. Century-Fox, e a pequena, Eva Gardner. Ou melhor, nascida Eva Gerhardt, de Santa Catarina. Foi operaria em sua terra natal — Blumenau — e seus encantos a haviam feito "show-girl" do Copacabana. Agora vai ser contratada daquele estúdio, caso seus "tests" aprovarem em Hollywood, para onde embarcou na madrugada de segunda-feira ultima. Quando esta edição circular, Eva Gardner — nome que Hollywood certamente vai alterar para não se confundir com o da primeira esposa de Mickey Rooney — deve estar chegando a Los Angeles. Embarcou sem publicidade do estúdio, para evitar complicações. E' preciso reconhecer, aliás, que a Fox de longa data se tem interessado pelas revelações brasileiras: Primeiro Olimpio Guilherme e Lia Torá, depois Roulien, finalmente Carmen Miranda que agora é "free lancer" mas por muito tempo atuou nos seus filmes, e talvez ainda este ano... Eva Gardner.

★

Nossa reportagem visitou o apartamento da futura "estrela" na véspera do embarque. Malas abertas, vestidos estendidos pelos moveis, fotografias dos melhores estúdios cariocas, albuns de recortes, toda a turbulenta e misturada bagagem de uma garota bonita que vai, sozinha, empreender a sua grande aventura. Do Rio a Hollywood, com o coração aos saltos, os olhos ávidos de curiosidade, o sistema nervoso abalado, e muita vontade de vencer. Eva Gardner fala corretamente o inglês? Não interessa. Carmen Miranda fez o seu primeiro papel cinematográfico decorando as palavras. E justamente o fato de não manejar o inglês com a correção dos norte-americanos, mais contribuiu para o seu agrado.

Dizem que Eva Gardner é mais bonita que Dorothy Lamour, mais elegante que Ingrid Bergman e mais brejeira que Lana Turner. Também não interessam as comparações, pois Hollywood reclama, antes de tudo, originalidade. Personalidade. Se o "caçador de talentos" da Fox resolveu enviá-la para Los Angeles, é porque atributos pessoais nela encontrou, bastantes para a guindar ao estrelato.

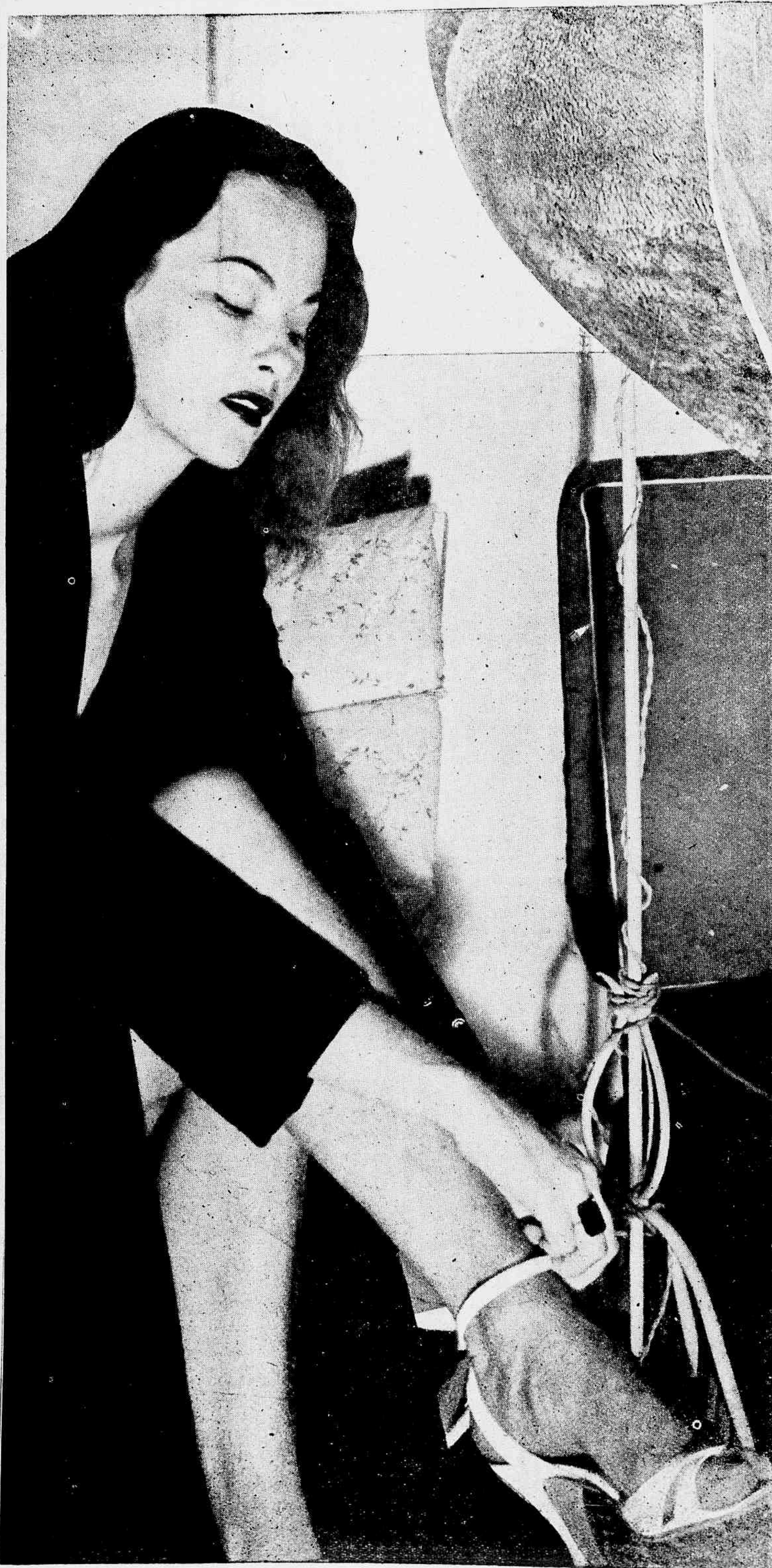
Quando recebi o telegrama da Fox pedindo-me procurar os seus escritórios aqui no Rio, pensei que fosse pilhéria — disse-nos Eva Gardner, piscando os olhos com malícia e sorrindo feliz. Depois lá mesmo, na Fox, de nada sabiam. Claro que fiquei apreensiva... Mas a confirmação não tardou a vir, e os próprios dirigentes da companhia cercaram-me de todas as atenções. Tudo farei para responder à confiança que em mim depositaram...

Não era possível estender a conversa. As malas, abertas, reclamavam o conteúdo da bagagem. O telefone tilintava a cada instante. Amiguinhas, admiradores, jornalistas, queriam saber detalhes da viagem, do contrato, da suprema aventura... Eva Gardner parecia adejar. Seus pesinhos meudos saltavam, pressurosos, suas mãos finas agitavam-se no espaço...

E como os instantâneos estavam feitos, era tempo de bater em retirada. Na madrugada de 20, o avião da carreira rumou, céus além, transportando a sua preciosa bagagem, a garota bonita de Blumenau que talvez volte, muito breve, nas películas românticas de Hollywood, para orgulho dos santacarinenses — e do Brasil inteiro.

Boa viagem e boa sorte, Eva Gardner!

Seu ultimo dia de Copacabana. Seus derradeiros preparativos para um giro, à tarde, do Posto 4 ao Posto 6, Copacabana que ela não voltará a ver tão cedo, para banhar-se em Long Beach... Há um mês, ela era uma simples corista de cassino. Hoje, uma "estrela" em perspectiva. Amanhã talvez um nome universal.



SEU CROCHET

★
JOGO PARA
A L M O Ç O
★

Material necessário: — Linha Mouliné (Stranded Cotton) marca "Ancora".

2 meadas de cada F522 (Jade Claro), F582 (Amarelo Palha), F721 (Branco), F795 (Amarelo Palha Escuro).

1 meada de cada F407 (Verde Gobelin), F412 (Violeta Claro), F413 (Violeta), F414 (Violeta Médio), F444 (Laranja), F463 (Verde Maçã), F496 (Verde Grama Pálido), F498 (Verde Grama), F506 (Azul Natier Claro), F507 (Azul Natier), F568 (Tabaco Claro), F605 (Azul Petunculo), F761 (Azul Pavão muito claro), F774 (Verde Glacial Médio), F793 (Ouro Velho Escuro).

Usar três fios de linha.

50 cm. x 40 cm. de Linho Amarelo.

Dois pedaços do mesmo linho medindo 35 cm. x 30 cm. cada um.

1 agulha Milward Crewel n.º 6.



Traçar o desenho nas toalhas de conformidade com o modelo fotografico.

Seguir diagrama e chaves para colocação de cores.

Os pontos usados são os seguintes.

Grupos "A" e "B" — As flores em ponto matizado e as folhas e hastes em ponto de haste.

Grupo "C" — As flores são contornadas em ponto de haste sendo as linhas internas em ponto reto e as bordas inferiores em ponto de mosca (romano); os centros são trabalhados em nozinhos Franceses (rococó) com linha amarelo palha escuro. As folhas são tra-

balhadas e
tes em po

Grupo "

tas em p

centro da

campainha

to de haste

ponto de r

com ponto

quenas e

as hastes

Grupo

ponto mat

flôr (em

em ponto

ponto de l

ponto che

espinha d

ponto de

Chave

usados pa

folhas e h

Acertar

faixa em

de 3 cm. C

bainha vi

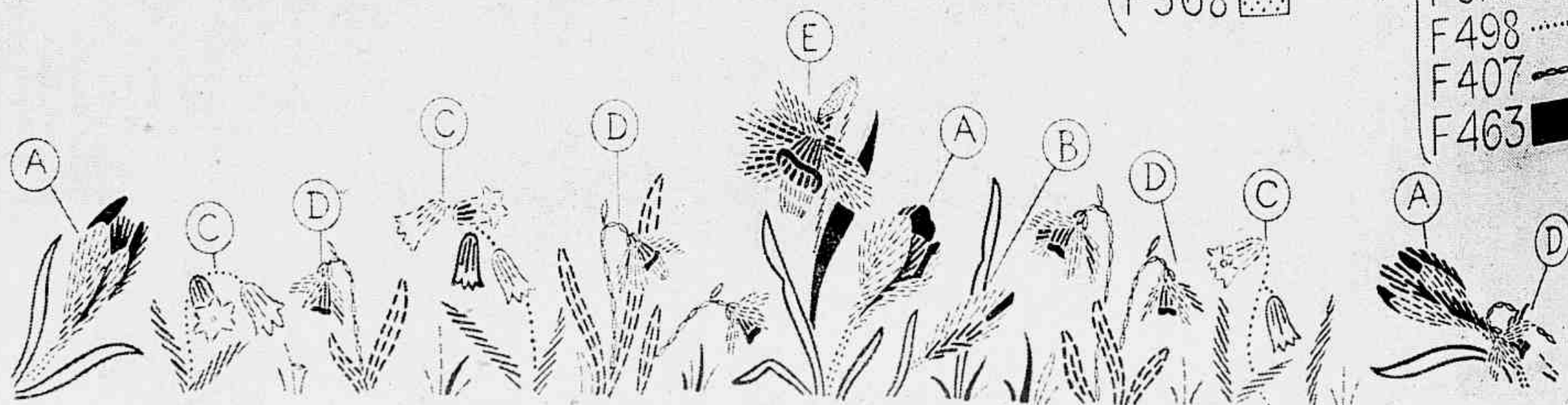
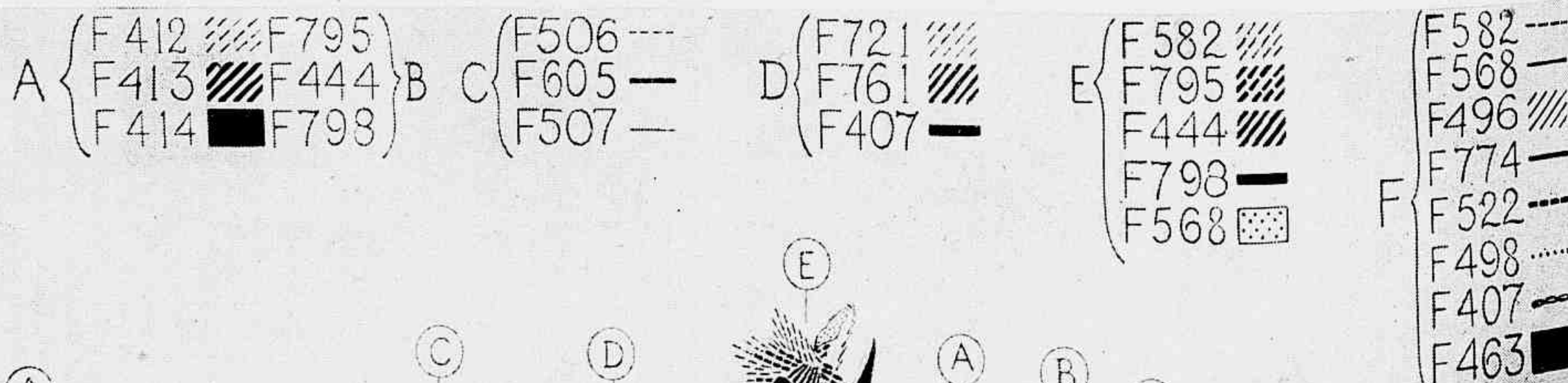
chegando

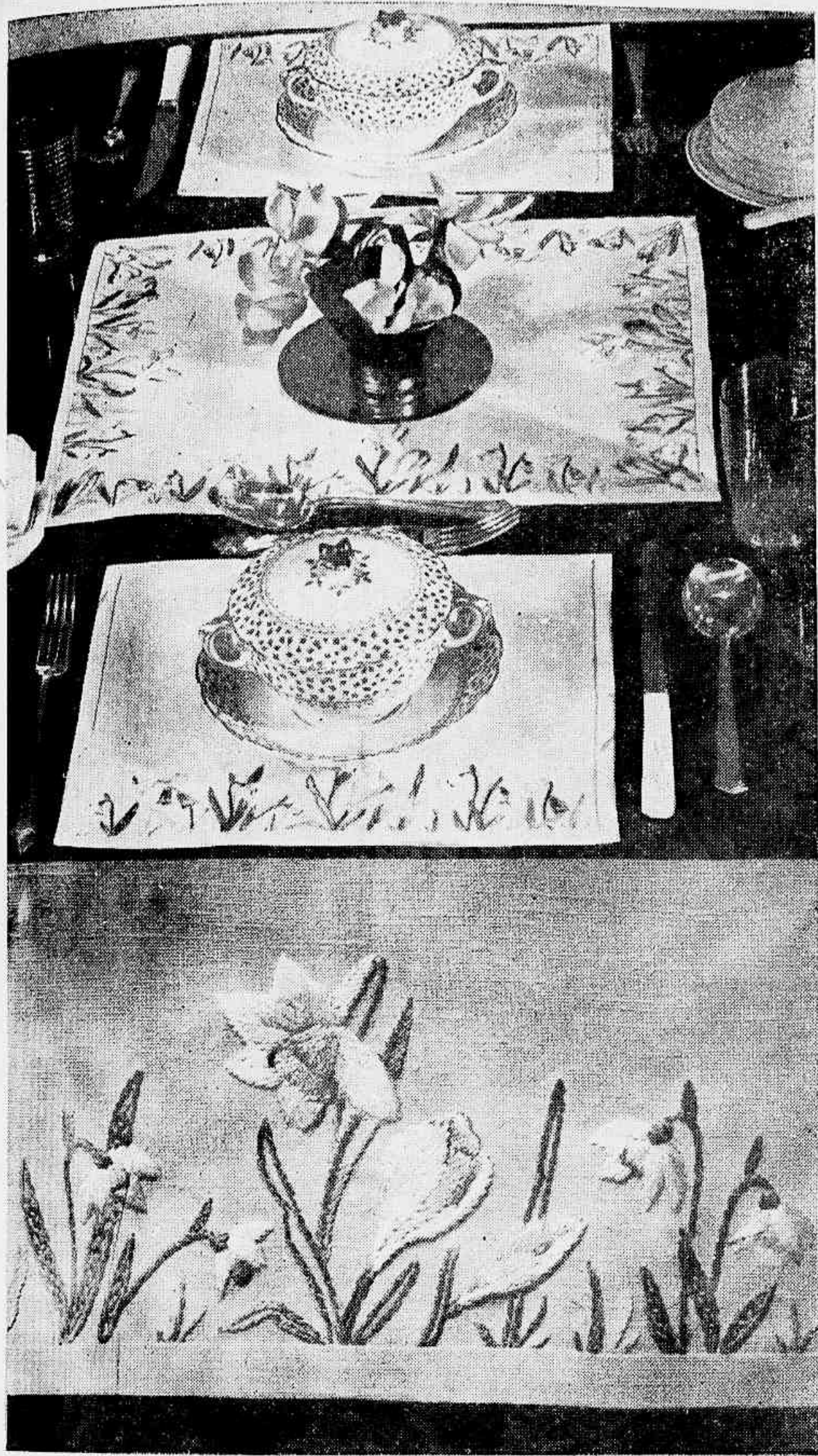
quadrar o

Uma v

passar be

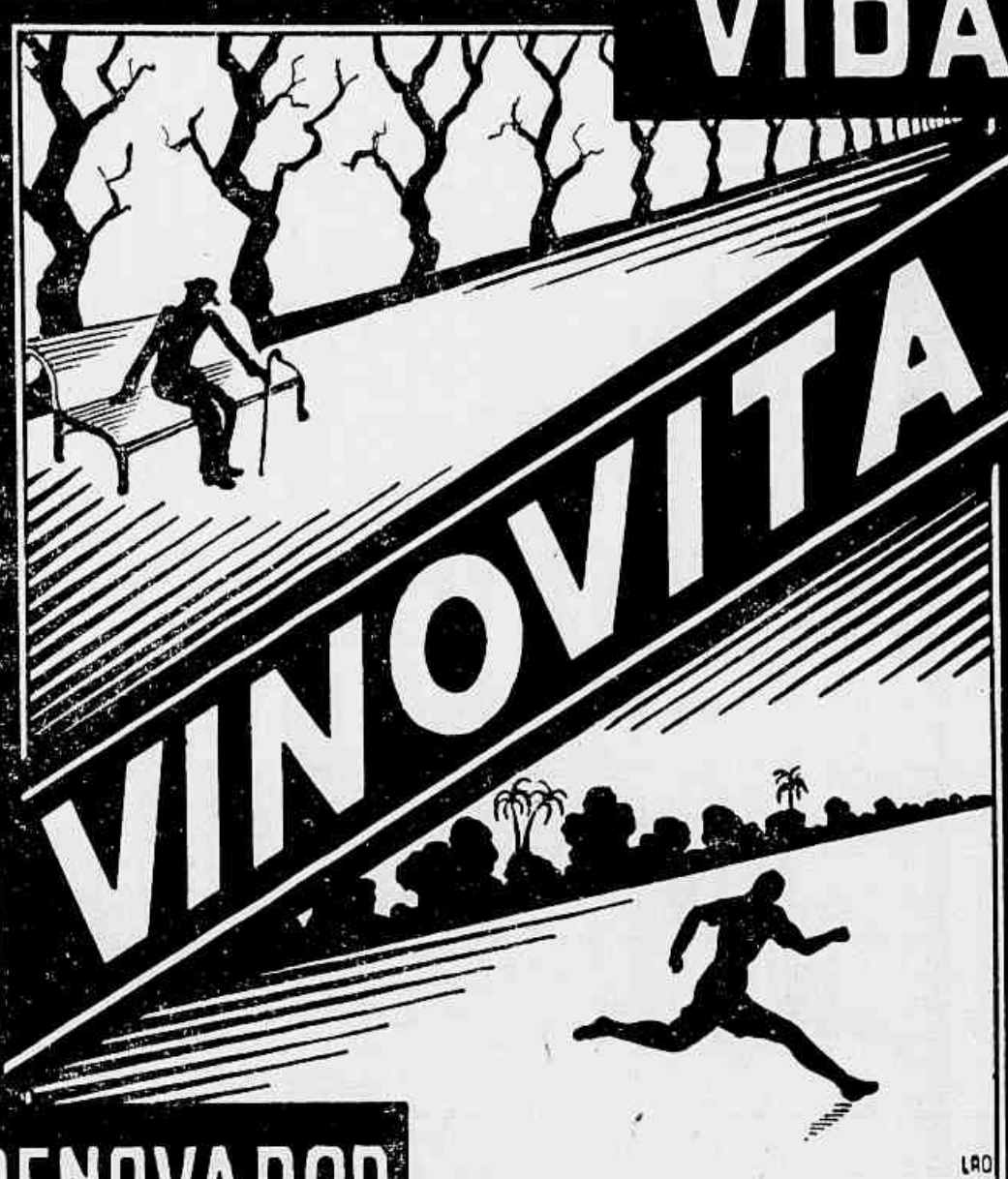
avesso.





*Contra o esgotamento
físico e mental!*

**VINHO
DA
VIDA**



**RENOVADOR
DAS
FORÇAS**

Tônico poderoso

O preço desta edição é de Cr\$ 1,50
no Rio de Janeiro e de Cr\$2,00 nos Estados,
não podendo ser vendida por preço superior.

balhadas em ponto cheio e as has-
tes em ponto de haste.

Grupo "D" — As flores são fei-
tas em ponto matizado sendo o
centro da flôr (em formato de
campainha) contornado com pon-
to de haste; as folhas são feitas em
ponto de mosca largo, contornadas
com ponto de haste; as folhas pe-
quenas e calice em ponto cheio, e
as hastes em ponto de haste.

Grupo "E" — As pétalas em
ponto matizado, sendo o centro da
flôr (em formato da campainha)
em ponto cheio contornado com
ponto de haste; o calice é feito em
ponto cheio; as folhas em ponto
espinha de peixe e as hastes em
ponto de haste.

Chave "F" — Indica os sinais
usados para as cores de todas as
folhas e hastes.

Acertar o linho deixando uma
faixa em toda a volta das toalhas,
de 3 cm. Com essa faixa fazer uma
bainha virada para o lado direito,
chegando até a borda do desenho,
quadrar os cantos e guarnecer.

Uma vez o trabalho terminado
passar bem a ferro pelo lado do
avesso.

Harmonioso



como a Música no seu Lar

**LUSTRES
CANDELABROS
CASTIÇAS
APLIQUES**

Os lustres de cristal, criação
altamente artística, consti-
tuem o complemento das
mais modernas e luxuosas
residências. Escolha os lus-
tres de cristal fabricados pela
Cristaleria Lusitana que lhe
oferece uma variedade de
linhas modelos dignos de um
ambiente de bom gosto.

**CRISTALERIA
LUSITANA
LTDA**

AV. CELSO GARCIA, 1501 • TELEFONE 9-3710 • SÃO PAULO
RUA BULHÕES ADEL, 122, 5.º ANDAR • TELEFONE 45-1011 • RIO DE JANEIRO

CABELLOS BRANCOS

CASPA Quêda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

O maior amigo da DENTADURA POSTIÇA

Éis aqui uma forma agradável de evitar as contrariedades provocadas por uma dentadura postiça fraca. **FIXODENT**, um novo pó para polvilhar a dentadura postiça, torna-a mais firme na boca, proporcionando maior comodidade. Não deixa sensação pegajosa. É *isotônico* (não ácido). Não amarga a boca. Combate o "cheiro de dentadura postiça". Perfuma o hálito.

Compre **FIXODENT** hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário. Solicite amostras.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114 - 1.º andar
Rio de Janeiro

91-B



ÁGUA INGLESA

GRANADO

**TÔNICA
E APERITIVA**

**NA ANEMIA
CLOROSE E
CONVALESCENÇAS**

T. FARQUINO

Desperte a Bília do seu Fígado

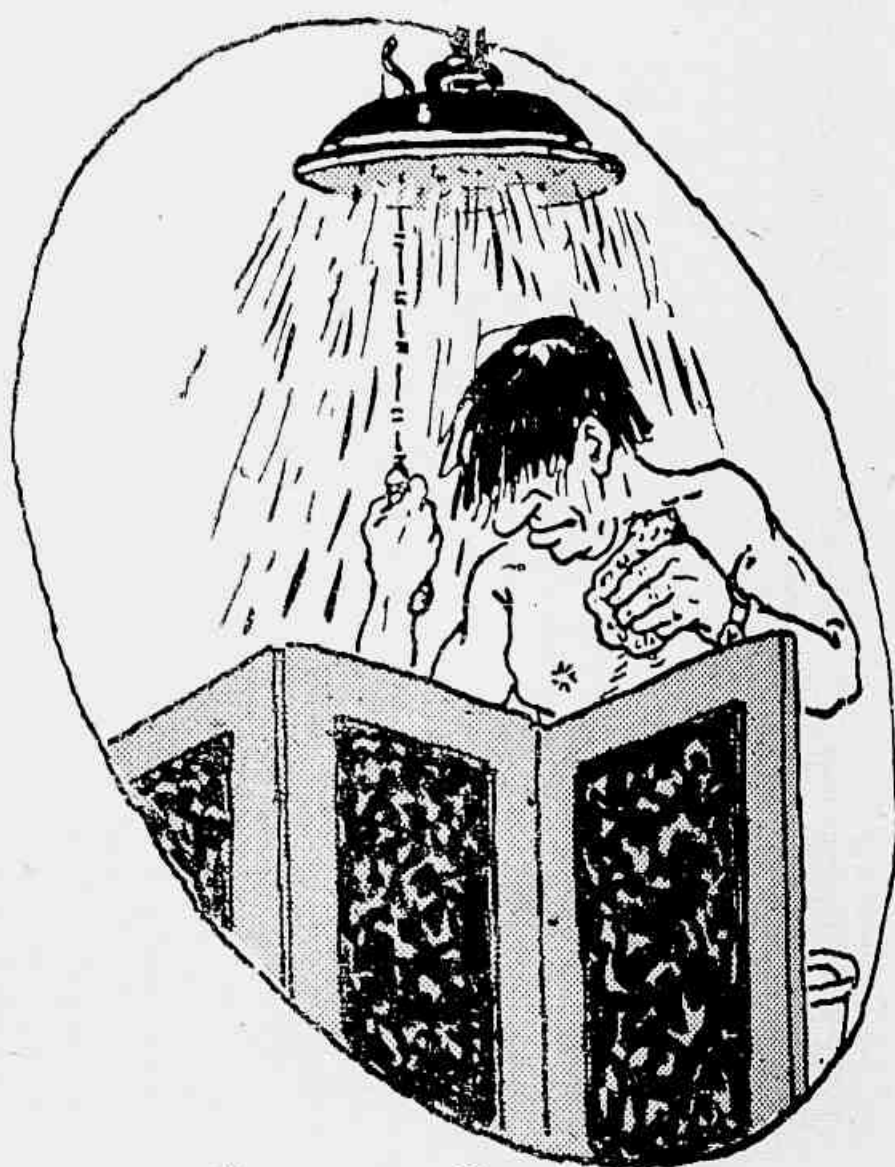
e saltará da cama disposto para tudo. Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bília. Se a bília não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as **Pílulas Carters** para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bília e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bília correr livremente. Peça as **Pílulas Carters** para o Fígado. Ele sente outro prazer. Preço 100 Rs.

H2O...



*Para higiene
sofista...*



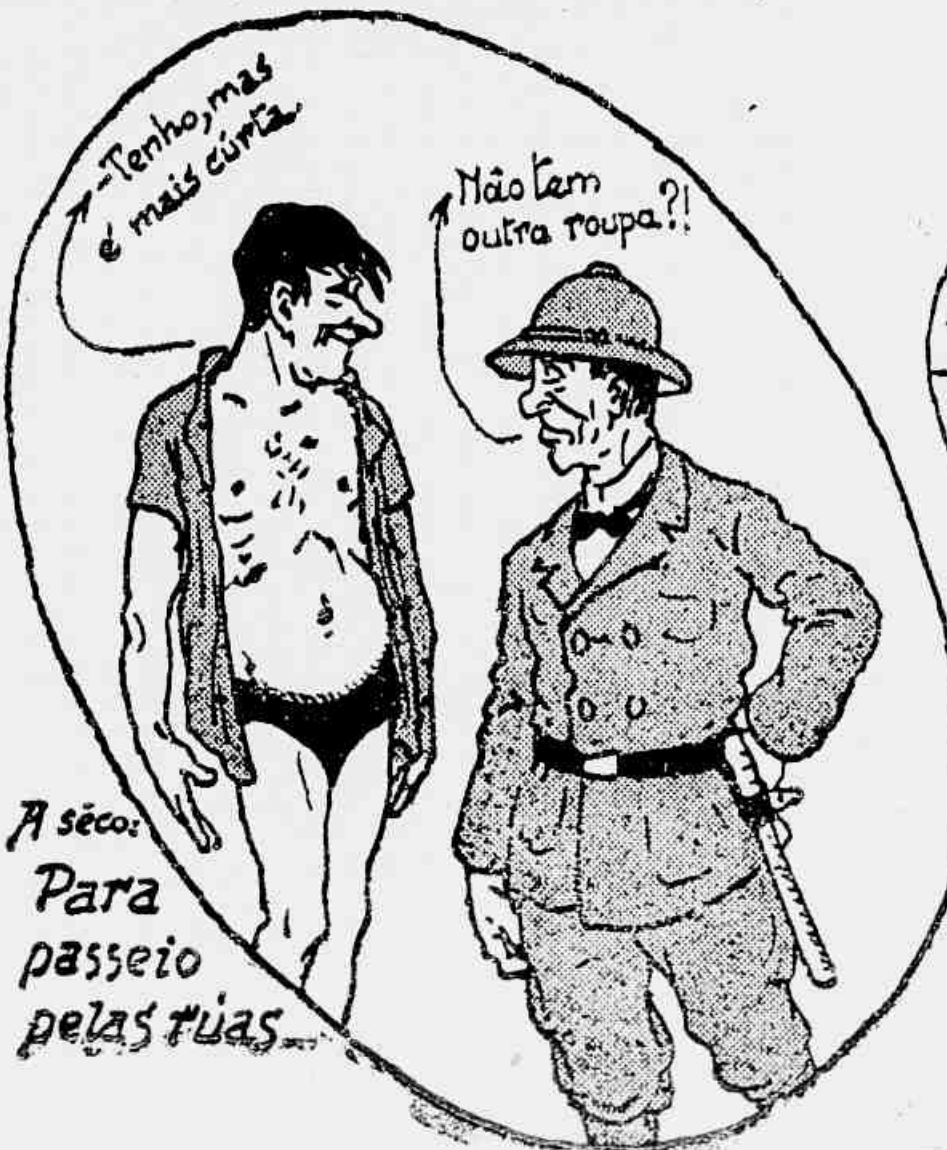
*Para refrigeração
discreta*



Para piscina cromada.



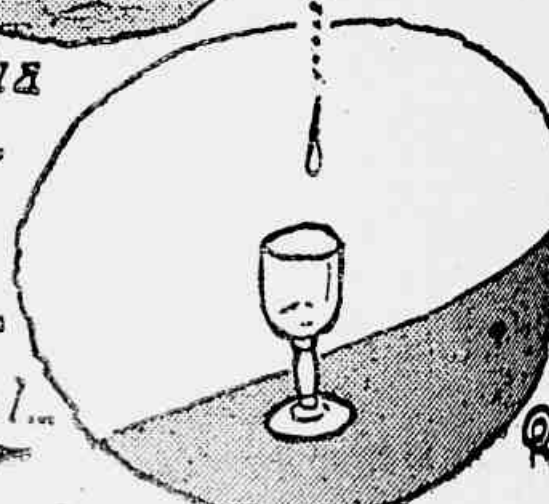
*Para
acrobacias*



*A seco:
Para
passeio
pelas ruas.*



*A seco:
Para areia
e talus...*



*A seco:
Potável.*

A V

(Cont)

mais imp
por algum
te. Gozar

Quando
conta. Po
não foi un
tigador. I
conta —
mas. Perp
posto a n
refletiu su
de trocar
de liberd
uniforme

— Dois
— Quali
— Os r
gosa qua
Charles, I
— Deve
— Pelo
trabalhav

O mesr
man. Co
se sentian
— Olá!

O home
indiferen
do porto
ciam ora
frequenta
tações "n
saíam ant
de sua co

— Sabe
O barn
— "Via
— Pat?

— Tam
polícia an
atacado...

— Sobr
para vrei
— Bob

Os irm
Era o su
— Ond

— Escu
dizer, m
aqui. Ele

gando, se
ajustar, c
pício.

— OK.



TINTURA FLEURY

DA JUVENTUDE
AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre os 18 tons diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agradar.

APLICAÇÃO FACILÍMA:

Pega no nosso serviço técnico todas as informações e recebe o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos gratis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40, 5º. Rio

Nome

Rua

Cidade

Estado

A VOLTA

(Continuação da pág. 34)

mais importante. Não pensar por algum tempo: viver somente. Gozar a vida.

Quando terminou pediu a conta. Porém quem a entregou não foi um garçon, foi um investigador. E não lhe trouxeram conta — mostraram-lhe algemas. Perplexo, ele virou-se, disposto a negar, porém o espelho refletiu sua imagem. Esquecera de trocar a roupa, na sua ansia de liberdade. Ainda vestia o uniforme de presidiário!

★

— Dois presos!
— Quais são os outros?
— Os membros de uma perigosa quadrilha: Jack, Robert, Charles, Paul e Art Adler.
— Devem estar juntos...
— Pelo menos era assim que trabalhavam. São irmãos.

★

O mesmo bar, o mesmo barman. Com roupas novas, eles se sentiam pouco á vontade.

— Olá!

O homem do bar olhou-os com indiferença. Aquele bar perto do porto era assim: ora apareciam ora desapareciam os seus frequentadores. Iam passar estações "no sombra". Às vezes saíam antes do tempo. Não era de sua conta...

— Sabe onde anda Lucky?

O barman sorriu:

— "Viajando"...

— Pat?

— Também. Foram juntos. A polícia andou levando gente por atacado...

— Sobrou alguém do grupo para virejo?

— Bob ainda anda por aí?

Os irmãos se entreolharam. Era o suficiente.

— Onde anda ele?

— Escutem, meninos, eu vou dizer, mas não quero brigas aqui. Ele está lá em cima, jogando, se vocês têm contas a ajustar, o cais é escuro e propício.

— OK.

O barman viu-os se afastarem, em grupo. Correu ao primeiro andar.

— Bob! Eles estão aí. Querem tirar uma desforra!

— Não tenho medo.

— Estão todos os cinco.

— Art também?

— Principalmente Art!

Bob coçou a cabeça. Depois disse:

— Eu sou fatalista.

— Que vai fazer?

Bob olhou em torno. Havia mais de dez homens na sala. Num canto, havia munição...

— Vou enfrentá-los.

★

Descobertos mais cinco dos fugitivos de penitenciária. Bárbaro assassinato aguarda os Cinco Irmãos. Fuzilados a metralhadora por bando rival. Ignorado o paradeiro dos assassinos.

★

— Claude Ashton! Este é diferente!

RUGOL

O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

— Como?

— Professor de uma universidade. Matou não se sabe por que. Homem culto.

— Mais fácil de pegar. Menos experiência, comentou o investigador em termos sintéticos.

O diretor abanou a cabeça.

— Talvez nunca se venha a descobri-lo.

— Por que?

— E' cá um palpite meu.

★

— Sim, o seu plano era o mais completo, pois mesmo a ele se devia a fuga. Todos ti-

Uma carícia perfumada!

De inebriante perfume é suave como uma carícia, o pó de arroz Lady dá maior beleza aos mais lindos rostos... Sua aderência perfeita o mantém sobre a cutis durante longo tempo. Por isso o pó de arroz Lady é o mais usado e preferido no Brasil, há mais de trinta anos.



PÓ DE ARROZ

Nas cores:

- ★ Branco
- ★ Rosa
- ★ Raquel
- ★ Ocre-claro
- ★ Ocre-escuro

Lady

É O MELHOR E NÃO É O MAIS CARO!

A VENDA EM TODO O BRASIL

P. FERRAZ



nam fracassado. Restava uma chance para ele. Voltar à vida passada? Ou construir para o futuro?

Lembrou os antecedentes. O crime... O homenzinho que lhe emprestara dinheiro para pagar a operação do filho, pequenino. Dedos sujos, notas gordurosas. Juros exorbitantes, ameaças e, por fim, chantagem. Podia perder seu lugar de professor. Não poderia ser um assassino a frio. Mas o nojo daquele homem fora tal, e havia sobre a mesa um punhal. Quando dera conta de si, já estava o crime consumado. Entregara-se à polícia.

Porém sentia que era injusto o castigo. A pena longa. As atenuantes não tinham servido. Estava com a vida presa ao cárcere. Prisão perpétua.

Preferia morrer. Morrer ou fugir. O plano estava completo. Nada lhe faltava.

Mas ele tinha que rever o filho. De longe, uma só vez, mas tinha que revê-lo antes de retomar aquela vida...

Voltou. Retrocedeu e procurou a casa onde morara. Estava na hora do menino ir para a escola. Viu-o sair de braço com o tio, o irmão de Anne, sua esposa. Mas o menino ia triste. Presenciou a conversa.

— Que é que há, capitão, perguntou o tio, preocupado.

O menino sorriu:

- Capitão está amolado...
- Por que?
- Nada!

Mas, com esforço, ele conseguiu fazê-lo contar a história. Alguem chamara ser pai de assassino. "Mas mamãe me disse

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crimes perpetrados para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado, que se caracteriza por sua ação rápida para branquear, alisar e refrescar a pele.

Depois de aplicar este creme, observa-se como a sua pele ganha um ar de verdadeira exatidão à vista.

A pele que não respira resaca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperidades e a tendência para pigmentação.

O vigor e brilho de uma pele viva e saudável volta a aparecer com o uso do "Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto das Laboratórios Alface e Pólenes.

que ele foi um herói. Que morreu na guerra. Papai foi um herói, não foi, titio?

Claude viu o cunhado parar, segurar o menino pelos ombros e dizer:

— Foi.

Se ainda lhe restasse um pouco de coragem... Claude estremeceu. Sentia no bolso o peso do revólver.

Tomou na mão. Longe, longe dali, à beira do precipício. Equilibrado na ponta do abismo, ele olhou em torno e deixou-se imergir pelo ambiente majestoso. Sentiu uma vertigem.

— Rápido. Rápido, disse.

E levou o revólver até a testa. Depois, lentamente, puxou o gatilho. E caiu.



O único que não foi encontrado nunca pela polícia foi Claude Ashton.

Isolar o leproso e amparar sua família sadia, é o caminho seguro para extinção da lepra no País.

Auxilie a Sociedade do Distrito Federal de Assistência aos Lázaros — Rua Santa Luzia, 798 — 15.º and.-s. 1513 — Fone 42-8264.



A cronica social carioca registrou, no dia 10 do corrente, o enlace matrimonial da sra. Gilda Pereira das Neves, filha do contra-almirante Guilherme Bastos Pereira das Neves, diretor da Diretoria de Navegação do Ministério da Marinha, e de d. Luiza Pereira das Neves, com o dr. Abel Monteiro de Barros Filho, filho do dr. Abel Monteiro de Barros.

O ato civil, realizado às 15 horas na residência dos pais da noiva, á rua Custódia Serrano, 56 (Lagoa), foi testemunhado, por parte da noiva, pelo sr. Luiz Guilherme Pereira das Neves e senhora Alzira Costa, e por parte do noivo, o dr. Rubens Castro Nunes e d. Dinah Monteiro de Castro.

A cerimonia religiosa foi oficiada na Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, ás 17 horas, servindo de padrinhos por parte da noiva, o sr. Abel Monteiro de Barros e senhora Lucie Harcreaves, e por parte do noivo, o comandante Eduardo Martins de Oliveira e senhora Lidia Spiller.

Após a solenidade religiosa, o casal Guilherme Bastos Pereira das Neves, ofereceu aos seus inumeros amigos fidalga recepção, á qual compareceram elementos destacados da sociedade paulista e riograndense do sul, os quais foram especialmente convidados.

Na fotografia que acima estampamos, vêem-se os noivos quando assinavam o contrato nupcial.

A arte da fotografia

(Continuação da pág. 21)

Em 1894, a Sociedade de Fotografia da Grã Bretanha se transformou na Royal Photography Society, atingindo uma posição de supremacia sobre todas as outras instituições mais novas. Iniciou-se então um movimento para fundir todas as sociedades numa organização denominada Affiliation of Photographic Societies, que regulava e coordenava suas atividades, realizava conferencias, regulava as exposições e concursos, e dava assistência ás sociedades menores e mais fracas. Muitas das sociedades, no entanto, preferiram se ligar a uma federação ou a uma união local, em vez de ser governada pela Ati-

nation de Londres. Assim se formaram a Yorkshire Photographic Union e a Lancashire and Cheshire Photographic Union antes de terminado o século passado, seguindo-se outras uniões do mesmo genero.

As atividades da Sociedade aumentaram consideravelmente nos ultimos anos tendo sido formados varios grupos para cultivar modalidades especiais da arte fotografica. Existem assim o Pictorial Group, o Miniature Camera Group e uma Secção Cinematografica, reunindo um total de mais de 2.500 membros. Esses grupos organizam conferencias e exposições, que constituem o programa da Sociedade, de modo que há geralmente duas ou três conferencias por semana. Além disso, são realizadas duas exposições mensais de fotografia, com uma exposição anual, em setembro e outubro. Nessa exposição são apresentadas não só fotografias, mas também amostras dos ultimos produtos de todos os ramos da ciencia e da industria — Cor, Historia Natural, Gravações, Fotomicrografia, radiografia, metalurgia, geologia, meteorologia, imprensa, illustração, commercio, industria e estereoscopia e também cinematografia (embora esta ultima seja geralmente reservada para uma exposição independente).

As maiores honrarias que a sociedade pode conferir são a Progress Medal e a Honorary Fellowship (membro honorario). Essas honrarias são conferidas pelo Conselho, por iniciativa propria, e não podem ser obtidas a requerimento. São distribuidas muito raramente e constituem o orgulho supremo do mundo fotografico. A "associationship" e a "fellowship" são conferidas pelo Conselho, mediante requerimento appoiado por provas, sendo um reconhecimento de grande proficiencia nos varios ramos da fotografia, no primeiro caso, e no segundo o reconhecimento de habilidade especial (no que se refere á originalidade). As exigencias para a "fellowship" são muito maiores do que para a "associationship". Os principais fotografos de quasi todos os paises do mundo são "fellows" da Real Sociedade de Fotografia.



Sr. Henrique da Silva Pinto, diretor e fundador da Escola para Chauffeurs de S. Paulo, cujo aniversario natalicio transcorreu no dia 16 do corrente.

eis um FUTURO CAMPEÃO!

• E é muito natural que o venha a ser, pois seus alimentos, desde as sopas de creme, verduras e deliciosos pudins, são cuidadosamente preparados com a insuperável

MAIZENA DURYEA

Receitas com MAIZENA DURYEA

A MAIZENA DURYEA 54
Caixa Postal, 6-B - São Paulo
Peço enviar-me, GRATIS, o livro
"Receitas com Maizena Duryea"

NOME _____
RUA _____ ESTADO _____
CIDADE _____

HEMORRHOIDAS? tome
EM TODAS AS FARMACIAS E DROGARIAS
Pílulas de Herva de Bicho
 Composição misturada
 LK. 5518
 M-8-928-013.2
DO DE OVÍDIO? INFLAMA-DO E DUREZA NO OVÍDIO? 9/50 PÍLULAS SEDINA

DIABETE-OBESIDADE-MAGREZA

Medicamentos indicados de tratamento de DIABETE, MAGREZA, OBESIDADE, DIABETE e FENÓTIPO DE VENTIL
 Exatidão diagnóstica e terapêutica (regulamentar). Glândulas da secreção interna
 HORMONALISMO BARAL • TUBAGEM DUODENAL
 CLÍNICA ESPECIALIZADA DO
DR. ALARICO SOARES
 Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Seção de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro
 Consultório: Edif. Glória — 2.º Andar Alameda, 27-2.º and. sala 33 — Class. Médica. Fones 28-8110 e 24-4808 — Consultas: Das 12 às 16 horas.

SOFRE DO FIGADO? tome
BIO-HEPAX
 Produto do Laboratório da GUARANIDINA

DE TEATRO

(continua da pág. 18)

chenkca, Michel Vitold que traduz, de maneira perfeita, a paixão fria de Ivan. Enfim, Jacques Dufhilo que representa um Smerdiakov epilético, repugnante, com muita perfeição.

Essas e outras realizações teatrais fazem que a primeira grande estação depois da guerra esteja assumindo as mesmas e relevantes proporções de antes da guerra. Mal refeita dos dias trágicos ainda não esquecidos, a França aí está com o seu nível cultural em perfeita forma e mostrando ao mundo que seu povo não perdeu o gosto pelas legítimas expressões de arte, antes, o robusteceu ao contacto dos dias amargos. Um teatro melhor para um povo que sofreu e melhorou seus sentimentos, eis o lema a que obedecem os espetáculos de agora, teatro que nos dá Garcia Lorca, Dos-
 toiewski, Jacques Copeau e Claude Vermorel, aplaudido todas as noites pelos parisienses e pelos filhos de outros

povos que continuam rumando para a Cidade-Luz, na certeza não desmentida de na mesma encontrarem as emoções de arte mais puras e mais altas. A versão nova de Joana d'Arc, por exemplo, sente o reflexo da última guerra e observa-se ao assisti-la, que foi escrita com os nervos do autor em ebulição, quando a França estava ainda sob o tácio nazista. Representada agora, já com o invasor expulso, é fácil avaliar o entusiasmo delirante que se apodera da platéia, nas cenas

culminantes. Por força o teatro francês de após-guerra tem de ser assim, revoltado e glorioso, enaltecendo o heroísmo de um povo que nem por sofrer mais, se acostuma á dór de ver o seu território dominado pelo inimigo.

Mas ha sempre um teatro-divertimento, mais leve, mesmo malicioso, a exemplo de "Le Cocu Magnifique de Cromelinck, e assim, podem os parisienses escolher para cada noite um gênero de espetáculo distinto e condizente com o seu estado de espirito.



Sabonete DORLY
 PREÇO POR PREÇO É O MELHOR!

A VENDA EM TODO O BRASIL

PaTerra

MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA
 De Mme. Campos
 LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
 A VENDA EM TODA A PARTE

PÍLULAS DE BRISTOL

Estimulam suavemente os intestinos e eliminam os resíduos e toxinas.

Vegetais e açucaradas

CABELOS BRANCOS? LOÇÃO Brilhante

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



O "POST SCRIPTUM"

(Continuação da pág. 27)

precisava terminar essa visita a vovô e voltar para casa para papai comer direito porque se ele não comer direito ele passa mau a senhora sabe. A senhora também se esqueceu de me ensinar como é que se bota o café no fogo e de noite vai querer botar café depois que a criada saiu e derrama tudo e no dia seguinte a criada acha ruim e ele só faz isso porque quer tomar café de noite porque não pode dormir de jeito nenhum. A senhora pre-

cisa encontrar um remédio. Se a senhora não puder vir logo a senhora me mande dizer como é que eu faço para ele ficar contente de novo mas eu acho que sem a senhora vir não adianta porque ele ficou triste depois que a senhora foi se embora.

Um beijo do seu filho

Alberto

Uma mão bateu no seu ombro. Assustou-se. Era o pai que lia a carta por cima do seu ombro.

Aquele estilo ingenuo, cheio de erros, do menino tocara-o profundamente. Tomou a pena e com letra firme rabiscou algumas linhas.

Perdão, querida. Você tinha toda a razão. Não posso viver sem você. Volte logo. Perdão.

Paulo.

*Realce seu Encanto
embelezando
seu Cabelo*



Para realçar a beleza do seu rosto e aumentar seu encanto pessoal, proporcione aos cabelos a vitalidade e o brilho que lhes assegura o Tricófero de Barry. Famosa loção rejuvenescedora, Tricófero de Barry vem sendo usado, com pleno êxito, há mais de um século, por todos os que desejam eliminar a caspa, evitar a queda e o embranquecimento prematuro dos cabelos, e as afecções do couro cabeludo.

Adote Tricófero de Barry — e verificará, por si mesma, o acerto da sua escolha.

*Tricófero
de Barry*
EM USO DESDE 1801

TB-1

I-A

A paisagem era a mesma de ontem...

(Continuação da pág. 23)

dos do homem. A mulher feia é como um espinheiro de mal cheiro. A gente olha para a mulher feia e fica logo triste. A consciência fica pesando, como se nós tivéssemos culpa de alguma coisa.

A mocinha em frente, preocupada com o vestido que lhe subia os joelhos a todo ins-

tante, cruzava e descruzava as pernas. A vista dos membros inferiores daquela desajeitadinha, um pensamento novo ocorreu ao nosso meditando Cresos.

Ha dois anos já que via passar quase todos os dias, diante de sua casa, aquela garota que morava na casa vizinha. E no entanto, nunca lhe falara. Era o diabo. Não tinha coragem. Um impulso inicial o levava a falar, mas as palavras não saíam. Lembra-se até daquele dia em que quando ela passava, a chamou: "Psiu, psiu..." e ela se voltou, com aqueles olhos grandes alaranjados, aqueles cabelos louros de sol, aquele corpo sinuoso e aquele sorriso de matar, voltou-se mirando-o. Ele abriu a boca para dizer "bom dia, como está? Eu sou seu vizinho. Como está?" Mas — oh desgraçado, porque se lembrara de chamar a moça, porque? — nem uma palavra sequer saiu de sua garganta sufocada pela emoção. Apenas um "não é nada" lhe salvou da situação, alguns instantes depois quando seu silêncio e o dela já eram insuportáveis e o seu rosto passava do amarelo para o vermelho, do vermelho para o roxo e suas pernas vacilavam como as de um dançarino na corda bamba. Ah, a vergonha daquele maldito dia! Até hoje ele sentia vontade de desaparecer da face da terra, de sumir. Ah, a vergonha desse dia!



E Em São Paulo...

é sempre agradável uma visita aos Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira

Sucessora de Mappin Stores

Pr. Ramos de Azevedo, 131

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 65 — 2.º loja

*Adquira o direito de ser jovem e bela
usando* VELAS ANTISSEPTICAS



EM TODAS AS FARMÁCIAS E DROGARIAS DO BRASIL

Tão grande
Perdeu o sor
nas ruas, evi
envergonhad
Ah, como des
a garota de
os ensolarar
de sorriso qu
unto daque
conhecia, m
anos! Beijar
do-lhe palav
Meu amor,
como nos cin
meu limão d
nem nunca
para que g
mos morar
naquela casi
REVISTA D
um fordeco,
mas dívidas
zinha de olh
de sua exist
E Cresos
Daria pena
dias muito
casa vizinh

TR

E' tão deli
suelta a pert
um célebre aut
sugestivo: "A
gédia feminina
os meses do a
de toda ordem
E a triste per
culados se to
não permita qu
A ciência coloc
o remédio cop
que é fabricad
qualador Xavier
regas abunda
Regulador Xav
de regas e s
o N.º 1 ou o
terá efficacimen
os dias tristes
guardião da s
do mês e toda

COM
COS

Ap
suas he
felga
apre
per e
pondê
fissão
Torne
se nos
ção su
fissão
pols de
estudo
lidade
stmas
hoje r
coupon

INSTITU
Calxa
Ilmo. R.
foto sob
NOME: -
RUA: -
CIDADE:
ESTADO:

Tão grande que quase o levava ao suicídio. Perdeu o sono por semanas. Fugia de a ver nas ruas, evitando-a como quem evita a peste, envergonhado, timorato, humilhado. Pernas! Ah, como desejaria agora estar ao lado daquela garota de olhos alaranjados, de louros cabelos ensolarados, de corpo gentil e gracioso, de sorriso que mata! Como gostaria de estar junto daquela môça de quem nem o nome conhecia, mas que era vizinha sua há dois anos! Beijar-lhe-ia as faces, os lábios, dizendo-lhe palavras ternas de amor. "Meu amor! Meu amor, meu grande e único amor!" — como nos cinemas... E diria: "Tu não sabes, meu limão doce, como gosto de ti. Nem sabes nem nunca saberás. Como eu tenho rezado para que gostes de mim. Casaremos, iremos morar naquela casa lá em Bangu, sim naquela casinha branca que eu vi ontem na REVISTA DA SEMANA. Teremos um rádio, um fordeco, uma criada, um galinheiro, algumas dívidas e muitos filhos". Bah!... A vizinha de olhos alaranjados nem sequer sabia de sua existência...

E Cresos queria tão bem àquela môça. Daria pena se o leitor soubesse. Todos os dias muito cedinho êle a via no quintal da casa vizinha, lavando os cabelos e sepe-

ando ao sol. Era de matar ver aquilo... Mas não se atrevia a dizer palavra. Nem um "bom dia" nem um "boa noite", principalmente depois da primeira experiência.

★

Cresos todas as vèzes que se metia a pensar, coitado, sentia cada vez mais crescer o seu desespero. O que costumava sonhar diferia tanto do que em realidade podia fazer... Se tivesse dinheiro talvez se atrevesse, mas não tinha. Não lhe restava mais nada por esperar. Seu destino estava traçado. Era pobre, ridículo por ter grandes sonhos, não tendo um vintem de seu. A vida já lhe era uma tortura, uma inconsequência.

O trem chegou à gare. Os passageiros se movimentaram para o desembarque. Cresos, contudo, continuava distante, olhando sem ver, olhando para dentro de si mesmo e nada

encontrando. Aquêles malditos desejos, aqueles desgraçados sonhos lhe toldavam a vista e os pensamentos.

Por fim, como um autômato, deixou-se arrastar pela multidão que saía apressada para o trabalho. Foi sendo arrastado, até que um pesado caminhão o pisou, no meio da rua, esmagando-lhe o corpo e os sonhos nunca realizados. Cresos não viu a sombra do veículo, não ouviu o grito dos que lhe avisaram, não sentiu a dor do inevitável e violento choque. Seus olhos tinham ainda por última visão às minúsculas gotas da garça no vidro da janela do trem, os cabelos louros de sol da garota sua vizinha. Nos seus olhos, vidrados, haviam lágrimas coaguladas.

Arrastaram seu corpo mutilado para perto do meio-fio. Ali, voltado para cima, seus olhos abertos e parecendo espantados, fixavam-se no céu muito azul e muito distante.

TRAGÉDIA FEMININA

É tão delicada e sensível a saúde feminina, está ela sujeita a perturbações tão frequentes e torturantes que um célebre autor deu a uma obra sua a respeito este título sugestivo: "A Tragédia Biológica da Mulher". Sim, a tragédia feminina, os mesmos e dolorosos sofrimentos todos os meses do ano e todos os anos da vida. Perturbações de toda ordem, dores, mal-estar, nervosismos, desânimo. É a triste perspectiva de males que se não forem bem cuidados se tornarão crônicos e incuráveis! Gentil leitora, não permita que a sua vida se transforme em tal tragédia! A ciência coloca ao seu alcance o seu grande remédio — o remédio capaz de afastar os seus males femininos, porque é fabricado de acordo com a natureza deles — o Regulador Xavier. O Regulador Xavier N.º 1 se aplica nas regras abundantes, hemorragias e suas consequências; o Regulador Xavier N.º 2 se aplica na falta ou diminuição de regras e suas consequências. O Regulador Xavier — o N.º 1 ou o N.º 2, de acordo com o seu caso — combaterá eficazmente os seus males e riscará do seu calendário os dias tristes e dolorosos. Faça do Regulador Xavier o guardião da sua saúde, e viva alegre e feliz todos os dias do mês e todos os meses do ano.

CORTE E COSTURA



Aproveite suas horas de folga para aprender

per correspondência, SEM SAIR DE CASA, uma profissão que de muito lhe valerá para o futuro. Torne-se UMA PERFEITA MODISTA graças ao nosso sistema exclusivo e nossa organização superior. Poderá exercer sua nova profissão logo depois de iniciar os estudos. Mensalidades suavisimas Envia-nos hoje mesmo o coupon abaixo:

GRATIS

Cada aluna receberá: Figurinas moderníssimas - Carteira de Identidade - 100 Cartões de Visita - Serviço especial de consultas.

INSTITUTO POPULAR DE ENSINO
Caixa Postal 5317 - São Paulo

522

Ilmo. Sr. Diretor: Peço enviar-me GRATIS, o folheto completo sobre o curso de Corte e Costura por correspondência.

NOME:

RUA:

N.º

CIDADE:

ESTADO:

NÃO! ASSIM NÃO!

— isso é *Beleza de Máscara!*

QUE É BELEZA-DE-MÁSCARA? É esta falsa aparência de beleza conseguida com os recursos de um "maquillage" excessivo, com o fim de ocultar ou disfarçar imperfeições da cutis. Além de artificial e efêmera, essa "Beleza-de-Máscara" constitui perigo para a vital respiração da pele.

PARA EVITÁ-LA, NÃO OCULTE, NÃO DISFARCE! CORRIJA AS IMPERFEIÇÕES COM LEITE DE COLÔNIA!

Para a mulher, mirar-se ao espelho é um dever... Dever para com a beleza... Faça-o sempre demoradamente, cuidadosamente... E, quando descobrir alguma imperfeição, acautele-se! Não convém disfarçar, nem ocultar... Sardas, manchas, rugas, espinhas ou cravos não podem ser escondidos sob a

"Beleza-de-Máscara"! É muito perigoso ostentar esse disfarce! Fuja dele, corrigindo, eliminando as imperfeições! Deixe esse cuidado ao Leite de Colônia, que, limpando, alvejando e amaciando a pele, permite criar em sua cutis uma beleza jovem, radiante e, principalmente, real!

Leite de Colonia

— LIMPA, ALVEJA E AMACIA A PELE!



NADIR — Muito prazer, eu sou...
CARLOS — A passageira misteriosa do camarote 26...
NADIR — Por que misteriosa?
CARLOS — Todos a bordo estão intrigados por não
verem no tombadilho ou no salão de refeições...
NADIR — Eu tive motivos para me ocultar até que o
vapor saísse das águas brasileiras.

CARLOS — Vem fugindo?...
NADIR — Talvez... O capitão...
CARLOS — Perdão. Apenas um tenente, senhorita...
NADIR — Pois bem, o senhor tenente com certeza está
maginando que fujo da polícia?
CARLOS — Não, senhorita. Acredito que esteja fu-
gindo de seus admiradores. Pois bonita como é eles a
devem aborrecer demais.

NADIR — Muito obrigada pelo elogio.
CARLOS — E agora, se me permite, tenho duas horas
antes de entrar em serviço... e...
NADIR — E...?
CARLOS — Pretendia ir ao bar... Mas sozinho é sem-
pre desagradável.

NADIR — Creio que não faltarão companhias ama-
veis para um jovem oficial de marinha.
CARLOS — Um pobre tenente, senhorita, dominado
pelo demônio da timidez. Diante duma mulher bonita sou
um desastre...

NADIR — Pois não parece...
CARLOS — E então, aceita o convite?
NADIR — Para um cock-tail?
CARLOS — Primeiro para um cock-tail... depois para
uma contradança...

NADIR — Está bem, concordo. Mas não haverá de-
pois, após a contradança...
CARLOS — Depois deveria existir um passeio pelo
tombadilho... Mas, infelizmente, depois entro em serviço
e fico proibido de olhar o céu como romântico...

NADIR — E como irá olhar?
CARLOS — Como se fitasse uma bússola. Para orien-
tação, para observação do tempo...

NADIR — E as estrelas servem para alguma coisa
mais que para observação de rumo?

CARLOS — Servem para se fazer sonetos... Para
iluminar os casais românticos que se debruçam nas amu-
ras e trocam beijos rápidos...

NADIR — Senhor Carlos...
CARLOS — Desculpe-me, eu sou tímido...
NADIR (RINDO) — Se não fosse tímido, meu Deus!...

CONTROLE — PASSAGEM MUSICAL

SONIA — Tag... veja quem vem entrando...
TAG — É justamente a passageira do camarote 26.
Éra isso que eu pretendia lhe dizer quando chegou o vio-
linista...

SONIA — E desde quando você sabia que Nadir es-
tava a bordo?

TAG — Só soube hoje, Sonia. E agora é inútil.

SONIA — Ela é teimosa. Não esperei que tivesse co-
ragem para fazer isso. Já é ser obstinada. Não se deixar
vencer...

TAG — Ela tem a quem sair, Sonia. Herdou as qua-
lidades maternas. Ela vem se dirigindo para cá...

SONIA — Vamos sair, Tag. Não desejo vê-la... A
surpresa foi grande e ela iria se divertir à minha custa...

TAG — Então vamos, Sonia.

SONIA — E para sair seremos obrigados a passar
por ela...

TAG — Eu sempre a conheci calma, Sonia. Vamos...
(PASSOS)

NADIR (APROXIMANDO-SE) — Madame Sonia, que
prazer em vê-la... Não esperava encontrá-la a bordo...

SONIA — Interessante, porque na última vez que es-
tivemos juntas eu a avisei que pretendia viajar. Até pa-
rece que cheguei a dar o nome do vapor...

NADIR — É possível... Mas permita-me apresentar-
lhe o tenente Carlos... Madame Sonia, a famosa vidente...

AMBOS — Muito prazer.

NADIR (CONTINUANDO) — E aqui Tag, seu secre-
tário...

AMBOS — Prazer...

NADIR — Madame Sonia costuma prever coisas fabu-
losas. Adivinha fatos que irão suceder muitos anos de-
pois... no entanto...

SONIA — No entanto...

NADIR — Não conseguiu prever que eu embarcaria
neste vapor. É interessante, não acha?

SONIA — Nem tudo que sucede nos é permitido co-
nhecer.

CARLOS — Se me permite a liberdade, aqui tem a
minha mão e gostaria de ler o futuro.

SONIA — Desculpe-me, senhor. Mas não sou uma
cigana ledora da buena-dicha. Não trabalho em público
e menos ainda de graça...

CARLOS — Perdão, minha senhora. Não tive intenção
de ofendê-la. Quis apenas indagar o meu futuro num gesto
instintivo de curiosidade...

SONIA — É um rapaz simpático e vejo que a minha
resposta deixou-o um tanto encabulado. Portanto vou
atendê-lo em parte. Tag.

TAG — Pronto, madame.

SONIA — Tag, o que poderia eu dizer sobre o pas-
sado do tenente?

TAG — Que tem 26 anos... nasceu no Rio de Janeiro,
acaba de conhecer a senhorita Nadir num tombo de escada
e que é um galanteador incorrigível...

CARLOS (RINDO) — Formidável!

SONIA — Poderia acrescentar que antes de encon-
trar a Nadir esteve contemplando o luar em companhia
de uma outra jovem...

CARLOS — Basta, minha senhora, basta. Estou sa-
tisfeito.

NADIR — Como sempre Tag mantém um perfeito ser-
viço de investigação.

TAG — Exatamente, senhorita. E é assim que sei para
onde comprou passagem e que já está providenciando
para prosseguir viagem. E talvez consiga...

CARLOS — Não abusando de sua bondade, minha
senhora, poderia dizer-me se o tombo desta senhorita terá
alguma gravidade? Pergunto porque ela caiu em meus
braços...

SONIA — Isso irá alterar a sua vida. E possivelmente
também a dela. E eu ficaria satisfeita se tal sucedesse.
Bem, agora, se me dão licença, vou me recolher...

SONIA — Não pronuncie esse nome. Aquela Nadir que você conheceu está morta. Agora estou eu aqui, Madame Sonia...

OTAVIO — E' incrível como eu a tenha esquecido. Eu devia de ter reconhecido você... A sua voz... Os seus olhos...

SONIA — Vinte anos são um tempo enorme para guardar uma recordação carinhosa. Em vinte anos só não se esquece o sentimento de ódio. Eu jamais poderei esquecer...

OTAVIO — Você não me odeia pelo nosso passado, Nad... quero dizer, Sonia. Finalmente, foi uma aventura. Coisas que sucedem todos os dias.

SONIA — Todos os dias... Todos os dias não apareceu um coração capaz de amar como eu o amei, Otavio.

OTAVIO — Perdão. Eu jamais poderia esperar que tivesse sido uma figura assim tão marcada em sua vida.

SONIA — E mesmo que soubesse teria partido da mesma forma. Você não iria sacrificar a sua carreira de artista por uma garota sentimental e tôla que ficou chorando no cais do porto.

OTAVIO — Tem razão. Eu sempre fui egoísta... Ou melhor, sempre fui artista. Dos amores que passaram pela minha vida nada ficou além da minha arte.

SONIA — Engana-se. Ficou...

CONTROLE — INTERLUDIO

OTAVIO — Ficou o quê?

SONIA — Nossa filha. Uma criança por quem tenho lutado e sofrido...

OTAVIO — Uma filha?!... Então eu... eu sou pai de uma criança?

SONIA — De uma linda mulher de vinte anos, Otavio.

OTAVIO — Você nunca me disse...

SONIA — E como poderia dizer? Se você jamais abriu as cartas que eu lhe enviava... Depois parti. Fui para a Europa á sua procura. Sofri fome e humilhações. E como eu o odiei, Otavio...

OTAVIO — Eu não me recordo de havê-la encontrado na Europa.

SONIA — Passou um dia por mim. Foi num café em Paris. Eu estava numa mesa bebendo qualquer coisa. Quando você passou levantei-me e fui puxá-lo pelo braço. Você retirou o braço brutalmente, chegou mesmo a me empurrar, julgando-me uma qualquer...

OTAVIO — Não podia adivinhar.

SONIA — Nem sequer olhou para o meu rosto. Para o meu rosto que sorria através das lágrimas... Naquela noite pensei em me matar. E o teria feito não fôra um outro vagabundo. Desde essa noite nasceu Sonia. E até hoje esperava este dia...

OTAVIO — Para que?

SONIA — Pretendia insultá-lo muito. Desejava fazê-lo sofrer. E no entanto, que miséria, vejo que tudo foi natural.

OTAVIO — E' a vida.

SONIA — Sim... E' a vida. A vida que corre como um rio, levando-nos a nós, pobres mortais, como seixos rolados. E que mal existe quando duas pedras se chocam e se afastam? E' a vida... Tem razão, Otavio. E' a vida... Eu já não o odeio mais. E sinto-me melhor assim.

OTAVIO — Estou contente por termos chegado a este resultado.

SONIA — Se me dissessem que eu iria conversar com você, com esta calma, eu não acreditaria. E aqui estamos...

OTAVIO — E a nossa filha?

SONIA — Vive.

OTAVIO — Sabe ela que eu...?

SONIA — Não... Nem mesmo sabe que eu sou a mãe dela. Disseram-lhe que a mãe morreu. Que o pai é um grande artista boêmio que anda correndo mundo e manda, de vez em quando, um cheque para ser depositado em nome dela...

OTAVIO — Mas então?...

SONIA — Nossa filha tem uma fortuna em seu nome. E só saberá que fui eu quem a deu, depois de haver completado 25 anos... Antes disso terá a ilusão que o pai a quer muito.

OTAVIO — E talvez a quisesse, caso a conhecesse. E' isso possível?

SONIA — Não sei se valeria a pena. Enfim... Esperemos. Quanto tempo ficará no Brasil?

OTAVIO — Dois meses se tanto. Depois irei a Buenos Aires e em seguida regresso a Nova York afim de cumprir um contrato.

SONIA — Então creio que terei tempo de descobrir um meio de aproximá-la de você.

OTAVIO — E' uma estranha sensação a da gente saber-se pai, de um momento para outro. A minha filha...

CONTROLE — PASSAGEM MUSICAL

NADIR — Se meu pai não fosse um estranho para mim, se estivesse aqui, eu teria com quem me aconselhar. Mas não tenho ninguém por mim...

ROBERTO — Tolices. Não há conselhos para você, Nadir. O que eu preciso é que você acredite em mim.

NADIR — Como posso acreditar em você, se ela vem aqui, diz que vai partir e que você irá junto? Eu duvidei e no entanto, agora, você tudo confirma.

ROBERTO — Essa mulher é diabólica, Nadir. Eu tenho negócios para ver no estrangeiro. Foi por isso que reservei passagens nesse vapor. Ela sabendo disso, embarcará no mesmo navio afim de dar a você a ilusão de que sou eu que a sigo.

NADIR — Roberto, você jura que é ela quem o está perseguindo? Jura que ela vai embarcar apenas para seguí-lo?

ROBERTO — Juro pelo amor que lhe tenho, Nadir. E já estou imaginando a viagem horrível que terei de fazer.

NADIR — Nesse caso cancele a viagem, Roberto. Ela partirá e você continuará aqui comigo.

ROBERTO — Não é possível, querida. Eu não posso deixar de embarcar. Tenho compromissos seríssimos no estrangeiro.

NADIR — Está bem. Não discutiremos. Quando parte o navio?

ROBERTO — Dentro de 15 dias...

NADIR — E' nacional?

ROBERTO — Não... Um navio norte-americano. Por que?

NADIR — Nada... Eu não quero me despedir de você. Prefiro não lhe dizer adeus...

REVISTA DA SEMANA
CONTROLE — PASSAGEM MUSICAL

JULIA — Mais uma vez vamos dizer adeus ao Brasil, Tag.

TAG — Eu já estou acostumado a estas viagens apressadas. E confesso mesmo que já estava cansado de ficar aqui. Nunca ficamos mais que seis meses numa cidade.

JULIA — Pois eu, francamente, já estou me cansando. Já estou velha, em idade de ter a minha casa. O meu canto para viver... Detesto viagem por mar.

TAG — Não será longa a viagem, creio.

JULIA — Por mais curta que seja será longa para mim.

TAG — É sempre agradável ver terras novas, caras diferentes.

JULIA — Mas não é esse o motivo que leva a patrão para fora do Brasil.

TAG — Isso eu bem sei. O que Sonia deseja é levar o Roberto para longe da filha.

JULIA — E olhe lá que faz bem. E eu digo mais, Tag. Se Roberto calasse ao mar durante a viagem não se perderia nada.

TAG — Você gosta sempre das soluções violentas, Julia... (RI)

JULIA — Um homem desses é um pecado que continue vivo. Só serve para fazer a infelicidade dos outros. (PORTA)

SONIA (ENTRANDO) — Discutindo, Julia?

JULIA — Não, Sonia. Falando verdades.

SONIA — A respeito de que?

TAG — Como sempre falando mal de "seu" Roberto.

SONIA — "Seu" Roberto será bonzinho, pelo menos durante alguns meses em que estará viajando. Quando está a bordo é a criatura mais adorável que existe...

TAG — Para você, Sonia. Eu o acho detestável em terra e no mar...

JULIA — Pois eu acho que ele estaria muito bem no fundo do mar.

SONIA (RINDO) — Vocês são terríveis...

TAG — Julia está brincando. Ela não gosta mesmo de viajar. Em compensação eu estou satisfeíssimo.

SONIA — E tenho uma novidade para vocês...

TAG — Qual?

SONIA — Nesse mesmo navio embarcará uma figura conhecida...

JULIA — Quem?

SONIA — Um célebre violinista. ...

TAG — Otávio?!

SONIA — Sim... Otávio será nosso companheiro de viagem. E creio que será ótimo. Verei até que ponto consegui me libertar da lembrança dele.

CONTROLE — PASSAGEM MUSICAL — FUNDO COM RUÍDO DE ONDAS BATENDO

SONIA — Está uma viagem calma e uma linda noite...

TAG — Três dias de viagem e nenhum incidente que quebrasse a monotonia.

SONIA — Prefiro assim...

TAG — Onde está Roberto?

SONIA — No bar... Deixei-o tomando um cock-tail e vim para o tombadilho gozar a beleza desta calma...

TAG — Sonia, eu, embora em férias, não perdi o hábito de indagar, espionar, saber da vida de todo o mundo...

SONIA — Sim... E que tem mais? TAG — Você reparou que no momento da embarcação existe um lugar vago donde que embarcamos?

SONIA — Sim... Com certeza algum passageiro que não tem sido do camarote...

TAG — E naturalmente devem existir motivos para isso...

SONIA — Os motivos são sempre os mesmos: indisposição...

TAG — Este não... É um caso que irá lhe interessar muito. Sabe quem viaja no camarote número 28?

SONIA — Não... Quem?

TAG — É...

CONTROLE — ENCERRAMENTO MUSICAL

SPEAKER — Quem será o estranho passageiro do camarote 28? Aguardem a solução deste mistério na próxima segunda-feira, neste mesmo horário. E hoje mesmo mande a sua carta dizendo com qual das duas mulheres deverá Roberto ficar... A sua opinião é valiosa. Afim de lhes facilitar o julgamento, vamos dar a palavra a Julia, a fiel companheira de Sonia. Julia...

JULIA — Senhores ouvintes, Sonia ama Roberto com a calma das muitas decepções e com a serenidade dos seus 38 anos... Nadir o quer com os sonhos dos seus vinte anos. Ambas têm direito ao amor. Mas poderá um homem como Roberto dar amor? Não creio... A melhor solução que eu encontro é que ambas desistam dele. Mas como fazer com que Nadir desista? Bem, creio que disso me encarregarei eu... Mas antes espero a sua opinião ouvinte...

CONTROLE MUSICAL — ABERTURA MUSICAL

SETIMO CAPITULO

SPEAKER — Sonia, a vidente, sabendo que Nadir está apaixonada por Roberto, resolve embarcar e levá-lo consigo. Nadir é filha de Sonia, embora ignore. E estão a bordo quando Tag vem á amurada conversar com Sonia. Sonia fala que seu trabalho de investigação levou-o a observar os passageiros a bordo. E foi assim que notou a ausência de um passageiro á mesa das refeições. E descobriu que esse passageiro que viaja sem sair da cabine é...

CONTROLE — SOBE A MUSICA E DESAPARECE — EM FUSÃO COM RUÍDOS DE MAR

SONIA — E quem é esse estranho passageiro, Tag?

TAG — Uma pessoa por quem você se interessa muito.

OTAVIO (APROXIMANDO-SE) — Boa noite, Nad... Sonia. Não imagina o prazer que experimento em tê-la como companheira de viagem...

SONIA — Otávio! Você? Mas que surpresa! Três dias de viagem e agora você me aparece?

OTAVIO — Embarquei em Santos. Tinha um camarote reservado neste vapor. Não esperava encontrá-la.

SONIA — Tag, meu secretário, estava me dizendo que havia descoberto um passageiro misterioso...

TAG — Não me referia ao maestro, madame Sonia.

SONIA — Não? Então continuamos com mistério a bordo...

OTAVIO (RINDO) — Um bom amigo para um investigador policial... E, finalmente, eu descobri que a situação tem uma calma. Então mistérios.

SONIA — Eu também. No entanto, Tag está me fazendo morrer de impaciência.

TAG — Reservome para lhe dizer à noite o que descobri. E agora, se me dão licença...

SONIA — A vontade, Tag. Procure-me mais tarde no bar...

TAG — Perfeitamente. Mas, até mais ver. (PASSOS SE AFASTAM)

OTAVIO — Bem estranho esse indú que a acompanha, Sonia.

SONIA — E' um grande amigo.

OTAVIO — Onde o encontrou?

SONIA — Em Paris. Na quase miséria em que eu me encontrava. Naquela noite em que você passou por mim sem me conhecer, eu fiquei desesperada. Pensei em me atirar ao Sena. Estava na amurada da ponte, disposta a seguir os meus intentos quando Tag apareceu. Foi ele quem me deu o nome de Sonia. Foi ele quem me fez a Vidente.

OTAVIO — Esses indianos conhecem muitos mistérios da vida.

SONIA — Tag não é indú. E' um brasileiro, como eu, como você. Fez-se indú como eu me fiz Madame Sonia... Alguns trucs de prestidigitação e muita habilidade em investigar as vidas alheias fizeram dele um mestre de ciencias ocultas. (RIEM)

OTAVIO — E dizer-se que eu, quando fui procurá-la há dias, pensei em indagar sobre o futuro...

SONIA — No entanto, só poderia falar-lhe sobre o passado. O seu passado...

OTAVIO — O nosso passado. E lembra-se da revelação que me fez?

SONIA — Sim... A respeito de nossa filha.

OTAVIO — Eu mostrei desejos de vê-la e você prometeu uma aproximação.

SONIA — Sim, Otavio. Prometi. Mas você também sabe que Nadir ignora que sou mãe dela. E, por uma estranha coincidência, uma verdadeira ironia do destino, Nadir está amando...

OTAVIO — E' moça e, segundo diz você, bonita... Tem esse direito.

SONIA — Ela está amando o homem que...

OTAVIO — Continue.

SONIA — Otavio, você foi o meu grande amor na vida. E para você não passei de uma aventura a mais. Durante muito tempo vivi cultuando a saudade que você deixou. Mas tudo passou. E quando transformei meu amor em ódio, procurei nos beijos de outro consolo para a minha vida vazia...

OTAVIO — Um novo amor?

SONIA — Não será novo amor, e talvez mesmo, nem amor. Mas há seis anos esse homem está ligado à minha vida. Roberto soube fazer despertar meu coração, vibrar minh'alma.

OTAVIO — E Nadir...

SONIA — Gosta de Roberto. Compreende agora? Se Roberto fosse um homem digno, eu que tenho renunciado a tanta coisa na vida, não teria dúvidas em abandoná-lo

para que pudesse viver com ele. E eu também sou uma mulher...

OTAVIO — Mesmo assim...

SONIA — Mesmo assim eu vivo com ele... Também se pode amar uma alma feita de lama, Otavio. Mas eu sei quem é Roberto. Sei me defender dele. Nadir vê em Roberto o Príncipe Encantado. E por isso embarquei apenas para o casamento.

OTAVIO — E Roberto?

SONIA — Vá comigo. Roberto pertence a essa classe de homens que se levam de um lado para outro, como um cãozinho de luxo. Ele não vive sem dinheiro. E eu tenho dinheiro.

OTAVIO — Ele está a bordo então?

SONIA — Sim. Você terá oportunidade de conhecê-lo. Lembra-lhe, no entanto, que ele ignora todo o meu passado. Sabe que existiu um outro. Mas não sabe que esse outro é você. (OT) Mas em que está pensando?

OTAVIO — Em Nadir. Como não terá ficado a pobre moça, vendo o homem que ama partir assim...

SONIA — Eu sei o que ela sofrerá. Eu sofri muito Otavio. Mas é para o bem dela. E' moça, foi um romance apenas em começo. Há de esquecê-lo. E depois é rica, muito rica...

OTAVIO — Rica?

SONIA — Sim... Eu depusitei uma fortuna em nome de minha filha.

OTAVIO — Sonia, você é uma mulher admirável.

SONIA — Mas falemos do presente, do futuro. O passado é triste demais para o estarmos recordando numa noite tão bonita.

OTAVIO — Tem razão. E eu já disse que detestava mistérios. Às vezes vou a um teatro ou cinema e aconteço de estarem apresentando um trabalho policial. Eu me retiro. Tenho verdadeiro pavor de me ver envolvido algum dia num caso complicado...

NADIR (AFASTADA) — GRITA.

OTAVIO — Um grito de mulher?!...

SONIA (RINDO) — Talvez aí esteja o que você temia, o caso misterioso a bordo...

OTAVIO — Aí vem Tag, talvez possa nos explicar o que houve.

SONIA — Aconteceu alguma coisa, Tag?

TAG — Nada de importancia. Ouvindo o grito pensei em você, Sonia. E quando me dirigia para cá foi que vi o que aconteceu...

OTAVIO — E quem foi?

TAG — U'a mocinha. Falseou o pé e ia rolando o escada. Felizmente um oficial subia logo após. E ao cair ela teve a surpresa de o fazer nos braços dum jovem e simpático oficial...

SONIA — E assim talvez um romance se inicia...

CONTROLE — PASSAGEM MUSICAL

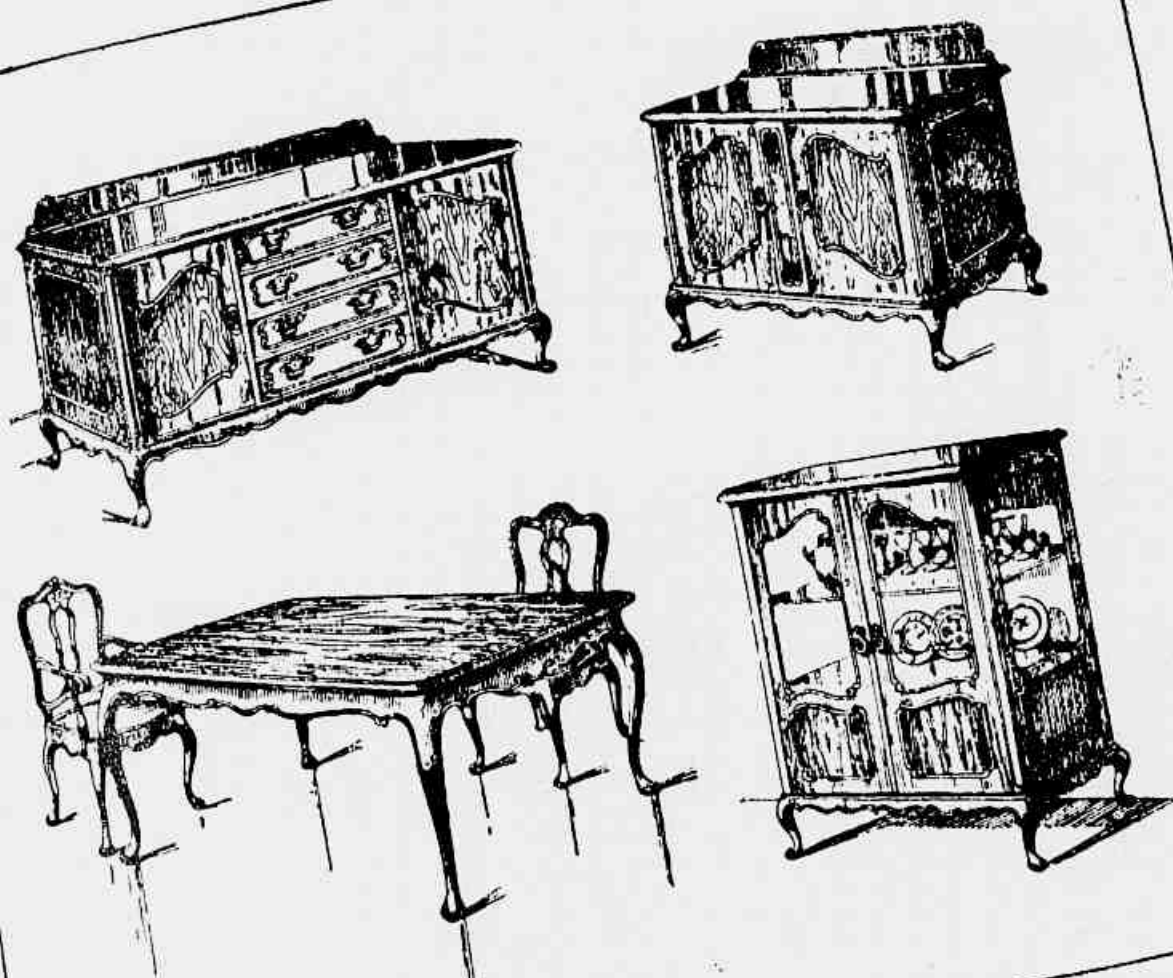
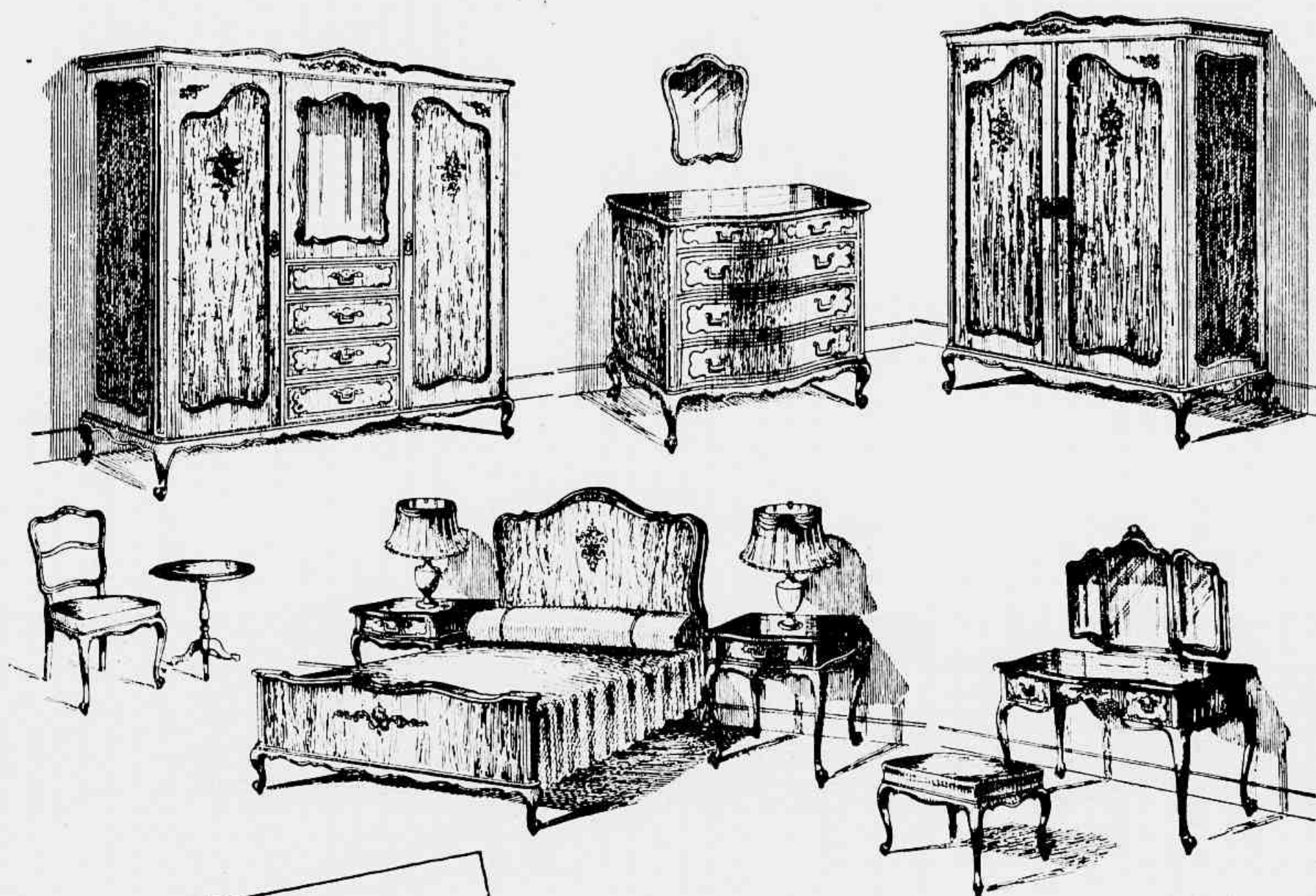
NADIR — O senhor não pode imaginar o susto que levei...

CARLOS — Imagino, senhorita. O meu susto não foi menor quando abri os braços e ao fechá-los encontrei um anjo...

NADIR — Ora, senhor... senhor...

CARLOS — Carlos. Carlos do Amaral.

P
E
N
D
A
L
E



Os moveis chipendale estão em grande voga. A sua adaptação a qualquer estilo arquitetônico, com os quais condiz sempre sem grande prejuízo da homogeneidade de linhas, os tornam compatíveis tanto com um interior da residência moderna, como com uma construção colonial.

Nesta pagina apresentamos dois excelentes grupos chipendale. Ao alto um rico dormitorio, composto de dez peças em madeira clara e fosca. Em baixo, uma sala de jantar simples mas elegante. Estes dois mobiliários serão de grande efeito para um apartamento de duas ou três peças, que pode com o seu auxilio ser decorado com gosto e distinção.

ROVEITE as OFERTAS ESPECIAIS

TRADICIONAL VENDA ANUAL

DE
MÓVEIS, TAPÊTES
TECIDOS PARA
DECORAÇÕES E
MUITOS OUTROS
ARTIGOS

ASA

UNES

65 — RUA DA CARIOCA, 67 — RIO





EM CAIXAS DE 100
E MACOS DE 20



CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ